

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENGENHARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Fabiane Tubino Garcia

**ANÁLISE DOS FATORES CRÍTICOS DE
RISCO DE MORTALIDADE PARA AS
MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**

Porto Alegre

2022

FABIANE TUBINO GARCIA

Análise dos fatores críticos de risco de mortalidade para as micro e pequenas empresas

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Engenharia, na área de concentração em Sistemas de Produção.

Orientador: Profa. Carla Schwengber ten Caten, Dra.

Porto Alegre

2022

Fabiane Tubino Garcia

Análise dos fatores críticos de risco de mortalidade para as micro e pequenas empresas

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutor em Engenharia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profa. Carla Schwengber ten Caten, Dra.
Orientador PPGEP/UFRGS

Prof. Alejandro Germán Frank, Dr.
Coordenador PPGEP/UFRGS

Banca Examinadora:

Professor Claudio Sonáglío Albano, Dr. (UNIPAMPA)

Professora Aline Marian Callegaro, Dra. (UFRGS)

Professor Diego Augusto de Jesus Pacheco, Dr. (AARHUS UNIVERSITY)

AGRADECIMENTOS

À **UFRGS**, pelo ensino de qualidade e por todos esses anos de tanto conhecimento!

À **UNIPAMPA**, que me acolhe desde 2012, que sempre me apoiou no doutorado!

Ao **SEBRAE**, em especial ao Sr. Kennyston por sua atenção com este trabalho e por disponibilizar os dados que foram utilizados nesta tese.

À querida professora **Carla Schwengber ten Caten** que não mediu esforços para me ajudar na finalização deste trabalho. Obrigada pelo apoio, pela oportunidade e por compartilhar seus conhecimentos!

Aos **professores do PPGEP**, em especial a **Prof. Marcia e a Prof. Maria Auxiliadora** por darem a oportunidade de trabalhar e de publicar meu primeiro livro! Obrigada por todo aprendizado!

Ao **Prof. Alejandro Germán Frank**, pela compreensão e por toda atenção e disponibilidade que teve comigo na reta final do curso!

Ao **Prof. Claudio Albano, Prof. Diego Pacheco e Prof. Aline Marian**, sem palavras para agradecer tamanho apoio, incentivo e carinho recebido! Obrigada pelas revisões e contribuições realizadas no trabalho!

Ao professor e amigo **Cesar De Ré** por sempre me incentivar ao doutorado e a carreira acadêmica! Sinto muito carinho por toda a família!

A **secretaria do PPGEP** por sempre me auxiliar no curso e me receberem todas as manhãs com um sorriso carinhoso no rosto!

As colegas **Cristiane Araújo e Elaine de Campos** por estarem sempre disponíveis para me auxiliar e por todas as palavras de carinho recebida!

Ao **Alisson**, pela parceria, sugestões e pela disponibilidade!

As minhas queridas amigas do italiano: **Diana, Gínia, Márcia e Ângela**. Obrigada por tantas emoções vividas com vocês, por tantas conversas boas e por essa amizade tão linda que nos une!

Aos meus sogros **Sr. José Balardim e Sra. Jocilda** que sempre me acolheram com muito amor! Obrigada por tantas idas e vindas à rodoviária e por todas as manhãs frias aguardando a minha chegada à capital. Obrigada por todo o apoio, carinho e atenção que sempre tiveram comigo!

Ao meu **cunhado Eduardo** e sua esposa **Adriana**, agradeço por todos os momentos de alegria que passamos juntos e por tantos outros que virão. Obrigada por me darem o presente mais lindo e carinhoso do mundo: meu afilhado **Pedro!**

A toda a *família Tubino* que sempre vibrou com minhas vitórias e sempre me acolheu em todos os momentos! Obrigada por tanto carinho, pelos momentos gastronômicos de muita alegria que sempre compartilhamos!

A *família Dias* por me fazer sentir parte desta família! Obrigada por dividir o Marco de Ferro comigo e por todos os momentos de alegria!

Ao *Sr. Edson Larri, Sra. Ivonete, Dona Sônia*, obrigada pelo carinho, por cuidarem da nossa casa e das minha plantinhas!

Não poderia deixar de agradecer e de lembrar aqueles que partiram e que não estão mais fisicamente conosco: *Sr. Romeu Funk Tubino, Sra. Neco Gonçalves Tubino, Sra. Aurora Braz Garcia, Srta. Ligia Tubino, Sr. Iodeniz Gonçalves Tubino, Sra. Brígida Machado e Sr. Marco Antônio Machado*. Seus ensinamentos, sorrisos, abraços e todos os momentos que compartilhamos com muito amor ficarão para sempre nos meus pensamentos! Saudades!

Aos *meus pais Castelar Braz Garcia e Sonia Tubino Garcia*, obrigada por me darem a vida, por me incentivarem nos estudos, pelos abraços carinhosos, pelos ensinamentos, pelo exemplo que representam, pelos mimos, pelos beijos estalados, pelos aconselhamentos e por tanto amor! Amo vocês!

Ao *meu irmão Leandro* por seu carinho, pelas conversas, pela parceria nos lanches e na pizza, por dividir sorrisos e a vida comigo! Te amo maninho!

Ao meu *esposo Rafael Balardim*, a pessoa que roubou meu coração e que faz minha vida mais alegre e colorida! Obrigada por existires e por me fazer rir todos os dias! Obrigada por dividir a vida comigo, por cozinhar tão bem, pela nossa casa e por termos os melhores cachorros, o Blau e o Baco!

RESUMO

O empreendedorismo é um grande incentivador do crescimento econômico e por isso exerce um papel importante nas economias nacionais. Nesta perspectiva surgem as micro e pequenas empresas (MPEs) que geram renda, produção e proporcionam oportunidades de trabalho. Entretanto, diversos problemas têm sido observados na prática das MPEs e, com isso seu desempenho não tem sido o esperado. Ocorre que muitas dessas empresas são limitadas em estrutura organizacional, tecnologia, estratégias de gestão e recursos financeiros. Conforme suas limitações muitos são os riscos que incorrem neste segmento e dentre eles está o risco de mortalidade empresarial. Na literatura, é possível identificar que não há um fator isolado que determine o risco de mortalidade empresarial, mas sim o um conjunto das dificuldades internas e externas. Compreender os diferentes fatores que contribuem para o risco de mortalidade das MPEs é importante para direcionar os empreendedores na criação de estratégias e para auxiliar os governantes na elaboração de políticas públicas que deem suporte para o crescimento e para a criação de novos negócios. Com isso, o objetivo desta tese consiste em analisar os fatores que estão relacionados ao risco de mortalidade em micro e pequenas empresas, durante a crise da pandemia Covid-19. A partir de uma revisão sistemática de literatura foi evidenciado o estado da arte sobre o tema de mortalidade empresarial em MPE e foram identificados os fatores críticos de risco. Com base nesses fatores foi proposto um modelo conceitual mostrando as relações existentes entre as cinco dimensões de risco: Empreendedor, Gestão, Inovação, Clientes e Fatores externos. Na sequência foi proposto um modelo para estimar o risco de mortalidade para as MPE apontando os fatores críticos que explicam o risco durante a pandemia. Os achados, obtidos por um banco de dados de uma instituição brasileira, mostraram oito fatores significativos ao risco. Finalmente, foram verificadas as diferenças existentes entre os determinantes e o risco de mortalidade, comparados em dois cenários distintos da pandemia: início (abril/2020) e durante (setembro/2021). Os resultados mostraram diferenças significativas existentes entre os determinantes e o risco de mortalidade. Com isso foi possível verificar que a distribuição das categorias de alguns fatores de risco, depende se a empresa está ativa (aberta) ou inativa (fechada). Esta pesquisa contribui para uma reflexão sobre os fatores de risco de mortalidade que devem ser observados pelo empreendedor em diferentes momentos de crise, a fim de reduzir o impacto de pandemias na gestão das MPEs.

Palavras-chaves: Empreendedorismo. Mortalidade Empresarial. Fatores de Risco. Micro e Pequenas Empresas. Pandemia

ABSTRACT

Entrepreneurship is a great driver of economic growth and therefore plays an important role in national economies. In this perspective, micro and small enterprises (MSEs) generate income, production and provide job opportunities. However, several problems have been observed in the practice of MSEs and, with this, their performance has not been as expected. It turns out that many of these companies are limited in organizational structure, technology, management strategies and financial resources. According to its limitations, many are the risks that they incur in this segment and among them is the risk of corporate mortality. In the literature, it is possible to identify that there is not an isolated factor that determines the risk of corporate mortality, but rather a set of internal and external difficulties. Understanding the different factors that contribute to the mortality risk of Smes is important to direct entrepreneurs in the creation of strategies and to assist governments in the elaboration of public policies that support growth and the creation of new business. Therefore, the objective of this thesis is to analyze the factors that are related to the risk of mortality in micro and small companies, during the Covid-19 pandemic crisis. From a systematic review of the literature, the state of the art on the subject of corporate mortality in MSE was evidenced and the critical risk factors were identified. Based on these factors, a conceptual model was proposed showing the relationships between the five risk dimensions: Entrepreneur, Management, Innovation, Clients and External Factors. Subsequently, a model was proposed to estimate the risk of mortality for MSE indicating the critical factors that explain the risk during the pandemic. The findings, obtained from a database of a Brazilian institution, showed eight significant risk factors. Finally, the differences between determinants and mortality risk were verified, compared in two different pandemic scenarios: beginning (April/2020) and during (September/2021). The results showed significant differences between determinants and mortality risk. With this, it was possible to verify that the distribution of the categories of some risk factors depends on whether the company is active (open) or inactive (closed). This research contributes to a reflection on the mortality risk factors that should be observed by the entrepreneur in different moments of crisis, in order to reduce the impact of pandemics on the management of MSEs.

Keywords: Entrepreneurship. Business Mortality. Risk Factors. Micro and Small Enterprises. Pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Relacao entre os artigos da tese e objetivos de estudo.....	49
Figura 2. Etapas do protocolo PRISMA para revisão sistemática de literatura	62
Figura 3. Número de publicações por base de dados e Snowball.....	63
Figura 4. Número de publicações selecionadas por ano.....	64
Figura 5. Palavras-chaves dos artigos analisados sobre o tema.....	74
Figura 6. Modelo conceitual de risco de mortalidade em MPE.....	98
Figura 7. Relação entre fatores e risco de mortalidade em MPE.....	103
Figura 8. Visão geral do modelo conceitual utilizado na pesquisa e hipóteses.....	158
Figura 9. Sintetização dos fatores que explicam o risco de mortalidade em MPEs brasileiras, no contexto da pandemia.....	168

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Síntese das informações que compõem os artigos desta tese de doutorado.....	41
Quadro 2. Síntese dos fatores de risco analisados.....	43
Quadro 3. Termos importantes e definições.....	47
Quadro 4. Agenda e sugestões para trabalhos futuros sobre risco de mortalidade em MPEs.....	107
Quadro 5. Fatores de risco de mortalidade do questionário.....	151
Quadro 6. Síntese das variáveis independentes.....	154
Quadro 7. Técnicas estatísticas/procedimentos utilizados.....	155
Quadro 8. Percepção dos empreendedores sobre o impacto da crise nos negócios.....	165
Quadro 9. Perspectivas dos empreendedores sobre investimentos futuros nos negócios.....	166
Quadro 10. Perspectivas dos empreendedores sobre as vendas futuras.....	167
Quadro 11. Recomendações para evitar o risco de mortalidade durante uma crise.....	180
Quadro 12. Síntese dos determinantes de risco que foram analisados referentes a abril/2020 e setembro/2021.....	225

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Características gerais e anuais dos artigos selecionados.....	64
Tabela 2. Os dez periódicos mais produtivos sobre o tema desta revisão.....	66
Tabela 3. A evolução das pesquisas sobre mortalidade empresarial por tipo de método de pesquisa.....	67
Tabela 4. Os dez principais autores que mais publicaram sobre o tema.....	72
Tabela 5. Publicações e citações em destaque.....	73
Tabela 6. Fatores de risco de mortalidade relacionados ao empreendedor.....	75
Tabela 7. Fatores de risco de mortalidade relacionados a gestão empresarial.....	77
Tabela 8. Fatores de risco de mortalidade relacionados à inovação.....	82
Tabela 9. Fatores de risco de mortalidade relacionados aos clientes.....	86
Tabela 10. Fatores de risco de mortalidade relacionados aos fatores externos.....	87
Tabela 11. Classificação e frequência de citação dos fatores de risco de mortalidade em MPE.....	96
Tabela 12. Variáveis independentes significativas ao risco de mortalidade.....	160
Tabela 13. Valores estimados e razão de chance para as variáveis do modelo.....	160
Tabela 14. Matrix de confusão com previsão do modelo para a amostra de treino.....	163
Tabela 15. Parâmetros associados a previsão do modelo para amostra de treino.....	163
Tabela 16. Matrix de confusão com previsão do modelo para a amostra de teste.....	164
Tabela 17. Parâmetros associados a previsão do modelo para a amostra de teste.....	164
Tabela 18. Síntese do resultado das hipóteses testadas.....	173
Tabela 19. Composição da amostra na região sudeste, nos dois cenários analisados.....	224
Tabela 20. Teste Qui-Quadrado para a variável Faixa etária.....	227
Tabela 21. Teste Qui-Quadrado para a variável Escolaridade.....	228
Tabela 22. Teste Qui-Quadrado para a variável Gênero.....	228
Tabela 23. Teste Qui-Quadrado para a variável Faturamento mensal.....	228

Tabela 24. Teste Qui-Quadrado para a variável Necessidade de empréstimo.....	229
Tabela 25. Teste Qui-Quadrado para a variável Aprovação/reprovação de empréstimo.....	229
Tabela 26. Teste Qui-Quadrado para a variável Setor de atividade.....	230
Tabela 27. Teste Qui-Quadrado para a variável Tempo de atividade.....	230
Tabela 28. Teste Qui-Quadrado para a variável Porte da empresa.....	231
Tabela 29. Teste Qui-Quadrado para a variável Faixa etária.....	231
Tabela 30. Teste Qui-Quadrado para a variável Escolaridade.....	232
Tabela 31. Teste Qui-Quadrado para a variável Gênero.....	232
Tabela 32. Teste Qui-Quadrado para a variável Dívidas/empréstimos.....	232
Tabela 33. Teste Qui-Quadrado para a variável Faturamento mensal.....	233
Tabela 34. Teste Qui-Quadrado para a variável Uso do Pix.....	233
Tabela 35. Teste Qui-Quadrado para a variável Necessidade de empréstimo.....	233
Tabela 36. Teste Qui-Quadrado para a variável Aprovação/reprovação de empréstimo.....	234
Tabela 37. Teste Qui-Quadrado para a variável Setor de atividade.....	234
Tabela 38. Teste Qui-Quadrado para a variável Porte da empresa.....	235
Tabela 39. Teste Qui-Quadrado para a variável Tempo de atividade.....	235
Tabela 40. Comparação da variável Faturamento nos dois cenários da pandemia	236
Tabela 41. Comparação da variável Necessidade de empréstimo nos dois cenários da pandemia	236
Tabela 42. Comparação da variável Aprovação/reprovação de empréstimo nos dois cenários da pandemia	237
Tabela 43. Comparação da variável Setor de atividade nos dois cenários da pandemia	237
Tabela 44. Comparação da variável Tempo em atividade no mercado nos dois cenários da pandemia	238
Tabela 45. Comparação da variável Faixa etária nos dois cenários da pandemia	238
Tabela 46. Comparação da variável Gênero nos dois cenários da pandemia	239
Tabela 47. Comparação da variável Escolaridade nos dois cenários da pandemia	239
Tabela 48. Comparação da variável Porte nos dois cenários da pandemia	240

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice A. Artigos selecionados para a revisão sistemática.....	122
Apêndice B. Frequência das dimensões e subdimensões de risco de mortalidade nos artigos selecionados.....	125
Apêndice C. Entidades de apoio aos pequenos negócios.....	191
Apêndice D. Principais medidas governamentais emergenciais para as MPEs brasileiras...192	
Apêndice E. Medidas emergenciais apoiadas pelo BNDES para as MPEs.....	195
Apêndice F. Análise descritiva do perfil do empreendedor e da empresa (em gráficos).....	200
Apêndice G. Análise descritiva das questões de gestão e inovação.....	204
Apêndice H. Análise descritiva das percepções dos empreendedores sobre o impacto da crise na gestão e inovação.....	210

LISTA DE ANEXO

Anexo A. Questionario de pesquisa.....	196
Anexo B. Questionário da pesquisa para artigo 3.....	256

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIC – Teste Akaike.

APEX-Brasil – Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos

ACCA – Association of Chartered Certified Accountants

CRM – Customer Relationship Management:

CSV – Created Share Value

EPP – Empresas de Pequeno Porte

EUROFOUND – European Foundation For the Improvement of Living and Working Conditions

WEF – Fórum Econômico Mundial

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

IOM – International Organization For Migration

ME – Microempresas

MPE – Micro e Pequena Empresa

MPME – Micro, Pequenas e Médias Empresas

MSB – Micro and small business

MSEs – Micro and small enterprises

NECI – Índice Nacional de Contexto de Empreendedorismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

OMS – Organização Mundial da Saúde

OECD – Organization for Economic Co-operation and Development

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

PIB – Produto Interno Bruto

PEAC – Programa Emergencial de Acesso a Crédito

PRISMA – Protocolo de Revisões Sistemáticas e Meta-análises

RFB – Receita Federal do Brasil

RSC – Responsabilidade Social Corporativa

SMEs – Small and medium enterprises

SWOT – Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats

SRF – Secretaria da Receita Federal

SEC-SP – Secretaria do Estado de SP

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

TI – Tecnologia da Informação

TEA – Total Early-Stage Entrepreneurial Activity

UGE – Unidade de Gestão Estratégica

WHO – World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	34
1.1	TEMA	38
1.2	OBJETIVOS	39
1.3	JUSTIFICATIVA, RELEVÂNCIA E ORIGINALIDADE DO ESTUDO	39
1.4	DELINEAMENTO DO ESTUDO	40
1.4.1	Descrição dos Estudos e Procedimentos	40
1.4.2	Método de Pesquisa	44
1.5	DELIMITAÇÕES DE PESQUISA	45
1.6	TERMOS IMPORTANTES E DEFINIÇÕES	47
1.7	ESTRUTURA DA TESE	48
1.8	REFERÊNCIAS	49
2	ARTIGO 1 – FATORES DE RISCO DE MORTALIDADE EM MPEs: REVISÃO SISTEMÁTICA E AGENDA DE PESQUISA	54
2.1	INTRODUÇÃO	54
2.2	MATERIAIS E MÉTODOS	59
2.3	RESULTADOS	63
2.3.1	Análise descritiva	63
2.3.2	Autores, publicações e palavras-chaves em destaque	72
2.3.3	Fatores de risco em MPE e o estado da arte sobre o tema	74
2.3.3.1	Riscos relacionados as características do empreendedor	74
2.3.3.2	Riscos vinculados a gestão empresarial	77
2.3.3.3	Riscos associados a falta de inovação no negócio	82
2.3.3.4	Riscos associados as dificuldades com clientes	85
2.3.3.5	Risco decorrentes de fatores externos	87
2.4	DISCUSSÃO	89
2.5	RELAÇÕES ENTRE AS DIMENSÕES E AS SUBDIMENSÕES DE RISCOS DE MORTALIDADE EM MPEs	93
2.5.1	Principais Dimensões e Subdimensões	96
2.6	MODELO CONCEITUAL DE RISCO DE MORTALIDADE EM MPEs	98
2.6.1	Relacionamento Multidimensional	99
2.6.2	Relação entre os fatores e o risco de mortalidade em MPE	102
2.6.3	Validação do Modelo	105

2.7	AGENDA DE PESQUISA FUTURA-----	106
2.8	CONCLUSÕES-----	109
2.8.1	Implicações Gerenciais-----	111
2.9	REFERÊNCIAS-----	113
3	ARTIGO 2 – PROPOSTA DE UM MODELO PARA PREVER O RISCO DE MORTALIDADE EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS-----	127
3.1	INTRODUÇÃO-----	127
3.2	REFERENCIAL TEÓRICO-----	133
3.2.1	As Micro e Pequenas empresas: características e classificações-----	133
3.2.2	O impacto da pandemia nas Micro e Pequenas empresas-----	135
3.2.3	Estudo sobre a Mortalidade Empresarial-----	139
3.2.4	Fatores de risco em MPE-----	140
3.3	MATERIAIS E MÉTODOS-----	148
3.3.1	Contexto e Design da pesquisa-----	148
3.3.2	Viés de não resposta-----	153
3.3.3	Descrição das variáveis-----	153
3.3.4	Técnicas de análise de dados-----	155
3.3.5	Hipóteses-----	157
3.4	RESULTADOS-----	158
3.4.1	Análise Descritiva-----	159
3.4.1.1	Perfil do empreendedor e da empresa-----	159
3.4.1.2	Informações de gestão e inovação-----	159
3.4.1.3	informações sobre a percepção dos empreendedores sobre a crise-----	159
3.4.2	Variáveis importantes para o modelo de estimação de risco de mortalidade-----	160
3.4.3	Análise das percepções sobre a crise x perfil do empreendedor-----	165
3.5	DISCUSSÃO-----	167
3.5.1	Implicações Teóricas, Gerenciais e Sociais-----	178
3.6	RECOMENDAÇÕES PARA EVITAR O RISCO DE MORTALIDADE DURANTE UMA CRISE-----	180
3.7	CONCLUSÃO-----	184
3.8	REFERÊNCIAS-----	185
4	ARTIGO 3 – DETERMINANTES DE RISCO DE MORTALIDADE EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O INÍCIO E DURANTE A PANDEMIA-----	212

4.1 INTRODUÇÃO-----	212
4.2 FATORES DE RISCO DE MORTALIDADE EM MPE-----	215
4.3 MATERIAIS E MÉTODOS-----	222
4.3.1 Contexto da Pesquisa e Banco de Dados-----	223
4.3.2 Viés de não resposta-----	225
4.3.3 Variáveis analisadas-----	225
4.3.4 Técnica de análise de dados-----	226
4.4 RESULTADOS-----	227
4.4.1 Análise do qui-quadrado -----	227
4.4.1.1 Cenário I. Início da pandemia (abril/2020)-----	227
4.4.1.2 Cenário II. Durante a pandemia (setembro/2021)-----	231
4.4.1.3 Comparação dos determinantes de risco das mpes inativas no cenário inicial e durante a pandemia-----	236
4.5 DISCUSSÕES-----	240
4.6 CONCLUSÃO-----	245
4.7 REFERÊNCIAS-----	246
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	261
5.2 CONCLUSÕES-----	261
5.3 SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISA-----	262

1. Introdução

O termo empreendedorismo representa a transformação de ideias em oportunidades, abrangendo indivíduos e processos na criação de negócios de sucesso (DORNELAS, 2008). Compreende a constituição de um trabalho autônomo, uma nova organização ou ampliação de um empreendimento já existente, por um indivíduo, uma equipe de indivíduos ou uma empresa estabelecida (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM, 2019). Salienta-se que os empreendedores são considerados agentes de mudança, pois o empreendedorismo consiste em explorar técnicas, em criar produtos e/ou gerar novos mercados (WENNEKERS et al., 2002).

Pesquisas comprovam que na América Latina e Caribe estão os níveis mais altos de atividade empreendedora, sua estrutura empresarial implica em um ambiente desafiador para iniciar um novo empreendimento (GEM, 2019). Também foi constatado que a Suíça é o país com maior Índice Nacional de Contexto de Empreendedorismo (NECI), seguida pela Holanda e pelo Catar. O NECI é um índice composto que representa o conjunto de condições estruturais de empreendedorismo nacionais, ou seja, a facilidade em começar e desenvolver um empreendimento. Essas condições estruturais dizem respeito a educação para o empreendedorismo, ao incentivo a pesquisa e desenvolvimento (P&D) e políticas de governo (GEM, 2019). Os países que possuem os índices mais baixos do NECI são o Irã, Porto Rico e Paraguai.

A taxa de empreendedorismo total, no Brasil, em 2019, foi de 38.7% (53.5 milhões de brasileiros), superior ao ano de 2018, com 38% (51.9 milhões de brasileiros) (GEM, 2019). Estes dados assinalam que a atividade empreendedora faz parte da vida de muitos brasileiros, com idade entre 18 e 64 anos (GEM, 2019). Ainda, buscando identificar as motivações dos brasileiros para empreender, os resultados do relatório da GEM (2019) mostraram que 26.2% admitem que é pela escassez de emprego, 1.6 % apontam o empreendedorismo como forma de contribuir para um mundo melhor, 1.0% afirmam que é para construir uma grande riqueza, 0.4% indicam que é para continuar uma tradição familiar e 70.8% responderam que é mais do que uma motivação. Com isso, o estudo evidencia que a maioria dos brasileiros empreende por necessidade, visto que grande parte dos respondentes mencionaram que os empregos são escassos e ser dono do seu próprio negócio é uma das formas para ganhar a vida (GEM, 2019).

Acrescenta-se que o Brasil é o que possui a maior taxa de empreendedorismo (44.9%), mantendo-se à frente da China (26.7%), da Índia (10.2%), da África do Sul (9.6%) e

da Rússia (8.6%). O percentual de empreendedores brasileiros é superior se confrontado com o percentual dos Estados Unidos (20%), do Reino Unido (17%), do Japão (10.5%), da Itália (8.6%) e da França (8.1%) (GEM, 2019).

Nessa perspectiva de empreendedorismo surgem as micro e pequenas empresas (MPEs) que desempenham papéis significativos na economia de um país, contribuem para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), para a criação de empregos, a distribuição de renda e para o desenvolvimento socioeconômico (GALVÃO et al., 2020; LUKIYANTO; WIJAYANINGTYAS, 2020; CARDOSO et al., 2020; AGYAPONG et al., 2017; CHIKWECHE; BRESSAN, 2017; ABOR; QUARTEY, 2010).

Além disso, as MPES favorecem a estabilidade e equidade social, tornando-se, um setor importante para que as pessoas de baixa renda sobrevivam das dificuldades financeiras e para que possam competir no setor formal como proprietários e funcionários no seu ramo de atividade (JAMAK et al., 2014).

Ainda que seja difícil prever o número exato, autores citam que mais de 95% das empresas mundiais são micro, pequenas e médias (MPMe), sendo que a maior parte delas são as microempresas (ME) e as empresas de pequeno porte (EPP) (RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019; ACQUAAH; AGYAPONG, 2015; FATOKI; GARWE, 2010). Devido à diversidade de empreendimentos, de MPMe, surge a existência de classificação dessas categorias e, uma delas é o tamanho da empresa. Assim, internacionalmente, para classificar as empresas quanto ao tamanho, surge a predominância de três fatores, sendo eles: o número de funcionários, faturamento anual e a quantidade de ativos totais anual (ZARIDIS; MOUSIOLIS, 2014).

As MPES brasileiras representam cerca de 30% do PIB e correspondem a aproximadamente 8 milhões de empreendimentos, sendo 88% microempresas e 12% empresas de pequeno porte (RECEITA FEDERAL DO BRASIL - RFB, 2020). Na distribuição por setores, 44.9% são prestadoras de serviços, 34.3% são empresas comerciais, 9.9% representam as empresas industriais e 10.9% referem-se as empresas de construção civil e agropecuária (RFB, 2020).

Dado seu grau de relevância, surgem iniciativas de políticas públicas em benefício das MPES, por exemplo, a instituição do Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, criado pela Lei Complementar nº123/2006 para fomentar o desenvolvimento e a competitividade no setor e a disponibilização do Simples Nacional, em 2012, que se trata de um regime tributário com redução da carga de imposto e simplificação dos processos de cálculo e recolhimento (BRASIL,2015).

Com isso, o empreendimento para se encaixar no segmento das MPEs, deve atender aos pressupostos da Lei Complementar nº123, de 14 de dezembro de 2006, dentre eles, o disposto no artigo 3º, inciso I e II da referida lei: (I) no caso da microempresa, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$360 mil e, (II) no caso da empresa de pequeno porte aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$360 mil e igual ou inferior a R\$3,6 milhões (BRASIL, 2015).

Segundo a Organization for Economic Co-Operation and Development - OECD (2002), as MPEs são empreendimentos independentes, ou seja, não são filiais de outras empresas e, ainda que representem, dentro deste segmento, a forma mais simples de negócio, na maioria dos casos são limitadas em desenvolvimento, em capital de giro, em estrutura organizacional e em estratégia de gestão (ZAGER et al., 2016; BARTIK et al., 2020).

Algumas características das MPEs são: capital baixo; taxas elevadas de natalidade e de mortalidade; os proprietários, sócios e membros da família apresentam-se como mão-de-obra ocupada nos negócios; tomada de decisão centralizada; difícil distinção, principalmente em termos contábeis e financeiros, da pessoa física e jurídica; contabilidade pouco adequada; mão-de-obra não qualificada ou pouco qualificada; pouco investimento em tecnologia; dificuldade de acesso a serviços financeiros e, apresenta-se complementar e subordinada às empresas de grande porte (IBGE, 2001).

Acrescenta-se, que as empresas deste porte são frágeis e estão expostas a riscos nos anos iniciais de seu funcionamento no mercado, período em que os empreendedores estão aprendendo a operar um novo negócio (CONCEIÇÃO et al., 2018). A OECD (2002) destaca que o tempo tem uma conexão com o risco de mortalidade empresarial, visto que os empreendimentos mais novos demonstram maiores chances de fracasso nos primeiros anos. Tachizawa; Faria (2007) complementam que outro fator importante para diferenciar empresas em atividade de empresas extintas é o porte da empresa, ou seja quanto maior o empreendimento, maiores são as chances de sua continuidade no mercado (MACHADO; ESPINHA, 2005).

Assim, conceitua-se risco como um evento incerto que quando ocorre pode ter consequências positivas ou negativas (HILLSON; SIMON, 2007). Complementando, Aven; Renn (2009) salientam que o risco pode ser apresentado por meio de probabilidades e valores esperados ou por meio de eventos e incertezas. Já a mortalidade de uma empresa, representa a extinção dos fatores de produção, com a condição de nenhuma outra organização estar envolvida no processo, por exemplo em casos de fusão e reestruturação de empresa (OECD,

2002). Para verificar a mortalidade de uma empresa é necessário examinar se a produção está zerada e se não há empregados (OECD, 2002).

Com isso, percebe-se que as MPEs são instáveis e que muitas não sobrevivem além de três anos no mercado de atuação (LIBERMAN-YACONI et al., 2010). Ademais desta instabilidade, muitas dessas empresas não são regulamentadas e necessitam de capacitação estratégica e tecnológica para aumentar suas chances de sucesso e sobrevivência (LIBERMAN-YACONI et al., 2010; CONCEIÇÃO et al., 2018; GUNASEKARAN et al., 2011).

Santini et al. (2015) afirmam que não há um motivo isolado que determine o risco de mortalidade empresarial, mas que o acúmulo das dificuldades internas e externas, aumentam as chances que o empreendimento encerre as suas atividades operacionais (FERREIRA et al., 2012). Corroborando, Couto et al. (2017) acrescentam que os fatores que contribuem para o risco de mortalidade empresarial, podem ser: internos, que estão diretamente relacionados ao empresário e ao empreendimento, como a falta de planejamento estratégico e a falta de habilidades e competências gerenciais, e externos, que estão fora do controle do empresário, como as crises econômicas, financeiras e a regulamentação do governo. Com base nas causas os fatores de risco de mortalidade empresarial foram centralizados em três categorias, que são: (a) o Empreendedor, que se refere as características da pessoa física e a falta de experiência anterior; (b) a Empresa, que apresenta os problemas na gestão da empresa, e (c) o Ambiente, onde estão as dificuldades relacionadas ao contexto econômico e outros fatores de ordem conjuntural (Ferreira et al., 2012; Machado; Espinha, 2005).

A identificação dos fatores de risco de mortalidade em MPEs, são informações significativas e muito importantes para que outros empreendedores possam superar problemas semelhantes, realizando um planejamento que diminua o risco de mortalidade empresarial (MACHADO; ESPINHA, 2005). Nesse sentido, o conhecimento acerca dos fatores de risco de mortalidade relacionados às categorias, auxilia no direcionamento de investimentos e serve para direcionar ações voltadas à sobrevivência e ao crescimento empresarial (MACHADO; ESPINHA, 2005).

Diante isso, verifica-se que os micros e os pequenos empreendedores brasileiros convivem diariamente com o risco de mortalidade e, em dezembro do ano de 2019 os riscos aumentaram consideravelmente devido ao aparecimento da pandemia Covid-19 (SMART et al., 2021). Nesse contexto, os países entraram em crise (econômica, financeira, sanitária e social) e, conseqüentemente, os indivíduos e as empresas foram afetados, principalmente os pequenos negócios. Esta pandemia gerou grande impacto nos empreendimentos,

principalmente nas MPEs, onde 81% declararam uma diminuição de 50% no faturamento mensal, se comparado a um mês normal de atividade (SEBRAE, 2020).

Em julho de 2020 houve um auxílio financeiro do governo, à reabertura dos negócios em várias localidades e à adaptação das empresas e dos consumidores a esta realidade (SEBRAE, 2020). O auxílio governamental foi mediante à publicação de medidas para minimizar as dificuldades encontradas no período da pandemia, que foram: (a) o auxílio emergencial para os microempreendedores individuais (MEI), autônomos e empregados informais variando entre R\$600 e R\$1.200; (b) a suspensão de contratos de trabalho e redução de jornada com compensação do governo para o empregado e, (c) as linhas de crédito com juros menores para empresas que não demitem seus funcionários (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020).

A crise da pandemia Covid-19 é uma situação nova e com duração de tempo desconhecida (HE; HARRIS, 2020). Com isso, torna-se difícil fazer planejamentos quanto ao futuro devido às incertezas que foram originadas (WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO, 2020). Dependendo do tipo de negócio, esta crise representa uma oportunidade ou um perigo para o segmento (ALON et al., 2020).

Neste cenário, verifica-se a relevância que as MPEs têm para o desenvolvimento de um país, criando empregos e gerando renda para a população. E, por estarem inseridas num mercado dinâmico, com interferências internas e externas, surge, a seguinte questão de pesquisa: *Quais são os fatores críticos no risco de mortalidade em MPE e como estes fatores se relacionam?*

1.1 Tema

O tema desta pesquisa refere-se ao risco de mortalidade empresarial, com foco nas micro e pequenas empresas brasileiras.

A mortalidade empresarial é entendida como a extinção dos fatores de produção, com a condição de que nenhuma outra organização esteja envolvida no processo, como nos casos de fusões e reestruturações de empresas (OECD, 2002). É consenso na literatura que não há um fator isolado que determine o risco de mortalidade empresarial, mas sim o acúmulo das dificuldades internas e externas (SANTINI et al., 2015; FERREIRA et al., 2012).

Os fatores de risco associados à mortalidade podem ser amplamente classificados em: (a) empreendedor, que se refere às características da pessoa física e a falta de experiência anterior; (b) empresa ou negócio, que apresenta os problemas na gestão da empresa, e (c)

ambiente externo, onde estão as dificuldades relacionadas ao contexto econômico e outros fatores de ordem conjuntural (FERREIRA et al., 2012; MACHADO; ESPINHA, 2005). Mahamid (2015) apresenta outra classificação: (a) fatores gerenciais, (b) fatores financeiros e (c) fatores externos. A compreensão sistêmica dos fatores de risco é relevante para que outros empreendedores possam superar problemas semelhantes, realizando um planejamento que reduza o risco de mortalidade empresarial (FERREIRA et al., 2012; MACHADO; ESPINHA, 2005).

Assim, conhecer os problemas e desafios das MPEs ganhou importância nos níveis social, governamental, empresarial e acadêmico (AKUOKO ET AL., 2021; SMART ET AL., 2021; GUPTA; TRIPATHI, 2020; RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019). Além disso, as políticas macroeconômicas de uma nação e as atitudes de governo nesse âmbito influenciam tanto no fracasso como no sucesso de qualquer empreendimento (ARSLAN; KIVRAK, 2008).

1.2 Objetivos

O objetivo geral desta tese consiste em analisar os fatores críticos que estão relacionados ao risco de mortalidade em micro e pequenas empresas, no contexto da pandemia Covid-19.

Para alcançar o objetivo geral esta tese apresenta os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPEs a partir do estado da arte sobre o tema.
- b) Propor um modelo para estimar o risco de mortalidade em MPEs durante a pandemia
- c) Verificar as diferenças existentes entre os determinantes e o risco de mortalidade, comparados em dois cenários da pandemia.

1.3 Justificativa, relevância e originalidade do estudo

O empreendedorismo surge na perspectiva da criação de um novo negócio pela identificação de oportunidades. Neste cenário surgem as micro e pequenas empresas que desempenham papéis importantes para o desenvolvimento econômico de um país.

As empresas deste porte são frágeis e estão expostas a riscos nos anos iniciais de suas atividades no mercado, período em que os empreendedores estão aprendendo a operar um novo negócio (CONCEIÇÃO et al., 2018). É consenso na literatura que não há um fator isolado que determine o risco de mortalidade empresarial, mas sim o acúmulo das dificuldades internas e externas (SANTINI et al., 2015; FERREIRA et al., 2012). A compreensão sistêmica dos fatores de risco é relevante para que outros empreendedores

possam superar problemas semelhantes, realizando um planejamento que reduza o risco de mortalidade empresarial (FERREIRA et al., 2012; MACHADO; ESPINHA, 2005).

Apesar do crescimento de estudos na área, existe a falta de generalidade dos achados e diversos problemas de pesquisa permanecem nuclear. Ferreira et al. (2012) asseguram que o nível de integração entre os aspectos relacionados ao risco é praticamente indissociável. Gupta; Tripathi (2020) acrescentam que esse tema tem potencial para estudos futuros, pois muitos são os fatores que devem ser analisados para melhorar o desempenho das MPEs e auxiliar a economia local.

Este estudo também se justifica pela relevância do empreendedorismo como um dos principais propulsores para a constituição de novos empregos e sobretudo proporcionando inovações nas economias dos países (JABLONSKA; STAWSKA, 2020; RUSU; ROMAN, 2017). O empreendedorismo é uma tendência global e neste cenário surgem as MPEs que representam a maioria das empresas mundiais (RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019; ACQUAAH; AGYAPONG, 2015; FATOKI; GARWE, 2010).

Dado o exposto, esta tese torna-se importante pois contribui para que os empreendedores identifiquem as fraquezas e busquem mecanismos que os auxiliem na elaboração de ações estratégicas e no direcionamento de investimentos, para a sobrevivência das empresas. Acrescenta-se ainda, que este estudo possa direcionar os governantes na elaboração de políticas públicas que apoiem as MPEs em projetos inovadores, na facilitação de obtenção de crédito, na redução da informalidade, e que dê suporte para o empreendedor na criação de novos empreendimentos.

Um outro tópico de relevância para esta tese foi que a pandemia do Covid-19 causou um dos maiores impactos econômicos e sociais e, neste contexto, a pesquisa torna-se fundamental para coletar dados sobre os problemas e desafios enfrentados pelas MPEs. As pesquisas sobre o impacto de doenças pandêmicas devem ser constantes, considerando o surgimento de novas enfermidades (KIM et al.,2020), bem como sobre o gerenciamento de crise nos países, com a finalidade de aprofundar os conhecimentos sobre o assunto (KRAUS et al.,2020).

1.4 Delineamento do estudo

Nesta sessão foi apresentada a descrição dos estudos, os métodos e os procedimentos que foram empregados para alcançar os objetivos desta tese de doutorado.

1.4.1 Descrição dos estudos e procedimentos

Na sequência, apresenta-se uma síntese de todos os artigos que foram desenvolvidos para alcançar os objetivos específicos propostos para esta tese (Quadro 1).

Objetivo principal	Questão de Pesquisa	Método de Pesquisa	Resultados Obtidos	Estudos desenvolvidos
<p>Analisar os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPEs a partir do estado da arte sobre o tema.</p>	<p>QP1. Qual é o estado da arte sobre o tema de mortalidade empresarial?</p> <p>QP1a. Quais são os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE?</p> <p>QP2. Qual é o relacionamento existente entre os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE?</p>	<p>Revisão Sistemática de Literatura (RSL)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Classificação dos fatores de risco em cinco dimensões-chaves. - Elaboração de um modelo conceitual de risco de mortalidade em MPE - Apresentação da relação (causa-efeito) existente entre os fatores e o risco de mortalidade. - Elaboração de uma agenda de pesquisa futura apontando lacunas a serem exploradas 	<p>Artigo 1^(a)</p>
<p>Propor um modelo para estimar o risco de mortalidade em MPEs durante a pandemia.</p>	<p>QP1. Quais são os fatores gerenciais capazes de prever o risco de mortalidade em MPEs?</p> <p>QP2. Quais características do perfil empreendedor estão associadas ao risco de mortalidade em MPEs?</p>	<p>Pesquisa descritiva, explicativa e com abordagem quantitativa</p> <p>Técnica multivariada de Regressão Logística</p> <p>Teste Qui-quadrado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação dos fatores gerenciais e das características do perfil empreendedor que estão associadas ao risco de mortalidade em MPEs. - Construção de um modelo para estimar o risco de mortalidade para as MPEs - Análise das percepções dos empreendedores sobre o impacto da pandemia nas MPEs - Apresentação de soluções que 	<p>Artigo 2^(b)</p>

			auxiliem as MPEs a evitar o risco de mortalidade em períodos de crise.	
Verificar as diferenças existentes entre os determinantes e o risco de mortalidade, comparados em dois cenários da pandemia	<p>Q1: Existem diferenças significativas entre os determinantes e o risco de mortalidade das MPEs nos cenários inicial e durante a pandemia?</p> <p>Q1a: Se existem diferenças, quais são os determinantes de risco de mortalidade salientes em cada cenário?</p>	<p>Pesquisa descritiva, exploratória e com abordagem quantitativa</p> <p>Teste Qui-quadrado</p>	<p>- Análise dos determinantes que estão associados ao risco de mortalidade, no cenário inicial e durante a pandemia</p> <p>- Comparação entre os determinantes e o risco de mortalidade nas MPEs em dois cenários da pandemia</p>	Artigo 3

Quadro 1. Síntese das informações que compõem os artigos desta tese de doutorado

^(a)Artigo publicado no periódico *Sustainability*.

^(b)Artigo a ser submetido ao periódico *Journal of Business Research*.

Artigo 1: Fatores de risco de mortalidade em micro e pequenas empresas: uma revisão sistemática de literatura e agenda de pesquisa. Este artigo descreveu e analisou os resultados obtidos de uma revisão sistemática de literatura, sobre os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPEs a partir do estado da arte sobre o tema. Os estudos analisados foram pesquisados em 4 bases de dados: *Web of Science*, *Scopus*, *Taylor e Francis e Science Direct*, além disso, foi utilizada na investigação o método *Snowball*. Para apresentação dos resultados foi realizada uma classificação dos fatores de risco em cinco dimensões-chaves: Empreendedor, Gestão, Inovação, Clientes e Fatores externos. Os resultados mostraram que existem lacunas a serem exploradas e com isso foi elaborada uma agenda de pesquisa futura. Além disso foi possível a elaboração de um modelo conceitual para apresentar as relações existentes entre as dimensões-chaves e entre os fatores e o risco de mortalidade (relação causa-efeito). Foi verificada a importância na identificação dos fatores, associados as dimensões-chaves, para direcionar os empreendedores na elaboração de ações estratégicas, táticas e operacionais, no direcionamento de investimentos e de políticas públicas. Espera-se que essas informações sejam úteis para o desenvolvimento e a continuidade das MPE, visando a sua sobrevivência no mercado.

Este artigo apresentou uma revisão sistemática de literatura, que serviu como base teórica para os próximos artigos.

Artigo 2: Proposta de um modelo para estimar o risco de mortalidade nas micro e pequenas empresas. Este artigo teve como finalidade propor um modelo para estimar o risco de mortalidade em MPEs durante a pandemia. Por outro lado, também identificou os fatores gerenciais e do perfil empreendedor capazes de explicar o risco de mortalidade. O público-alvo foram as MPEs brasileiras. A técnica de análise dos dados utilizada foi a Regressão Logística. Para atingir o objetivo deste estudo foi desenvolvida uma pesquisa explicativa, descritiva e de abordagem quantitativa. Os resultados obtidos possibilitaram identificar os fatores críticos de gestão e do perfil empreendedor que estão relacionados ao risco de mortalidade empresarial, no período da pandemia Covid-19. Também foi possível analisar as percepções dos empreendedores sobre o impacto da pandemia nos negócios e suas perspectivas futuras.

As hipóteses testadas neste estudo foram:

H1: A baixa escolaridade do empreendedor (ensino fundamental/médio) está relacionada ao risco de mortalidade se comparada ao empreendedor que possui curso superior/pós-graduação durante a pandemia

H2: Gestores de MPEs do gênero masculino estão relacionados ao risco de mortalidade se comparado as MPE gerenciadas pelo gênero feminino durante a pandemia

H3: A falta informação sobre a medida emergencial de acesso a empréstimo está relacionada ao risco de mortalidade se comparada as MPE que conheciam e solicitaram este tipo de empréstimo durante a pandemia.

H4: A reprovação na solicitação de acesso a crédito está relacionada ao risco de mortalidade se comparado com as MPEs que tiveram crédito aprovado durante a pandemia.

H5: A falta de lançamento de novos produtos e serviços está relacionada com o risco de mortalidade se comparada as MPE que não desenvolveram novos produtos durante a pandemia.

H6: A não utilização das redes sociais, aplicativos e internet para as vendas está relacionada com o risco de mortalidade se comparada com as MPEs que utilizam esses canais de vendas durante a pandemia.

H7: O tempo de atividade da empresa com até 5 anos no mercado está relacionado com o risco de mortalidade se comparada com as MPE que estão há mais de 10 anos no mercado durante a pandemia.

O artigo2 complementou o artigo1 aprofundando os conhecimentos sobre o tema, com enfoque nos fatores gerenciais e nos fatores do perfil empreendedor que explicam o risco de mortalidade

Artigo 3: Determinantes de risco de mortalidade em micro e pequenas empresas: análise comparativa entre o início e durante a pandemia. Este artigo buscou verificar as diferenças existentes entre os determinantes e o risco de mortalidade em MPEs, comparados em dois cenários da pandemia O público-alvo foram as MPE pertencentes a região sudeste e o período de análise foram abril/2020 e setembro/2021. Para isso foi desenvolvida uma pesquisa exploratória, descritiva e de abordagem quantitativa. Os resultados obtidos possibilitaram identificar os determinantes significativos ao risco de mortalidade no início e durante a pandemia.

Este artigo serviu para complementar o artigo 2 da tese, assim como auxiliou no aprofundamento dos conhecimentos sobre o risco de mortalidade estudado em uma região brasileira.

1.4.2 Método de pesquisa

Nesta sessão são apresentados os procedimentos metodológicos que foram realizados para os alcançar os objetivos específicos desta tese.

Para atingir o primeiro objetivo específico “Analisar os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPEs a partir do estado da arte sobre o tema”, foi realizada uma revisão sistemática de literatura caracterizando esta pesquisa como exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória é aquela que tem como objetivo obter maiores informações sobre a temática, em geral é realizado um levantamento bibliográfico (PRODANOV; FREITAS, 2013). Já a pesquisa descritiva apresenta as características de uma determinada população (GIL, 2008). Este estudo proporcionou maior proximidade com a temática da tese e conhecimento acerca das pesquisas desenvolvidas e publicadas em periódicos nacionais e internacionais.

Para atingir o segundo objetivo específico “Propor um modelo para estimar o risco de mortalidade em MPEs durante a pandemia”, o método utilizado foi de pesquisa explicativa, que segundo Sampieri et al. (2006) é aquela que busca responder as causas dos acontecimentos, fatos, fenômenos físicos e sociais. Sua abordagem será quantitativa e descritiva. A pesquisa quantitativa é aquela que aplica técnicas estatísticas para a análise dos dados (HAIR JR. et al., 2005).

O terceiro objetivo específico buscou “Verificar as diferenças existentes entre os determinantes e o risco de mortalidade, comparados em dois cenários da pandemia”. Os dois cenários da pandemia analisados foram abril de 2020 e setembro de 2021. O método foi classificado como uma pesquisa exploratória, descritiva e de abordagem quantitativa. A pesquisa exploratória é orientada para a descoberta, assim são planos que não tem a intenção de testar hipóteses específicas de pesquisa (HAIR JR. et al, 2005).

1.5 Delimitações da pesquisa

Em relação à pesquisa “**Fatores de risco de mortalidade em micro e pequenas empresas: uma revisão sistemática de literatura e agenda de pesquisa**”, os resultados apresentados corresponderam aos estudos publicados em quatro bases de dados: *Web of Science*, *Scopus*, *Taylor e Francis* e *Science Direct*. A pesquisa abrangeu os seguintes filtros: (a) estudos sobre fatores críticos de risco de mortalidade em MPE; (b) tipo de documento, para o qual foram selecionados somente artigos científicos, (b) idiomas de publicação, sendo considerados artigos em inglês e (c) o período, que abrangeu de janeiro de 2000 a fevereiro de 2021. As palavras-chaves pesquisadas foram: *micro and small enterprise*, *MSB*, *SME*, *mortality of enterprise*, *closing of business and company bankruptcy*. Exemplo da combinação das palavras-chaves pesquisadas nas bases de dados: (“micro and small enterprise*” OR “MSEs” OR “SMEs”) AND (“premature* mortality* of enterprise*”) AND (“closing* of business*”) AND (“company* bankruptcy*”).

Este artigo limitou-se a investigar e analisar os fatores de risco de mortalidade somente em micro e pequenas empresas e verificar o estado da arte sobre o tema de mortalidade empresarial. Acrescenta-se que esta revisão iniciou no ano 2000, pois foi verificado que os estudos sobre mortalidade empresarial tiveram maiores publicações a partir deste período, ou seja, foram publicados, em média, 60 artigos por ano. Complementa-se que dos anos 60 até os anos 90 um número limitado de estudos foi publicado, em média, 6 artigos por ano.

Quanto a pesquisa para “**Propor um modelo para estimar o risco de mortalidade em MPEs durante a pandemia**”, as análises se limitaram aos dados secundários fornecidos pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), correspondente a uma pesquisa desenvolvida e intitulada de ‘O impacto da pandemia do COVID-19 nos pequenos negócios’. Esta pesquisa foi, inicialmente, realizada em março/2020 e a sua última atualização foi em setembro/2021. Neste estudo foi utilizada a pesquisa realizada em

novembro/2020 (9ª edição) e a amostra foi composta por 3344 micro e pequenas empresas das cinco regiões brasileiras. As microempresas (n=2140) e as empresas de pequeno porte (n=1204) representaram 64% e 36% do total, respectivamente. As respostas do questionário (Anexo A) que foram analisadas eram vinculadas a fatores gerenciais e fatores do perfil empreendedor (Quadro 2).

Dimensão	Subdimensão	Fatores de risco/Variável	Descrição da variável
Empreendedor	Perfil	Faixa etária	<36 anos; entre 36 e 55 anos; 55anos ou +
		Escolaridade	Ensino fundamental/médio; Graduação/pós-graduação
		Sexo	Masculino; Feminino
Gestão	Econômico-financeira	Dívidas/empréstimos	Dívidas em dia; Dívidas atrasadas; Não temos dívidas
		Principal dívida da empresa	Empréstimos bancários; Folha de pagamento; Aluguel; Fornecedores de matéria prima; Fornecedores de serviços; Impostos/taxas; Energia elétrica; Gás/combustível; Internet/telefone; outros
	Vendas	Redes sociais, aplicativos ou internet	Sim ou Não
		Faturamento mensal	Aumentou; Diminuiu; Permaneceu igual
	Pessoal	Demissão de funcionários	Sim ou Não
		Contratação de funcionários	Sim ou Não
	Acesso a crédito em instituições financeiras	Necessidade de empréstimo	Sim ou Não
		Aprovação/reprovação de empréstimo	Consegui o empréstimo; Estou aguardando uma resposta; Não consegui o empréstimo.
	Informação	Conhecimento sobre a medida emergencial de acesso a crédito com a maquininha de cartão	Eu estou sabendo, mas não tenho maquininha de cartão; Eu estou sabendo, mas não solicitei esse tipo de empréstimo; Eu estou sabendo e solicitei esse tipo de empréstimo; Não sabia dessa opção.
	Inovação	Desenvolvimento de novos produtos, serviços e processos	Lançamento ou comercialização de novos produtos ou serviços
Tecnologias digitais		Ferramentas digitais utilizadas	Programa (software ou aplicativo) de gestão; ferramenta para gestão de clientes (CRM); propagandas pagas no Google, Facebook ou Instagram; WhatsApp for Business; Google Meu Negócio; automação de processos.
Empresa	Perfil	Setor de atividade	Indústria; Comércio, Serviços; Agropecuária; Construção Civil
		Tempo de atividade	<5anos; entre 5 e 10 anos; >10 anos

		Porte	Microempresa ou Empresa de pequeno porte
		Ramo de atuação	Serviços de alimentação; Comércio varejista; Beleza, Moda; Construção Civil; Oficinas e peças automotivas; Economia criativa, Serviços empresariais; Artesanato, educação; Saúde; Turismo; Logística e transporte; Pet shops e serviços veterinários; Indústria de base tecnológica; Academias e atividades físicas, Energia; Agronegócio; Outros.
		Nº de pessoas ocupadas na empresa	Numérica

Quadro 2. Síntese dos fatores de risco analisados

Também foram analisadas 3 questões sobre a percepção dos empreendedores com relação ao impacto da pandemia nos seus negócios e suas perspectivas futuras. As variáveis analisadas foram: ‘Percepção sobre o impacto da crise’; ‘Perspectivas de vendas’ e ‘Investimentos futuros’. Para esta análise foram realizados cruzamentos entre as variáveis do perfil do empreendedor (faixa etária, gênero e escolaridade) e as variáveis de perspectivas futuras dos empreendedores relacionadas a investimentos, vendas e percepção sobre a crise.

Quanto à pesquisa intitulada “**Determinantes de risco de mortalidade em micro e pequenas empresas: análise comparativa entre o início e durante a pandemia**”, a análise limitou-se aos dados secundários coletados pelo Sebrae. Nesta investigação os determinantes de risco de mortalidade foram analisados em dois cenários da pandemia, em abril/2020 e setembro/2021, representando o período inicial e durante a crise pandêmica. Destaca-se que esta análise se limitou as MPEs da região sudeste do Brasil.

1.6 Termos importantes e definições

Nesta sessão foram apresentados os principais termos utilizados nesta tese, com suas respectivas definições.

Termos	Definições
Empreendedorismo	<i>Trata-se da criação de novas empresas, em detectar oportunidades de negócios, em assumir riscos e ter visão de futuro.</i>
Microempresa	<i>É uma sociedade simples, independente, de responsabilidade limitada e com registro nos órgãos competentes. De acordo com a Lei Complementar nº123/2006, que utiliza como critério de classificação a receita bruta anual, a microempresa, é aquela que arrecada, em cada ano-calendário, uma receita bruta igual ou inferior a R\$360mil.</i>

Pequena empresa ou empresa de pequeno porte	<i>Segundo a Lei Complementar nº123/2006, que utiliza como critério de classificação a receita bruta anual, a pequena empresa é aquela que arrecada, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$360mil e igual ou inferior a R\$4,8 milhões.</i>
Risco	<i>É considerado algo incerto que pode trazer efeitos positivos ou negativos para a empresa.</i>
Fatores de risco	<i>Refere-se as variáveis que podem atingir o negócio, isto é, são os elementos que podem contribuir para o risco de mortalidade empresarial.</i>
Fatores críticos	<i>Referem-se aos elementos que precisam ser observados e gerenciados para que não se tornem uma barreira para um novo empreendimento.</i>
Mortalidade empresarial	<i>Representa a descontinuidade de um empreendimento, ou seja, o fechamento da empresa. É a extinção de um negócio e dos seus fatores de produção.</i>
Pandemia Covid-19	<i>Trata-se de uma doença infecciosa que afeta uma região, sendo transmitida de pessoa para pessoa. Surgiu em 2019, na cidade de Wuhan, na China e em pouco tempo se espalhou por diferentes continentes resultando em uma crise econômica, financeiras e sanitária nos países. No Brasil, o primeiro caso de contaminação ocorreu em fevereiro de 2020.</i>

Quadro 3 - Termos importantes e definições

1.7 Estrutura da tese

Esta tese está organizada em três artigos, conforme apresentado na Figura 1. Os fatores de risco de mortalidade das MPEs são abordados no primeiro artigo (Capítulo 2 - “Fatores de risco de mortalidade em micro e pequenas empresas: revisão sistemática de literatura e agenda de pesquisa”), cujos resultados obtidos são de uma Revisão Sistemática de Literatura. Com base nos elementos identificados foi proposto um modelo conceitual e foi realizada uma agenda de pesquisa futura. O segundo artigo (Capítulo 3 – “Proposta de um modelo para estimar o risco de mortalidade em micro e pequenas empresas”) utilizou o banco de dados do Sebrae Nacional e procurou identificar os fatores que explicam o risco de mortalidade nas MPEs. O terceiro artigo (Capítulo 4 – “Determinantes de risco de mortalidade em micro e pequenas empresas: análise comparativa entre o início e durante a pandemia”) procurou verificar as diferenças existentes entre os determinantes e o risco de mortalidade em MPEs, comparados em dois cenários distintos da pandemia: início (abril/2020) e durante (setembro/2021). Com este artigo foi possível comparar as diferenças

existentes entre os determinantes e o risco de mortalidade das MPEs em dois cenários da pandemia. Foi obtida uma conexão com o artigo 2, visto que alguns determinantes foram importantes para determinar o risco em três momentos da pandemia estudados nesta tese. Por último, o Capítulo 5 apresentou as considerações finais desta tese incluindo sugestões para futuras pesquisas.

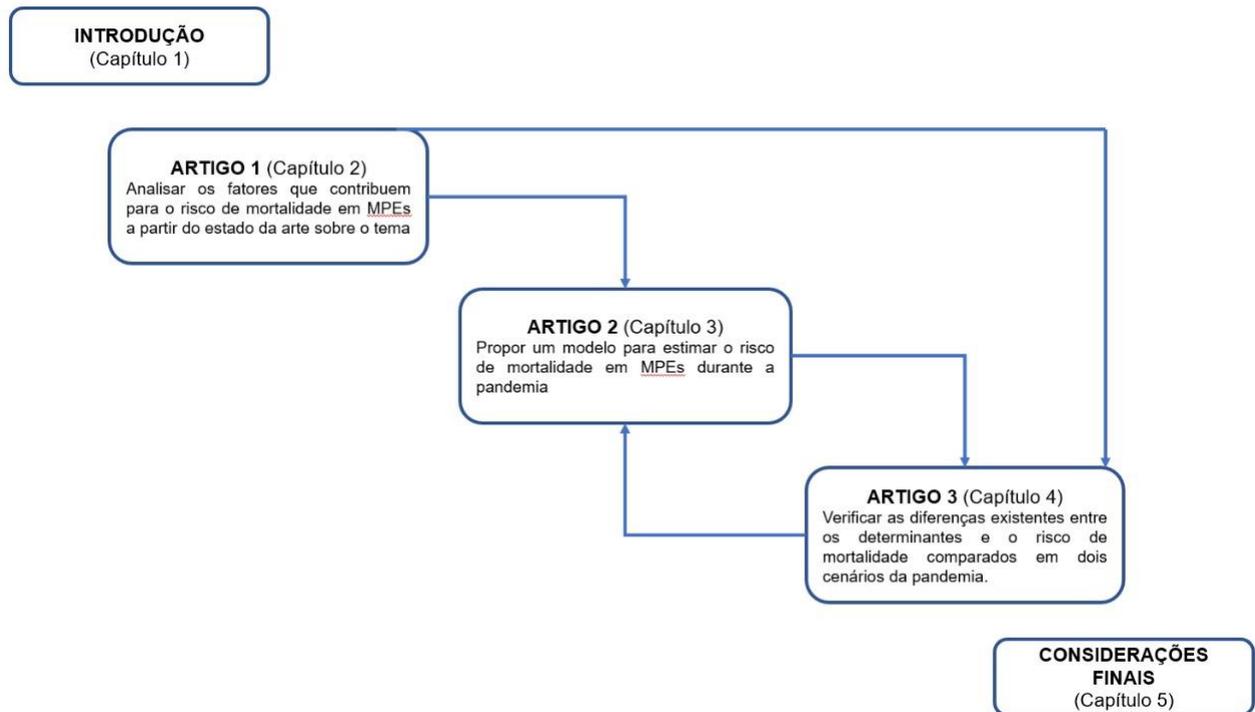


Figura 1. Relação entre os artigos da tese e objetivos de estudo

1.8 Referências

ABOR, J.; QUARTEY, P. Issues in SME development in Ghana and South Africa. *International research journal of finance and economics*, 39 (6), 215-228, 2010.

AGYAPONG, F. O. et al. Nexus between social capital and performance of micro and small firms in an emerging economy: The mediating role of innovation. *Cogent Business & Management*, 4 (1), 2017. DOI: 10.1080/23311975.2017.1309784.

AKUOKO, P.B. et al. Ghana's informal economic sector in the face of a pandemic. *Social Sciences & Humanities*, 3 (1), 2021.

ALON, I et al. Regime type and COVID-19 response. *FIIB Business Review*, v. 9, n. 3, p. 152-160, 2020. DOI:10.1177/2319714520928884.

ACQUAAH, M.; AGYAPONG, A. The relationship between competitive strategy and firm performance in micro and small businesses in Ghana: The moderating role of managerial and marketing capabilities. *Africa Journal of Management*, 1 (2), 172-193, 2015. DOI: 10.1080/23322373.2015.1025684.

ARSLAN, G.; KIVRAK, S. Critical factors to company success in the construction industry. *World Academy of Science, Engineering and Technology*, 45 (1), 43-46, 2008. DOI: 10.5281/zenodo.1332606.

AVEN, T.; RENN, O. On risk defined as an event where the outcome is uncertain. *Journal of Risk Research* Vol. 12, No. 1, January 2009, 1–11. DOI: 10.1080/13669870802488883. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248992436_On_risk_defined_as_an_event_where_the_outcome_is_uncertain. Acesso em: 12 Fev. 2021.

BARTIK, Alexander W. et al. The impact of COVID-19 on small business outcomes and expectations. *Proceedings of the national academy of sciences*, v. 117, n. 30, p. 17656-17666, 2020. DOI: 10.1073/pnas.2006991117

CARDOSO, H. H. R. et al. Evaluating innovation development among Brazilian micro and small businesses in view of management level: Insights from the local innovation agents program. *Evaluation and Program Planning*, 80. DOI: 10.1016/j.evalprogplan.2020.101797, 2020.

CHIKWECHE, T.; BRESSAN, A. A systematic review of future research challenges and prospects of organizational learning research in small medium size enterprises. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 30 (2), 175-191, 2017. DOI: 10.1080/08276331.2017.1362523.

CONCEIÇÃO, O. C. et al. Brazil's Simplified Tax Regime and the longevity of Brazilian manufacturing companies: a survival analysis based on RAIS microdata. *Economia*, 19 (2), 164-186, 2018. DOI: 10.1016/j.econ.2017.10.003.

COUTO, M. et al. Mortalidade Precoce das Micro e Pequenas Empresas: estudo das principais causas de falência empresarial em Bambuí/MG. *Revista da Micro e Pequena Empresa*. v.11, n.3 p. 39-53, 2017.

DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: Transformando ideias em Negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FATOKI O.; GARWE, D. Obstacles to the growth of new SMEs in South Africa: a principal component analysis approach. *African Journal of Business Management*, 4 (5), 729-738, 2010. DOI: 10.5897/AJBM.9000434.

FERREIRA, L. F. F. et al. A quantitative analysis of the premature mortality of small companies in the city of São Paulo. *Gestão & Produção*, 19 (4), 811-823, 2012. DOI: 10.1590/S0104-530X2012000400011.

GALVÃO, E. et al. A hybrid model for planning programming and control of production for micro and small enterprises. *Independent Journal of Management & Production*, 11 (4), 1163-1183, 2020. DOI: 10.14807/ijmp.v11i4.1111.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. *Empreendedorismo no Brasil*. Relatório Executivo, 2019. Disponível em: <http://ibgp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em: 10 de ago. 2020.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUNASEKARAN, A. et al. Resilience and competitiveness of small and medium size enterprises: an empirical research. *International Journal of Production Research*, 49 (18), 5489-5509, 2011. DOI: 10.1080/00207543.2011.563831.

GUPTA, S.; TRIPATHI, A. Performance measurement of micro & small scale enterprises in developing countries – a study in Ethiopia. *Journal of Business Management Studies*, 16 (1), 55-63, 2020. DOI: 10.5958/2321-2012.2020.00006.8.

HAIR Jr, et al. *Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HE, H.; HARRIS, L. The impact of Covid-19 pandemic on corporate social responsibility and marketing philosophy. *Journal of business research*, v. 116, p. 176-182, 2020.

HILLSON, D.; SIMON, P. *Practical project risk management: The ATOM methodology*. Berrett-Koehler Publishers, 2007

JABŁOŃSKA, M.; STAWSKA, J. The key factors affecting entrepreneurship: a comparative analysis. *Zbornik radova Ekonomskog fakulteta u Rijeci: časopis za ekonomsku teoriju i praksu*, v. 38, n. 1, p. 125-146, 2020.

JAMAK, A. B. S. A. et al. A breakout strategy model of Malay (Malaysian indigenous) micro-entrepreneurs. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 109, 572-583, 2014. DOI: 0.1016/j.sbspro.2013.12.509.

KIM, J. et al. Effects of epidemic disease outbreaks on financial performance of restaurants: Event study method approach. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, v. 43, p. 32-41, 2020. DOI: 10.1016/j.jhtm.2020.01.015

KRAUS, S. et al. The economics of COVID-19: initial empirical evidence on how family firms in five European countries cope with the corona crisis. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 2020. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-04-2020-0214>

LIBERMAN-YACONI, L. et al. Toward a model of understanding strategic decision-making in micro-firms: exploring the Australian information technology sector. *Journal of Small Business Management*, 48 (1), 70-95, 2010. DOI: 10.1111/j.1540-627x.2009.00287.x.

LUKIYANTO, K.; WIJAYANINGTYAS, M. Gotong Royong as social capital to overcome micro and small enterprises' capital difficulties. *Heliyon*, 6 (9), 2020.

MACHADO, H. V.; ESPINHA, P. G. Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas. *Revista Capital Científico-Eletrônica*, v. 3, n. 1, p. 51-64, 2005.

MAHAMID, I. Factors affecting contractor's business failure: contractors' perspective. *Engineering, Construction and Architectural Management*, 19 (3), 269-285, 2012. DOI: 10.1108/09699981211219607.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Ministério da Economia destina crédito suplementar de R\$ 1,4 bilhão para aquisição de 100 milhões de doses de vacina, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/noticias-coronavirus-covid-19>. Acesso em: 20 set. de 2020.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT STAFF [OECD]. *Small and Medium Enterprise*. Organization for Economic Co-operation and Development, 2002. DOI: 10.1787/sme_outlook-2002-en.

WHO. World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 05 de ago. 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2013.

RASCÓN, O. C. A.; VELÁZQUEZ, R. P. Factors That Determine The Closure Or Jeopardize The Continuity Of A Micro And Small Enterprise. *Organizations and Markets in Emerging Economies*, 10 (1), 78-91, 2019. DOI: 10.15388/omee.2019.10.00004.

RFB. Receita Federal do Brasil, 2020. Disponível em: <https://receita.economia.gov.br/dados>. Acesso em: 12 ago. de 2020.

RUSU, V. D.; ROMAN, A. Entrepreneurial activity in the EU: An empirical evaluation of its determinants. *Sustainability*, v. 9, n. 10, p. 1679, 2017.

SANTINI, S. et al. Factors of mortality in micro and small enterprises: a study in the central region of Rio Grande do Sul. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 8 (1), 145-170, 2015. DOI: 10.19177/reen.v8e12015145-169.

SAMPIERI, R.H. et al. *Metodologia de pesquisa*. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Impacto da COVID-19 nos pequenos negócios. 6. ed. *Relatório Executivo*, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/FABIANE/OneDrive/Doutorado%20-%20UFRGS/Artigo%20revis%C3%A3o%20sistem%C3%A1tica%20-%20tese/Resumo-Setorial_n6-v1_compressed-1.pdf Acesso em 01set. de 2020.

SMART, K. et al. Covid-19 impacts, coping strategies, and management reflection: a lodging industry case. *International Journal of Hospitality Management*, 94, 2021. DOI: 10.1016/j.ijhm.2021.102859.

TACHIZAWA, T; FARIA M. S. *Criação de novos negócios: gestão de micro e pequenas empresa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

WENNEKERS, S. et al. Entrepreneurship and its conditions: a macro perspective. *International Journal of Entrepreneurship Education (IJEE)*, v. 1, n. 1, p. 25-64, 2002.

ZAGER, K. et al. Analysis related to number of small and medium-sized companies respecting accounting legislation changes. *Procedia Economics and Finance*, 39, 433-440, 2016. DOI: 10.1016/S2212-5671(16)30345-8.

ZARIDIS, A. D.; MOUSIOLIS, D.T. Entrepreneurship and SME's organizational structure. Elements of a successful business. *Procedia-social and Behavioral Sciences*, 148, 463-467, 2014. DOI: 10.1016/j.sbspro.2014.07.066.

2 ARTIGO 1 - FATORES DE RISCO DE MORTALIDADE EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA E AGENDA DE PESQUISA

Artigo publicado no periódico *Sustainability* 2022, 14(5) (Qualis A2, Fator de Impacto 3,251) em 25/02/2022. <https://doi.org/10.3390/su14052725>

Resumo. As micro e pequenas empresas (MPEs), na sua maioria, são limitadas em estrutura organizacional, recursos financeiros, tecnologia e estratégias de gestão. Conforme suas limitações, muitos são os riscos que incorrem neste segmento. Compreender os aspectos que contribuem para o risco de mortalidade das MPEs é importante para direcionar os empreendedores na elaboração de ações estratégicas e para auxiliar os governantes na elaboração de políticas que deem suporte para a criação de novos empreendimentos. Para isso, é relevante conhecer os principais fatores que contribuem para o risco de mortalidade empresarial. Assim, emergem as seguintes questões de investigação: Qual é o estado da arte sobre o tema da mortalidade empresarial nas MPE? Quais são os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE? Qual a relação entre os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE? O objetivo desta pesquisa foi analisar quais são os fatores de risco de mortalidade em MPE e como eles estão relacionados entre si. A partir de uma revisão sistemática de literatura foi evidenciado o estado da arte sobre o tema de mortalidade empresarial em MPE e identificados os fatores críticos de risco. Foram analisados 106 artigos, publicados no período de janeiro de 2000 a fevereiro de 2021. Os resultados apontaram 36 fatores de risco de mortalidade e destacaram-se os riscos associados a processos inovadores, ao gerenciamento empresarial e as características do empreendedor. Este estudo contribui com uma base teórica sobre mortalidade empresarial e com uma agenda de pesquisas futuras mostrando lacunas a serem exploradas. Como implicações gerenciais, sugere-se: que os empreendedores priorizem iniciativas de capacitação, investindo em educação; que as MPEs participem de redes de cooperação para estabelecer parcerias entre os stakeholders e que invistam em ferramentas tecnológicas para tornar as empresas mais competitivas no mercado.

Palavras-chaves: Mortalidade empresarial. Fatores de risco. MPE. Revisão sistemática. Mapa conceitual. Agenda de pesquisa.

2.1 Introdução

O empreendedorismo é considerado um dos principais incentivadores do crescimento econômico e por isso exerce um importante papel nas economias nacionais (RUSU; ROMAN, 2017; JABLONSKA; STAWSKA, 2020). Nesta perspectiva surgem as micro e pequenas Empresas (MPEs) desempenham papéis significativos na economia de um país, pois contribuem para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), para a geração de

empregos, distribuição de renda e desenvolvimento socioeconômico (CARDOSO et al, 2020; GALVÃO et al, 2020; LUKIYANTO; WIJAYANINGTYAS, 2020; AGYAPONG et al.; 2017; CHIKWECHE; BRESSAN, 2017; ABOR; QUARTEY, 2010; FATOKI; GARWE, 2010). Além disso, favorecem a estabilidade e equidade social para a população de baixa renda a partir do empreendedorismo e da formalização de negócios (JAMAK et al., 2014).

As MPes representam a maior parte do total de empresas na maioria dos países (RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019; ACQUAAH; AGYAPONG, 2015; FATOKI; GARWE, 2010) e devido a sua diversidade surge à classificação em categorias, como, o número de funcionários, faturamento anual e quantidade de ativos totais anuais (ZARIDIS; MOUSIOLIS, 2014). J. MPes são frágeis nos anos iniciais de seu funcionamento, período em que os empreendedores estão aprendendo a operar um novo negócio (CONCEIÇÃO, 2018). Com isso foi verificado que a variável tempo impacta no risco de mortalidade empresarial, visto que os empreendimentos mais novos demonstram maiores chances de fracasso nos primeiros anos de atividade no mercado (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT - OECD, 2002). Outro ponto importante que tem influência no risco de mortalidade é o porte da empresa, ou seja, quanto maior o empreendimento, maiores são as chances de sua continuidade (MACHADO; ESPINHA, 2005). Além disso, muitas dessas empresas não são regulamentadas e necessitam de capacitação estratégica e tecnológica para evitar a mortalidade empresarial (CONCEIÇÃO, 2018; GUNASEKARAN et al., 2011; LIBERMAN-YACONI et al., 2010). Estudos comprovam que a maioria das MPes são limitadas em desenvolvimento, capital de giro, estrutura organizacional e estratégia de gestão (BARTIK et al., 2020; ZAGER et al., 2016; GUNASEKARAN et al., 2011).

A mortalidade empresarial é entendida como a extinção dos fatores de produção, com a condição de que nenhuma outra organização esteja envolvida no processo, como nos casos de fusões e reestruturações de empresas (OECD, 2002). É consenso na literatura que não há

um fator isolado que determine o risco de mortalidade empresarial, mas sim o acúmulo das dificuldades internas e externas (SANTINI et al., 2015; FERREIRA et al., 2012).

Os fatores de risco associados à mortalidade podem ser amplamente classificados em: (a) empreendedor, que se refere às características da pessoa física e a falta de experiência anterior; (b) empresa ou negócio, que apresenta os problemas na gestão da empresa, e (c) ambiente externo, onde estão as dificuldades relacionadas ao contexto econômico e outros fatores de ordem conjuntural (FERREIRA et al., 2012; MACHADO; ESPINHA, 2005). Mahamid (2015) apresenta outra classificação: (a) fatores gerenciais, (b) fatores financeiros e (c) fatores externos. A compreensão sistêmica dos fatores de risco é relevante para que outros empreendedores possam superar problemas semelhantes, realizando um planejamento que reduza o risco de mortalidade empresarial (FERREIRA et al., 2012; MACHADO; ESPINHA, 2005). A literatura sugere alguns fatores de risco de mortalidade empresarial, tais como: a não incorporação em redes de negócio (ALONSO; KOK, 2020; KAZUNGU, 2020), a dificuldade de acesso a financiamentos e empréstimos (BAIG et al., 2020; ATIASE et al., 2019; RUPEIKA-APOGA, 2014), a inexistência de ferramentas tecnológicas (OWOSEN; TWINOMURINZI, 2020; RAHAYU; DAY, 2015; IRJAYANTI; AZIS, 2012; VERA, 2012), a falta de experiência em gestão (GUPTA; TRIPATHI, 2020; IRJAYANTI; AZIS, 2012) e a falta de conhecimentos técnicos (ALVARENGA, 2016; MCGRATH, 2005).

A importância de compreender os dinâmicos relacionamentos que influenciam a mortalidade de MPEs foi fundamentada nas lacunas observadas na literatura. Apesar do crescimento de estudos na área, existe a falta de generalidade dos achados e diversos problemas de pesquisa permanecem nuclear. Ferreira et al. (2012) asseguram que o nível de integração entre os aspectos relacionados ao risco é praticamente indissociável. Gupta e Tripathi (2020) acrescentam que esse tema tem potencial para estudos futuros, pois muitos

são os fatores que devem ser analisados para melhorar o desempenho das MPEs e auxiliar a economia local.

Outro ponto de importância do tema foi que o empreendedorismo é uma tendência global e neste cenário surgem as MPEs, que representam a maioria das empresas mundiais (RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019; ACQUAAH; AGYAPONG, 2015; FATOKI; GARWE, 2010). Assim, conhecer os problemas e desafios das MPEs ganhou importância nos níveis social, governamental, empresarial e acadêmico (AKUOKO et al., 2021; SMART et al., 2021; GUPTA; TRIPATHI, 2020; RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019). Além disso, as políticas macroeconômicas de uma nação e as atitudes de governo nesse âmbito influenciam tanto no fracasso como no sucesso de qualquer empreendimento (ARSLAN; KIVRAK 2008). Roratto et al. (2017) acrescentam a necessidade de desenvolver instrumentos que possam reduzir a mortalidade empresarial e criar programas que incorporem o conhecimento teórico e empírico acumulado.

Considerando as lacunas acima, surgiram as seguintes questões de pesquisa:

RQ1. Qual é o estado da arte sobre o tema de mortalidade empresarial?

RQ1a. Quais são os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE?

RQ2. Qual é o relacionamento existente entre os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE?

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar os fatores que contribuem para risco de mortalidade em MPE. Os objetivos específicos foram: i) investigar o estado da arte sobre o tema de mortalidade empresarial em MPE e, ii) verificar as relações existentes entre os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE. Para o desenvolvimento deste estudo foi utilizado o método de Conforto et al. (2011), efetuado em dez etapas. Foi elaborado um modelo conceitual para identificar as relações entre os fatores de risco e uma agenda de pesquisa futura.

Esta pesquisa trouxe contribuições teóricas e gerenciais. Primeiro, ofereceu uma base teórica sobre mortalidade empresarial. A análise revelou um crescimento de estudos sobre o tema nos últimos anos, destacando-se o método de estatística empírica na maioria dos artigos analisados. Contribuiu na identificação de pesquisas futuras e lacunas a serem exploradas, em segmentos de interesse, com metodologias que tragam respostas ao setor. Segundo, foi possível entender os determinantes ao risco de mortalidade nas MPEs e seus relacionamentos. A abrangente análise da literatura revelou trinta e seis fatores de risco, que foram classificados em cinco dimensões-chaves. Tais achados contribuem para que os empreendedores priorizem iniciativas de melhorias e capacitação. Os resultados apresentaram um conjunto de fatores críticos que conduzem ao risco de mortalidade sendo destacado os riscos associados a processos inovadores, ao gerenciamento empresarial e as características do empreendedor. Terceiro, este artigo auxilia os formadores de políticas públicas e outras partes interessadas, a encontrar conhecimento que apoie a criação de novos empreendimentos e crescimento empresarial.

Como implicações gerenciais sugere-se: que os empreendedores invistam em educação, para que suas decisões sejam baseadas em conhecimento técnico e não na intuição; a participação das MPE em redes de cooperação, para estabelecer parcerias formais e informais entre os stakeholders; o investimento em ferramentas tecnológicas para tornar as MPE mais competitivas no mercado e que seja realizada uma investigação para coletar informações sobre as necessidades e desejos de consumo dos clientes, conhecendo suas limitações e hábitos, levando em consideração suas reclamações e comentários em mídias sociais.

Este estudo foi organizado em sete seções. Seção 2 descreveu os procedimentos metodológicos e as etapas para o desenvolvimento desta revisão sistemática. Seção 3 detalhou os resultados do estado da arte da literatura na área. A seção 4 apresentou a discussão e implicações dos resultados da pesquisa. Na seção 5 foram apresentadas as

dimensões e subdimensões que justificaram o modelo proposto e, a seção 6 trouxe um modelo conceitual que estruturou o relacionamento entre os fatores de risco de mortalidade em MPE. A Seção 7 detalhou uma agenda de pesquisas futuras e por fim, a seção 8 resumiu as conclusões e as implicações gerenciais.

2.2 Materiais e métodos

Esta sessão apresenta todas as etapas que foram realizadas para a revisão sistemática de literatura. A revisão sistemática de literatura é um estudo secundário empregado para mapear, avaliar criticamente, consolidar e agregar os resultados de estudos primários relevantes acerca de uma questão ou tópico de pesquisa específico (DRESCH et al., 2015). Corroborando Tranfield et al. (2003) acrescentam que o objetivo da revisão sistemática é permitir insights, proporcionando um conhecimento confiável e acumulado de uma gama de estudos. Além disso, ajuda a identificar lacunas a serem preenchidas, resultando em um relatório coerente ou em uma síntese. Este estudo utilizou o método de revisão de Conforto et al. (2011) estruturado em 10 etapas. Na apresentação dos resultados foi realizada uma síntese, baseada nas categorias temáticas de riscos de mortalidade empresarial, propostas por Ferreira et al (2012) e Machado e Espinha (2005).

Etapa 1. Definição do problema de pesquisa: quais são os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE. Etapa 2. Definição do objetivo: analisar os fatores que contribuem para o risco de mortalidade em MPE.

Etapa 3. Fontes primárias. As bases de dados utilizadas foram: Web of Science, Scopus, Science Direct e Taylor e Francis. A Web of Science foi escolhida por ser considerada a maior base de dados científicos do mundo e abranger os periódicos mais citados em suas respectivas áreas, a Scopus e a Taylor and Francis por suas fontes de informação de nível acadêmico e caráter multidisciplinar e a Science Direct por incorporar as

áreas de Engenharias e Ciências Sociais Aplicadas. Inicialmente foram pesquisados os termos 'mortalidade empresarial' e 'micro e pequena empresa' para verificar as expressões citadas em outras publicações. As palavras relacionadas a mortalidade empresarial foram: falência, encerramento de empresa, fechamento do negócio, mortalidade precoce, insucesso, descontinuidade da empresa e fracasso. E para 'micro e pequena empresa' as palavras associadas foram: microempresa, pequena empresa, pequenos negócios, pequenas e médias empresas, PME e MPE. Todos os termos encontrados foram adicionados a pesquisa.

Etapa 4. Palavras-chaves. As combinações apresentadas na etapa 3 foram consideradas na análise de resumo e título do artigo. As palavras-chaves pesquisadas foram: *micro and small enterprise, MSB, SME, mortality of enterprise, closing of business and company bankruptcy*. Exemplo da combinação das palavras-chaves psquisadas nas bases de dados: ("micro and small enterprise*" OR "MSEs" OR "SMEs") AND ("premature* mortality* of enterprise*") AND ("closing* of business*") AND ("company* bankruptcy*").

Etapa 5. Definição do período da pesquisa. O período abrangeu de janeiro de 2000 a fevereiro de 2021. Esta revisão iniciou no ano 2000, pois foi verificado que os estudos sobre mortalidade empresarial tiveram maiores publicações a partir deste período, ou seja, foram publicados, em média, 60 artigos por ano. Complementa-se que dos anos 60 até os anos 90 um número limitado de estudos foi publicado, em média, 6 artigos por ano.

Etapa 6. Critérios de inclusão e exclusão de artigos. Após leituras do título e resumo verificados na etapa 4, os filtros utilizados para seleção foram: a) estudos sobre fatores críticos de risco de mortalidade em MPE; b) tipo de documento, para o qual foram selecionados somente artigos científicos e c) o idioma de publicação, foram considerados artigos em inglês. Acrescenta-se que foram excluídos os artigos duplicados e os que não responderam a problemática deste estudo. Etapa 7. Critérios de qualificação do artigo. Nesta etapa foi realizada a leitura da introdução e da conclusão dos artigos selecionados na etapa 6

para verificar o foco da pesquisa. Foi considerado a quantidade de citações do artigo e os estudos de caráter descritivo e explicativo.

Etapa 8. Métodos e ferramentas. O método de busca contemplou as etapas que facilitaram o aprendizado e os filtros no processo de busca. Foi realizada a leitura completa dos artigos selecionados para um melhor entendimento.

Complementando as etapas anteriores foi utilizado o Protocolo de Revisões Sistemáticas e Meta-análises (PRISMA) (Figura 2), que tem por finalidade melhorar o relato e a avaliação de revisões sistemáticas em determinada área, tornando-a completa e transparente (MOHER et al., 2009). Este protocolo foi estruturado em quatro estágios: identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. Na identificação foram investigados os estudos relevantes, totalizando em 1.971 artigos. Na seleção foi realizada uma dupla triagem. Foram excluídos os artigos duplicados ($n = 107$) e foi realizada a análise dos títulos e dos resumos sendo eliminados os artigos que não apresentaram relação entre os termos de busca ($n = 949$). Na elegibilidade, os estudos foram lidos e analisados. Foram excluídos os artigos que não responderam as questões de pesquisa, os que não mencionaram os fatores ou determinantes de risco de mortalidade em MPE e, também os estudos que tratavam sobre o risco de mortalidade em outro tipo de segmento de empresa ($n=838$). Foi verificado que embora o termo ‘micro e pequena empresa’ estar entre as palavras-chaves, alguns artigos que não incluíam este segmento apareceram no resultado. No último estágio foram incluídos 77 artigos. Ao final foi aplicado o método Snowball capturando 29 artigos. Essa técnica foi utilizada para selecionar trabalhos adicionais a partir de referências de trabalhos iniciais (AAKER et al, 2004). Com isso 29 trabalhos foram somados aos 77 artigos, totalizando em 106 artigos.

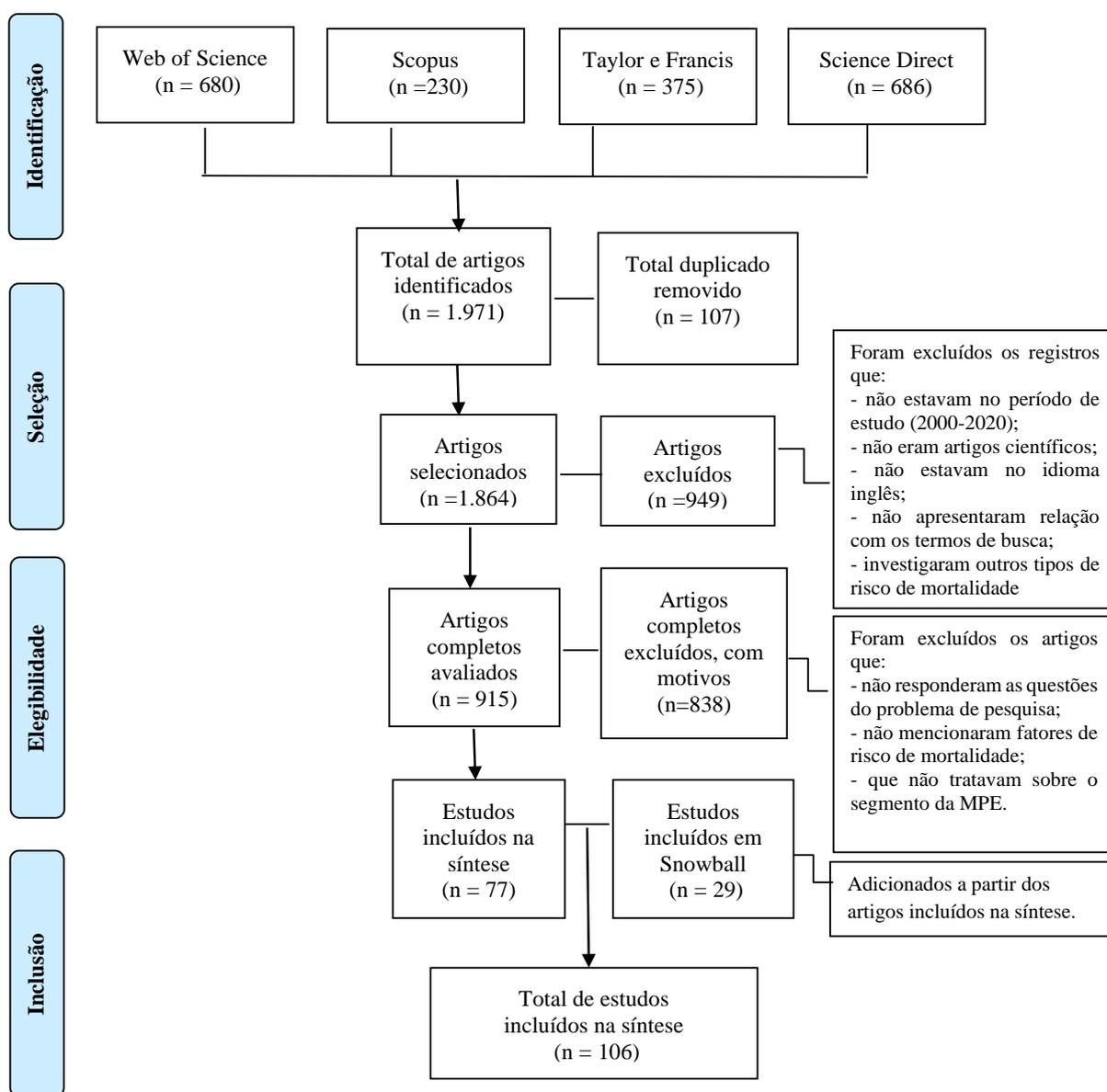


Figura 1. Etapas do protocolo PRISMA para revisão sistemática de literatura

Etapa 9 e 10. Processamento e saída. Foi realizada uma planilha com os 106 artigos selecionados (Apêndice A). Na etapa final, a partir dos resultados da literatura, foi proposto um modelo conceitual (LINDGREEN et al., 2021; IGARASHI et al., 2013; JABAREEN, 2009) que organizou os relacionamentos existentes entre os determinantes de riscos encontrados.

2.3 Resultados

Esta sessão apresenta os resultados dos 106 artigos analisados.

2.3.1 Análise Descritiva

Apresenta-se a seleção final de artigos no que diz respeito a estratificação por bases de dado, publicações por ano e por países.

Com a utilização das palavras-chaves, a base de dados que apresentou o maior número de estudos relevantes foi a Science Direct (n = 686) (Figura 3). Após o primeiro e o segundo processo de filtragem, destacou-se a Web of Science pelo maior número de artigos selecionados (37 artigos). No Filtro 1 foram excluídos os artigos duplicados nas bases de dados e no Filtro 2, os artigos foram lidos e analisados.

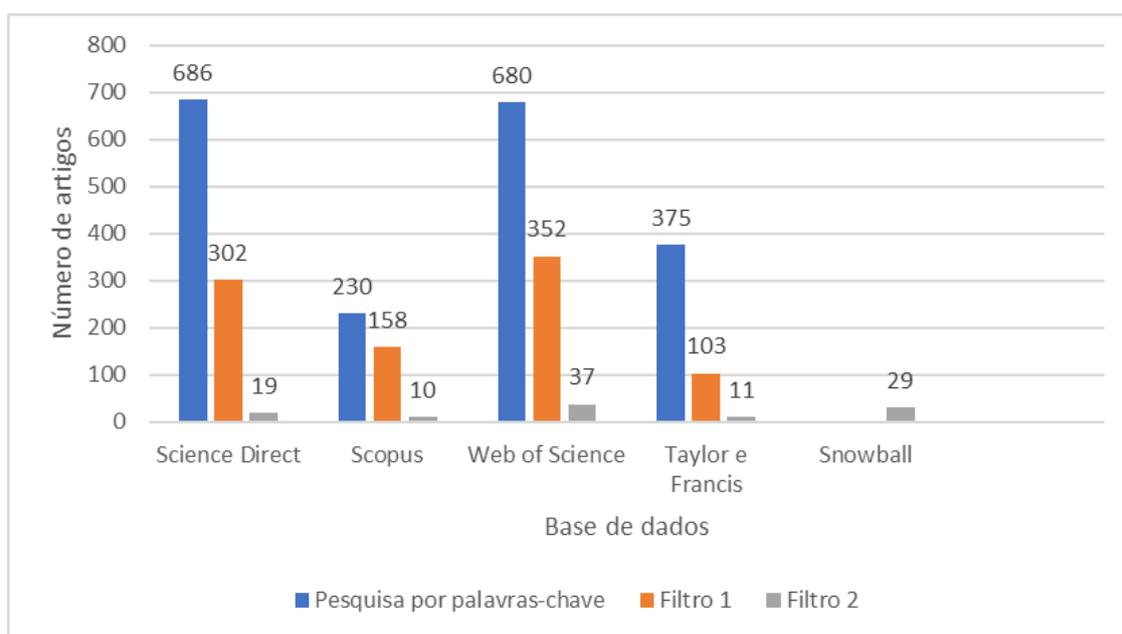


Figura 3. Número de publicações por base de dados e Snowball

Percebe-se que nos últimos dez anos (2010-2020) houve um aumento no número de artigos publicados, ou seja, do total de 106 artigos, 92 foram publicados neste período (Figura

4). Os anos com maior número de artigos analisados foram 2019 e 2020, com 16 e 18 artigos publicados, respectivamente.

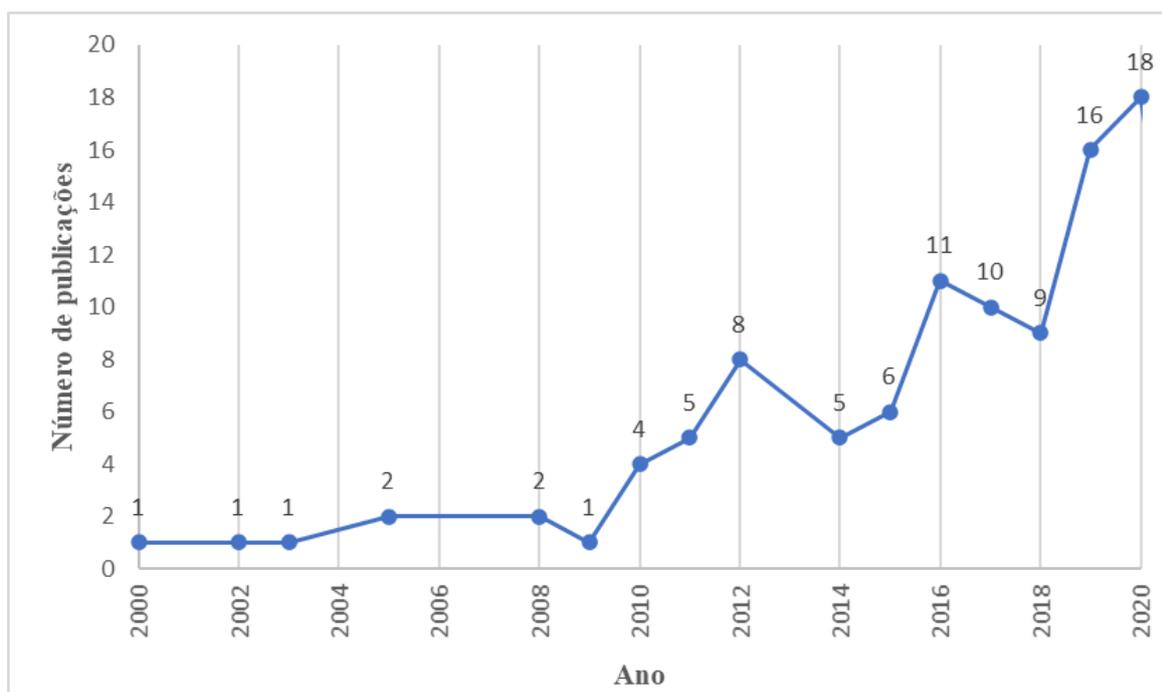


Figura 4. Número de publicações selecionadas por ano

Os artigos analisados foram publicados em 19 países diferentes. Os países que tiveram o maior número de publicações sobre o tema foram Reino Unido, Brasil e Holanda, com 39, 18 e 12 artigos, respectivamente. Na sequência apareceu os Estados Unidos, com 8 artigos e a Índia, com 7 artigos. Foi verificado que apesar da relevância do tema, não é um tópico estudado na maioria dos países.

A seleção dos artigos foi apresentada quanto às características gerais (SABOUR et al., 2021), os periódicos e autores mais produtivos e as palavras-chave mais relevantes.

Tabela 1. Características gerais e anuais dos artigos selecionados

Ano	TP	AU	PG	AU/TP	PG/TP
2000	1	3	9	3.0	9.0

2002	1	3	18	3.0	18.0
2003	1	1	11	1.0	11.0
2005	2	3	27	1.5	13.5
2008	2	3	18	1.5	9.0
2009	1	1	12	1.0	12.0
2010	4	9	64	2.3	16.0
2011	5	14	72	2.8	14.4
2012	8	21	84	2.6	10.5
2014	5	10	43	2.0	8.6
2015	6	20	85	3.3	14.2
2016	11	27	144	2.5	13.1
2017	10	25	147	2.5	14.7
2018	9	29	169	3.2	18.8
2019	14	35	183	2.5	13.1
2020	19	55	289	2.9	15.2

TP número total de publicações; *AU* número total de autores; *PG* contagem de página

Considerando a Tabela 1, o número total de publicações (TP) aumentou de 1 em 2000 para 19 em 2020. Em 2021, as 6 publicações referem-se apenas aos meses de janeiro e fevereiro, período final da coleta de dados. Também houve um crescimento no número total de autores (AU) de 3 em 2000 para 55 em 2020. A contagem de páginas em cada periódico (PG) cresceu no período entre 2016-2020, o que justifica a preocupação com o problema de pesquisa.

É importante destacar que a pesquisa sobre risco de mortalidade em MPEs está aumentando porque o empreendedorismo tem sido uma tendência global, pois é considerado um impulsionador do crescimento econômico (JABLONSKA; STAWSKA, 2020; AGYAPONG et al., 2019; CHIKWECHE; BRESSAN, 2017; ABOR; QUARTEY, 2010) e um contribuidor para a criação de empregos e inovações (RUSU; ROMAN, 2017). Portanto, a gestão das MPEs ganhou importância nos níveis social, governamental, empresarial e acadêmico (AKUOKO et al., 2021; SMART et al., 2021; GUPTA; TRIPATHI, 2020; RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019).

Os periódicos mais produtivos foram *Procedia - Economia e Finanças*, com 7 publicações e *Procedia - Ciências Sociais e Comportamentais*, com 4 publicações, representando 6,6% e 3,7% do total, respectivamente (Tabela 2). Dos 10 periódicos mais produtivos, 6 são do Reino Unido (18 publicações) e 2 são do Brasil (4 publicações).

Tabela 2. Os dez periódicos mais produtivos sobre o tema desta revisão

Top 10	Periódicos	TP	País	%
1	<i>Procedia Economics and Finance</i>	7	Holanda	6,6
2	<i>Procedia-Social and Behavioral Sciences</i>	4	Reino Unido	3,7
3	<i>Cogent Business & Management</i>	3	Reino Unido	2,8
4	<i>Journal of Small Business & Entrepreneurship</i>	3	Reino Unido	2,8
5	<i>Journal of Small Business and Enterprise Development</i>	3	Reino Unido	2,8
6	<i>World Development</i>	3	Reino Unido	2,8
7	<i>African Journal of Business Management</i>	2	África do Sul	1,8
8	<i>Brazilian Journal of Operations & Production Management</i>	2	Brasil	1,8
9	<i>Information Technology for Development</i>	2	Reino Unido	1,8
10	<i>Innovation & Management Review</i>	2	Brasil	1,8

TP número total de publicações, *%* porcentagem de publicações no conjunto de dados

Para classificar os artigos quanto ao tipo de pesquisa foi utilizada a divisão da pesquisa de construção de teoria em: analítica e empírica (WACKER, 1998). A pesquisa analítica utiliza técnicas dedutivas para alcançar resultados enquanto a pesquisa empírica usa a indução e o empirismo para chegar a teorias. Os dois tipos de pesquisa são subdivididos em três categorias cada um. Com isso, há seis tipos de pesquisa, com metodologias distintas e cada um tem por objetivo desenvolver a teoria.

A pesquisa analítica foi dividida em: pesquisa conceitual analítica, pesquisa matemática analítica e pesquisa estatística analítica. As diferentes categorias se distinguem na utilização da lógica e matemática para a construção de uma teoria. A pesquisa conceitual tem por finalidade introduzir novos conceitos aos problemas existentes onde a metodologia utilizada é a lógica. A pesquisa matemática analítica desenvolve relações matemáticas entre variáveis e estuda o comportamento de modelos em diferentes situações. A pesquisa estatística analítica integra modelos lógicos matemáticos e modelos estatísticos fornecendo modelos integrados em uma única teoria, que, posteriormente, serão utilizados para futuros testes estatísticos empíricos.

A pesquisa empírica foi classificada em: pesquisa experimental empírica, estudo de caso e pesquisa estatística empírica. A pesquisa experimental empírica busca examinar e monitorar a relação entre variáveis, para determinar o seu efeito sobre determinadas variáveis dependentes. Esta subcategoria é conhecida por ‘experimento de campo’. Os estudos de caso empíricos trata-se de pesquisas aprofundadas realizadas dentro de um número limitado de organizações. Este método usa dados para desenvolver uma teoria enquanto o método conceitual usa a dedução para elaborar teorias. A pesquisa estatística empírica verifica as relações teóricas em grandes amostras de negócios reais com análises estatísticas.

Tabela 3. A evolução das pesquisas sobre mortalidade empresarial por tipo de método de pesquisa

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	
empírica	experimental												1										
	estudo de caso										1		1		1	1	1		1	4	4	2	
	estatística				1				2	1	1	4	5			5	9	8	8	9	11	2	
analítica	estatística																1	1			1		
	matemática																						
	conceitual	1		1			2				2	1	1		4			1	1	1	3	2	

Os resultados da Tabela 3 mostraram que o tipo de método em destaque foi a pesquisa estatística empírica, revelado em 66 artigos (62.3%). Os métodos mais utilizados foram a pesquisa conceitual analítica, descrita em 20 artigos (18.8%) e o estudo de caso empírico, retratado em 16 artigos (15.1%). Os métodos que tiveram menor aplicabilidade foram a pesquisa estatística analítica (3 artigos) e a experimental empírica (1 artigo), representando 2.8% e 0.9%, respectivamente. A pesquisa empírica totalizou em 83 artigos (78.3%), sendo que 66 desses 83 estudos são de abordagem estatística. A pesquisa analítica resultou em 23 artigos (21.6%), sendo que 20 desses 23 estudos são de abordagem conceitual. Nenhum artigo utilizou a pesquisa matemática analítica.

Os estudos que utilizaram a pesquisa conceitual analítica dedicaram-se a explorar novos conceitos e desenvolver teorias sobre empreendedorismo (WILLERDING et al., 2012), características e habilidades do empreendedor (RAMGIR, 2019; JAMAK et al., 2014;

MAHZAN; YAN, 2014; ZARIDIS; MOUSIOLIS, 2014), características da empresa, estratégias de gestão (BHATTACHARYA; LONDHEB, 2014; MAHZAN; YAN, 2014) e a influência do ambiente externo nas MPEs (ZARIDIS; MOUSIOLIS, 2014). O uso de tecnologias como a Internet das coisas e o e-business podem ser usados para melhorar os processos (RAMGIR, 2019; PEDEZKA; SINKOVICS, 2011; CORNER et al., 2002). As práticas de marketing (BLANKSON et al., 2018), políticas públicas (ZARIDIS; MOUSIOLIS, 2014; MCGRATH, 2005) e a inovação em produtos e processos (FIELDEN et al., 2000) auxiliaram no crescimento das MPEs.

Machado e Espinha (2005) fizeram reflexões para compreender por que as MPEs fracassam e sugeriram 3 categorias de risco: empreendedor, empresa e ambiente externo. Abor e Quartey (2010) descreveram as características, contribuições e as restrições existentes para as MPEs.

Pesquisas recentes apresentaram os desafios e o impacto que foram gerados nas MPEs durante a pandemia Covid-19 (AKUOKO et al., 2021; GREGUREC et al., 2021; ALON; FARRELL, 2020; HE; HARRIS, 2020; NOGUEIRA, 2020). Nogueira (2020) em seu estudo elaborou uma proposta de auxílio governamental emergencial para o segmento das MPEs, além de ter feito uma breve análise das medidas adotadas pelo governo. Akuoko et al. (2021) discutiram sobre a necessidade de regulamentos para as MPEs informais. Os resultados mostraram ainda estudos de revisão sistemática (CHIKWECHE; BRESSAN, 2017; DONNER; ESCOBARI, 2010). Chikweche e Bressan (2017) trataram da implementação de aprendizagem organizacional, que abordou as complexidades e dinamismo do ambiente operacional. Donner e Escobari (2010) fizeram uma revisão sobre o uso da tecnologia móvel em MPE, detalhando as descobertas e mudanças nos processos internos e externos.

Na pesquisa estatística analítica, foram encontrados três estudos, que procuraram integrar em um único e grande modelo, os modelos matemáticos e estatísticos. Khan e Shah

(2016) fizeram um comparativo entre os empresários com e sem treinamento com o objetivo de avaliar a eficácia de um programa de desenvolvimento de empreendedorismo e o efeito no desempenho do empresário. Nosratabadi (2020) analisou o efeito de um programa de empréstimo a empresas iranianas, entre os anos 2005 e 2010, sobre o desemprego, baseando-se em dois métodos diferentes de avaliação dos efeitos causais. Duda et al. (2017) identificaram as barreiras existentes à inovação das MPEs polacas.

No estudo de caso empírico foram apresentadas pesquisas aprofundadas e desenvolvidas em um pequeno número de empresas. Foram realizados estudos sobre os fatores que determinaram as decisões das MPEs alemãs sobre a adoção de fontes renováveis (RAHBAUER et al., 2016), obstáculos de acesso a financiamento (RUPEIKA-APOGA, 2014), problemas enfrentados na gestão de MPE nas Filipinas (VERA, 2012) e no setor da construção civil na cidade de Jundiaí (ANHOLON et al., 2015). Ratnaningtyas et al. (2018) avaliaram a capacidade de empreendedorismo, em uma indústria de pescado, na Indonésia, sob 3 dimensões: habilidades empreendedoras, técnicas e de gestão. Alshami et al. (2019) verificaram o que afeta a sustentabilidade em empresas gerenciadas por mulheres. Alonso e Kok (2020) examinaram como proprietários e gestores de MPEs europeias percebem o sucesso e o futuro de seus negócios, por meio de entrevistas semiestruturadas. Lukiyanto e Wijyaningtyas (2020) analisaram a percepção de proprietários de eventos esportivos quanto a dificuldade de capital nos negócios e Galvão et al. (2020) mapearam o processo de tempo e recursos para conhecer as restrições e gargalos de uma microempresa de vassouras de PET. Liberman-Yaconi et al. (2010) investigaram como as microempresas australianas no ramo de TI tomam decisões estratégicas e Pozo et al. (2019) analisaram a inovação e a tecnologia aplicada no contexto de uma cadeia produtiva sustentável de MPE de fabricação de esquadrias metálicas. Rascón e Velázquez (2019) investigaram os fatores que colocaram em risco a continuidade de microempresas mexicanas e colombianas. Bressan e Pedrini (2019)

examinaram as práticas de inovação orientada para a sustentabilidade entre MPE que atuam no setor de turismo e hotelaria.

Outras investigações verificaram a atuação de organizações durante e após a pandemia. O estudo de Amankwah-Amoah (2021) foi realizado em duas companhias aéreas asiáticas sendo proposta uma abordagem de quatro estágios para renovar as organizações com baixo desempenho. Smart et al. (2021) investigaram dois hotéis em Oklahoma e Bartik et al. (2020) analisaram como pequenos negócios enfrentaram grandes desafios durante a pandemia.

A pesquisa experimental empírica foi evidenciada por Mano et al. (2012) que examinaram o desempenho dos clusters de MPEs africanas. O estudo experimental randomizado foi realizado em Gana e, apresentou que os fatores externos e a pouca prática comercial são barreiras encontradas neste segmento.

As pesquisas estatísticas empíricas foram realizadas em grandes amostras com a utilização de técnicas estatísticas. Os estudos desta categoria foram aplicados em empresas privadas e investigaram as características das empresas e de empreendedores (QUIROZ-ROJA; TERUEL, 2020; KUROSAKI, 2019; TUNES; MONTEIRO, 2017; ZAGER et al., 2016; GUNASEKARAN et al., 2011; CHIRWA, 2008), relações com os clientes (STACHO et al., 2015), fatores de sucesso (MARQUES et al., 2019; DUARTE ALONSO; BRESSAN, 2016; ARSLAN; KIVRAK, 2008), fatores determinantes a sobrevivência empresarial (CONCEIÇÃO et al., 2018; ALONSO; BRESSAN, 2017; RAHAYU; DAY, 2015; IRJAYANTI; AZIS, 2012; SHIFERAW, 2009), fatores que contribuíram para o fracasso (HADIYATI; LUKIYANTO, 2019; TAVARES; MARIO, 2018; BOHN et al., 2017; SANTINI et al., 2015; FERREIRA et al., 2012; MAHAMID, 2012) e fatores relacionados ao desempenho de MPE (GUPTA; TRIPATHI, 2020; KAZUNGU, 2020; ATNAFU; BALDA, 2018; MANOR; DESIANA, 2018; CRUZ et al., 2012; ISHENGOM; KAPPEL, 2011).

Foram identificadas as dificuldades das organizações na gestão envolvendo as finanças (XU et al., 2020; ATIASE et al., 2019; BRAGA et al., 2018; SHIBIA; BARAKO, 2017; SULISTYA; DARWANTO, 2016; AGA; REILLY, 2011; SIMEYO et al., 2011), setor ambiental (AGYAPONG et al., 2020; CASSELLS; LEWIS, 2017; LEONETI et al., 2016; FATOKI; GARWE, 2010), sistemas de qualidade (DE PAULLA; HAMZA, 2015), cadeia de suprimentos (YA'KOB; JUSOH, 2016), inovação (CARDOSO et al., 2020; CHEGE et al., 2020; SEVERO et al., 2020; BERNE et al., 2019; WALTER et al., 2019a; WALTER et al., 2019b; VASCONCELOS; OLIVERIA, 2018; AGYAPONG et al., 2017; LAGUIR et al., 2017; LAGUIR; DEN BESTEN, 2016; PEREKWA et al., 2016;) e estratégias competitivas (GAVUROVA et al., 2021; BAIG et al., 2020; OWOSENI; TWINOMURINZI, 2020; QUELHAS, 2019; WOIDA, 2019; AGYAPONG et al., 2018; VORKAPIĆ et al., 2017; MALAQUIAS; HWANG, 2016; SKYPALOVA et al., 2016; ACQUAAH; AGYAPONG, 2015; GICĂ; BALINT, 2012; MOYI, 2003). Alguns estudos verificaram as medidas de resiliência e situação das MPEs durante o período da pandemia (NORDHAGEN et al., 2021; PĂUNESCU; MÁTYUS, 2020).

As técnicas utilizadas para análise de dados foram: regressão linear múltipla (GUPTA; TRIPATHI, 2020; ATIASE et al., 2019; AGYAPONG et al., 2018; VASCONCELOS; OLIVERIA, 2018; AGYAPONG et al., 2017; YA'KOB; JUSOH, 2016; ACQUAAH; AGYAPONG, 2015; DE PAULLA; HAMZA, 2015; SIMEYO et al., 2011; ISHENGOMA; KAPPEL, 2011), análise fatorial (AGYAPONG et al., 2020; CARDOSO et al., 2020; OWOSENI; TWINOMURINZI, 2020; PĂUNESCU; MÁTYUS, 2020; SEVERO et al., 2020; QUELHAS, 2019; MARQUES et al., 2019; TUNES; MONTEIRO, 2017; MALAQUIAS; HWANG, 2016; YA'KOB; JUSOH, 2016), teste t (KAZUNGU, 2020; SEVERO et al., 2020; DUARTE ALONSO; BRESSAN, 2016; LAGUIR; DEN BESTEN, 2016; YA'KOB; JUSOH, 2016), correlação (GUPTA; TRIPATHI, 2020; YA'KOB; JUSOH,

2016; SIMEYO et al., 2011), análise dos componentes principais (FATOKI; GARWE, 2010), análise de variância (YA'KOB; JUSOH, 2016), estatística descritiva (BERNE et al., 2019; WALTER et al., 2019a; SANTINI et al., 2015; SIMEYO et al., 2011), de análise SWOT (ALONSO; BRESSAN, 2016), regressão logística (CASSELLS; LEWIS, 2017; LAGUIR; DEN BESTEN, 2016; AGA; REILLY, 2011), análise de cluster (CARDOSO et al., 2020), modelagem de equações estruturais (SEVERO et al., 2020; ATNAFU; BALDA, 2018; MALAQUIAS; HWANG, 2016) e análise de sobrevivência (CHEGE et al., 2020; CONCEIÇÃO et al., 2018).

2.3.2 Autores, publicações e palavras-chaves em destaque

Os principais autores que contribuíram cientificamente na área foram da Austrália, de Ghana, da Índia e da Indonésia (Tabela 4). Os autores que apresentaram os maiores índices h foram 2 pesquisadores da Austrália e 1 pesquisador da Índia. Este índice serve para quantificar a produtividade e o impacto de pesquisas individuais ou em grupos, baseando-se nos artigos mais citados. Neste artigo são apresentados os índices h da Scopus (atualização em novembro/2021).

Acrescenta-se que do total de pesquisadores que publicaram sobre o tema, 87 autores tiveram 2 publicações e 179 autores tiveram 1 publicação.

Tabela 4. Os dez principais autores que mais publicaram sobre o tema

Top 10	Autor	TP	País	h-index
1	Alessandro Bressan	7	Austrália	10
2	Ahmed Agyapong	5	Gana	7
3	Matthijs Den Besten	4	França	8
4	Abel Duarte Alonso	3	Austrália	21
5	Abhishek Tripathi	2	Índia	11
6	Acip Sutardi	2	Indonésia	2
7	Aleksandra Gasior	2	Polônia	2
8	Alhassan Iddrisu	2	Gana	2
9	Anton Mulyono Azis	2	Indonésia	2
10	Bhausahab R. Londhe	2	Índia	3

TP número total de publicações

Os 10 primeiros autores mais citados, segundo dados da Scopus em novembro/2021, o título de sua publicação e o método de pesquisa utilizado foram apresentados na Tabela 5. Das 10 publicações mais citadas, 4 utilizaram o método de pesquisa conceitual destacando-se os autores Abor e Quarter (2010) e He e Harris (2020) por apresentarem o maior número de citações de literatura. Dos autores mais citados, 3 publicaram estudos estatísticos empíricos, 2 publicaram estudos de caso empíricos e 1 autor publicou um artigo experimental empírico (Tabela 5).

Tabela 5. Publicações e citações em destaque

Ano	Autor(es)	Título da publicação	Método de Pesquisa	Citações
2010	Abor e Quartey	Issues in SME development in Ghana and South Africa.	Analítica Conceitual	326
2020	He e Harris	The impact of Covid-19 pandemic on corporate social responsibility and marketing philosophy.	Analítica Conceitual	213
2012	Cruz et al.	Does family employment enhance MSEs performance?: Integrating socioemotional wealth and family embeddedness perspectives.	Empírica Estatística	178
2020	Bartik et al.	The impact of COVID-19 on small business outcomes and expectations	Empírica Estudo de caso	168
2011	Gunasekaran et al.	Resilience and competitiveness of small and medium size enterprises: an empirical research	Empírica Estatística	156
2010	Donner e Escobari	A review of evidence on mobile use by micro and small enterprises in developing countries.	Analítica Conceitual	108
2012	Mano et al.	How can micro and small enterprises in Sub-Saharan Africa become more productive? The impacts of experimental basic managerial training	Empírica Experimental	86
2015	Rahayu e Day	Determinant factors of e-commerce adoption by SMEs in developing country: evidence from Indonesia	Empírica Estatística	76
2010	Liberman-Yaconi et al.	Toward a model of understanding strategic decision-making in micro-firms: exploring the Australian information technology sector	Empírica Estudo de caso	72
2000	Fielden et al.	Barriers encountered during micro and small business start-up in North-West England.	Analítica Conceitual	47

Baseado nas palavras-chaves dos artigos selecionados, uma nuvem de palavras foi elaborada que serviu para identificar a direção dos estudos que foram publicados sobre o tema (Figura 5). De um total de 425 palavras-chaves, 115 elementos foram apresentados em

Os fatores de risco relacionados a esta categoria foram referentes ao perfil, conhecimentos técnicos, habilidades, competências e experiências do empreendedor (Tabela 6). As características pessoais do empreendedor correspondem à determinação, objetividade, comprometimento e criatividade (ALVARENGA, 2016; SANTINI et al., 2015; FERREIRA et al., 2012). O perfil do empreendedor inclui a idade, escolaridade, renda, gênero, estado civil, etc. (GUPTA; TRIPATHI, 2020; ALVARENGA, 2016; ACQUAAH; AGYAPONG, 2015; FERREIRA et al., 2012). Com relação ao gênero do empreendedor há evidências de que existe um efeito positivo entre o desempenho e o gênero feminino nas MPEs (QUIROZ-ROJAS; TERUEL, 2020; CRUZ et al., 2012; SHIFERAW, 2009; CHIRWA, 2008). Chirwa (2008) revela que as mulheres estão cada vez mais participando como empreendedoras de MPE em países em desenvolvimento. O autor complementa que apesar de não existirem diferenças significativas nas margens de lucro, as MPE pertencentes as mulheres crescem aceleradamente em termos de emprego em comparação com as empresas lideradas por homens. Isto se deve, em parte, ao acesso a crédito em instituições de microfinanças que visam mulheres empreendedoras e devido ao impacto da educação.

Tabela 6. Fatores de risco de mortalidade relacionados ao empreendedor

Categoria de risco	Definição	Fatores de risco	Fonte
Riscos relacionados as características do empreendedor	Refere-se ao perfil do empreendedor, conhecimento técnico, habilidades, competências e experiências.	Perfil	GUPTA; TRIPATHI (2020); QUIROZ-ROJAS; TENUEL (2020); ALVARENGA (2016); ACQUAAH; AGYAPONG (2015); ZARIDIS; MOUSIOLIS (2014); CRUZ et al. (2012); FERREIRA et al. (2012); WILLERDING et al. (2012); SHIFERAW (2009); ARSHAN; KRIVAK (2008); CHIRWA (2008)
		Características pessoais	BLANKSON et al. (2018); MANOR; DESIANA (2018); RATNANINGTYAS et al. (2018); ALVARENGA (2016); SANTINI et al. (2015); FERREIRA et al. (2012)
		Falta de capacitação e treinamento	GUPTA; TRIPATHI (2020); RASCÓN; VELAZQUEZ (2019); TUNES; MONTEIRO (2017); KHAN; SHAH (2016); ANHOLON et al. (2015); MAHAMID (2012); MANO et al. (2012)

Falta de conhecimento técnico	GUPTA; TRIPATHI (2020); PICCHIAI; FERNANDES (2019); BOHN et al. (2018); BRAGA et al. (2018); ALVARENGA (2016); MCGRATH (2005)
Habilidades e competências de gestão	GUPTA; TRIPATHI (2020); BLANKSON et al., (2018); MANOR; DESIANA, (2018); RATNANINGTYAS et al. (2018); ALVARENGA (2016); ANHOLON et al. (2015); SANTINI et al. (2015); MAHZAN; YAN (2014); FERREIRA et al. (2012); MAHAMID (2012); VERA (2012); WILLERDING et al. (2012); MCGRATH (2005)
Falta de experiência em gestão empresarial	GUPTA; TRIPATHI (2020); ALVARENGA (2016); santini et al. (2015); JAMAK et al. (2014); FERREIRA et al. (2012); IRJAYANTI; AZIS (2012)

Alguns autores destacaram a importância da formação (GUPTA; TRIPATHI, 2020; TUNES; MONTEIRO, 2017; KHAN; SHAH, 2016; MANO et al., 2012), capacitação (ANHOLON et al., 2015) e conhecimento técnico (GUPTA; TRIPATHI, 2020; PICCHIAI; FERNANDES, 2019; KHAN; SHAH, 2016; ALVARENGA, 2016; MCGRATH, 2005). O aumento da qualificação, tanto acadêmica quanto profissional, reduz a possibilidade de falência de empresas, além de ser um recurso gerador de vantagem competitiva para a MPE (ALVARENGA, 2016; MCGRATH, 2005). Também é importante que o empreendedor tenha experiência anterior em gestão empresarial (GUPTA; TRIPATHI, 2020; ALVARENGA, 2016; JAMAK et al., 2014; IRJAYANTI; AZIS, 2012).

Outro fator relevante foi o desenvolvimento de competências gerenciais e habilidades para melhorar o negócio (ALVARENGA, 2016; KHAN; SHAH, 2016; SANTINI et al., 2015; MAHZAN; YAN, 2014; FERREIRA et al., 2012; MAHAMID, 2012; VERA, 2012; WILLERDING et al., 2012; MCGRATH, 2005). Os indicadores de competências empreendedoras são: persistência, proatividade, comportamento empreendedor (GUPTA; TRIPATHI, 2020), capacidade de correr riscos, orientação para mudança, compromisso, liderança, motivação (ALVARENGA, 2016), boa comunicação, capacidade crítica e percepção do ambiente interno e externo (RATNANINGTYAS et al., 2018).

Ratnaningtyas et al., (2018) apontaram para o problema de comunicação. Esses problemas referem-se ao relacionamento com clientes, fornecedores e funcionários (BLANKSON et al., 2018; MANOR; DESIANA, 2018; ANHOLON et al., 2015).

Outro fator apontado foi que o gênero do líder influencia no crescimento das empresas, e foi constatado que existe uma relação positiva nas empresas lideradas por mulheres (QUIROZ-ROJAS; TERUEL, 2020; CRUZ et al., 2012; SHIFERAW, 2009; CHIRWA, 2008).

2.3.3.2 Riscos vinculados a gestão empresarial.

Esta categoria apontou os problemas de gestão da empresa em ações cotidianas (Tabela 7). Dentre os fatores que foram elencados estão as dificuldades na gestão econômico-financeira, tais como a falta de controle do fluxo de caixa, a falta de análise dos resultados financeiros, a dificuldade na separação de bens, direitos e obrigações da pessoa física e da pessoa jurídica, os altos custos operacionais, a falta de investimento (LUKIYANTO; WIJAYANINGTYAS, 2020; XU et al., 2020; AGYAPONG et al., 2019; BOHN et al., 2018; BRAGA et al., 2018; ALONSO; BRESSAN, 2016; ANHOLON et al., 2015; MAHAMID, 2012; ISHENGOMA; KAPPEL, 2011; FIELDEN et al., 2000), os problemas de capital de giro para operacionalização (ALVARENGA, 2016; SANTINI et al., 2015) e as dívidas e renda insuficiente (RASCÓN; VELAZQUEZ, 2019; BOHN et al., 2018; BRAGA et al., 2018).

Tabela 7. Fatores de risco de mortalidade relacionados a gestão empresarial

Categoria de risco	Definição	Fatores de risco	Fonte
		Problemas na gestão econômica e financeira	LUKIYANTO; WIJAYANINGTYAS (2020); XU et al. (2020); AGYAPONG et al. (2019); RASCÓN; VELAZQUEZ (2019); BOHN et al. (2018); BRAGA et al. (2018); CHIKWECHÉ; BRESSAN (2017); ALVARENGA (2016); ALONSO; BRESSAN (2016); ZAGER et al. (2016); ANHOLON et al. (2015);

Riscos vinculados a gestão empresarial	Representam os problemas de gestão da empresa nas ações do dia a dia.	SANTINI et al. (2015); ZARIDIS; MOUSIOLIS (2014); MAHAMID (2012); GUNASEKARAN et al. (2011); ISHENGOMA; KAPPEL (2011); ABOR; QUARTEY (2010); FATOKI; GARWE, (2010); FIELDEN et al. (2000)
	Problemas na gestão contábil	GUPTA; TRIPATHI (2020); AGYAPONG et al. (2019); BRAGA et al. (2018); ALVARENGA (2016); ALONSO; BRESSAN (2016)
	Falta de orientação jurídica	ALVARENGA (2016)
	Problemas de gerenciamento de vendas	QUIROZ-ROJAS; TENUUEL (2020); ANHOLON et al. (2015); ZARIDIS; MOUSIOLIS (2014); MAHAMID (2012); ARSHAN; KRIVAK (2008)
	Problemas de gerenciamento de estoque	ATNAFU; BALDA (2018); ANHOLON et al. (2015)
	Problemas na gestão logística	ANHOLON et al. (2015)
	Problemas na gestão de qualidade	AGYAPONG et al. (2019); HADIYATI; LUKIYANTO (2019); AGYAPONG et al. (2017); VERA (2012); LIBERMAN-YACONI et al. (2010)
	Problemas na gestão de compras	ANHOLON et al. (2015)
	Problemas na gestão estratégica	GAVUROVA et al. (2021); AGYAPONG et al. (2019); AGYAPONG et al. (2017); ANHOLON et al. (2015); LIBERMAN-YACONI et al. (2010)
	Problemas de gerenciamento de operações	AGYAPONG et al. (2019); VERA (2012)
	Problemas na gestão de pessoal	AGYAPONG et al. (2019); MANOR; DESIANA (2018); AGYAPONG et al. (2017); ANHOLON et al. (2015)
	Problemas na gestão de marketing	AGYAPONG et al. (2019); HADIYATI; LUKIYANTO (2019); AGYAPONG et al. (2017); IRJAYANTI; AZIS (2012); VERA (2012)
	Falta de planejamento estratégico	GALVÃO et al. (2020); RATNANINGTYAS et al. (2018); AGYAPONG et al. (2017); ALVARENGA (2016); FERREIRA et al. (2012); GICÃ; BALINT (2012); ARSHAN; KRIVAK (2008)
	Dificuldade de acesso a crédito	BAIG et al. (2020); GUPTA; TRIPATHI (2020); NOSRATABADI (2020); ATIASE et al. (2019); KUROSAKI (2019); SHIBIA; BARAKO (2017); ALVARENGA (2016); LAGUIR; DEN BESTEN (2016); SULISTYA; DARWANTO (2016); BHATTACHARYA; LONDHE (2014); JAMAK et al. (2014); MAHZAN; YAN

	(2014); RUPEIKA-APOGA (2014); IRJAYANTI; AZIS (2012); VERA (2012); AGA; REILLY (2011); SIMEYO et al. (2011); FIELDEN et al. (2000)
Alta concorrência	JAMAK et al. (2014); FERREIRA et al. (2012)
Falhas, subutilização e falta de informação	GUPTA; TRIPATHI (2020); RAMGIR (2019); WOIDA (2019); YA'KOB; JUSOH (2016); VERA (2012); ISHENGOMA; KAPPEL (2011); MOYI (2003)
Falta de alianças estratégicas e redes de cooperação	ALONSO; KOT (2020); KAZUNGU (2020); ALONSO; BRESSAN (2017); LAGUIR et al. (2017); JAMAK et al. (2014); IRJAYANTI; AZIS (2012)
Falta de publicidade	ANHOLON et al. (2015); FIELDEN et al. (2000)

Foram citados os problemas de falta de gestão contábil (GUPTA; TRIPATHI, 2020; AGYAPONG et al., 2019; BRAGA et al., 2018; ALONSO; BRESSAN, 2016; ALVARENGA, 2016) e falta de orientação jurídica (ALVARENGA, 2016). Adiciona-se os problemas com a gestão de estoques, que estão relacionados à discrepância entre o inventário físico e o teórico (ANHOLON et al., 2015) e a compra de lotes, para otimizar os ganhos decorrentes dos volumes adquiridos sem causar desequilíbrio nas finanças (ATNAFU; BALDA, 2018). No que diz respeito à logística, os problemas muitas vezes estão vinculados a contratos com clientes para entregas, seguido pela definição de rotas mais econômicas e a dificuldade para garantir a qualidade e conformidade dos produtos durante o transporte (ANHOLON et al., 2015).

Na gestão de compras, a principal dificuldade está relacionada aos lotes mínimos de compra, visto que grandes fornecedores costumam impor essa condição (ANHOLON et al., 2015). Na gestão estratégica, a volatilidade do setor é um grande obstáculo devido às mudanças econômicas (GAVUROVA et al. 2021; AGYAPONG et al., 2020; AGYAPONG et al., 2019; ANHOLON et al., 2015; LIBERMAN-YACONI et al., 2010). É importante prestar atenção às estratégias de diferenciação, com ênfase na gestão da qualidade, em

inovação, marketing empresarial e liderança em custos (HADIYATI; LUKIYANTO, 2019; AGYAPONG et al., 2016; VERA, 2012; LIBERMAN-YACONI et al., 2010).

Os problemas com a gestão de operações são um grande desafio, assim como com a gestão da qualidade (AGYAPONG et al., 2019; VERA, 2012), os recursos humanos (AGYAPONG et al., 2019; MANOR; DESIANA, 2018; AGYAPONG et al., 2017; ANHOLON et al., 2015) e marketing (AGYAPONG et al., 2019; HADIYATI; LUKIYANTO, 2019; AGYAPONG et al., 2017; IRJAYANTI; AZIS, 2012; VERA, 2012). Anholon et al. (2015) acrescentaram neste elenco os problemas com vendas onde são encontradas as dificuldades em definir metas, gerenciar e monitorar as atividades das equipes de vendas e fidelização do cliente.

A ausência de planejamento estratégico e a existência de falhas são incorporadas aos problemas de gestão como elementos de risco de mortalidade empresarial (GALVÃO et al., 2020; RATNANINGTYAS et al., 2018; AGYAPONG et al., 2017; ALVARENGA, 2016; FERREIRA et al., 2012; GICÃ; BALINT, 2012).

Outro fator diz respeito à dificuldade que as MPEs enfrentam no acesso a serviços financeiros, para empréstimos e financiamentos (BAIG et al., 2020; GUPTA; TRIPATHI, 2020; ATIASE et al., 2019; KUROSAKI, 2019; SHIBIA; BARAKO, 2017; ALVARENGA, 2016; LAGUIR; DEN BESTEN, 2016; BHATTACHARYA; LONDHE, 2014; MAHZAN; YAN, 2014; IRJAYANTI; AZIS, 2012; VERA, 2012). Outro problema encontrado por Fielden et al. (2000) foi a obtenção de crédito de fornecedores.

Outro ponto importante que merece destaque foi a dificuldade de obtenção de crédito, que ocorre devido à falta de capital de giro para o desenvolvimento das operações. Uma das barreiras para o acesso ao crédito é o aparecimento de restrições, tais o histórico do proprietário (dívidas em atraso) e as características da empresa (falta de garantias e atrasos) (AGA; REILLY, 2011). Outros obstáculos são o custo financeiro referente a utilização destes

serviços, com elevadas taxas de juros sobre as operações e a burocracia que impactam no crescimento, na geração de empregos e no desenvolvimento da MPE (NOSRATABADI, 2020; ATIASE et al., 2019; SULISTYA; DARWANTO, 2016; RUPEIKA -APOGA, 2014; SIMEYO et al., 2011). Nesse sentido, ressalta-se que alguns países possuem linhas de crédito especiais para a MPE por entenderem a importância desse segmento para o desenvolvimento econômico. Estas linhas de crédito apresentam tarifas e taxas de juros mais baixas, maiores prazos de carência e análises rápidas, podendo ser utilizadas para investimentos ou capital de giro.

A concorrência deve ser constantemente observada pelo empreendedor (JAMAK et al., 2014; FERREIRA et al., 2012). Conhecer os pontos fortes e fracos dos concorrentes é importante para o planejamento estratégico (JAMAK et al., 2014).

As falhas e a falta de informação são problemas encontrados, sendo as fontes informais e pessoais as mais utilizadas (GUPTA; TRIPATHI, 2020; VERA, 2012) e não aquelas baseadas no mercado (MOYE, 2003). Segundo Vera (2012) isso resulta em barreiras estruturais e institucionais e demonstra a capacidade limitada dos empreendedores em rastrear o ambiente e acessar informações específicas. Woida (2019) acrescenta que as informações também são subutilizadas e muitos informes de clientes e do ambiente externo não são usados para melhorar ou inovar produtos, serviços e processos. Além disso, se as empresas tivessem informações sobre o que, quando e para quem vender seus produtos / serviços, isso ajudaria não só na sobrevivência do negócio, mas também em seu desempenho (RAMGIR, 2019; YA'KOB; JUSOH, 2016).

Identificou-se que a falta de redes comerciais entre empresários, governo, instituições financeiras e outras associações comerciais exercem influência negativa na sobrevivência das empresas (JAMAK et al., 2014; IRJAYANTI; AZIS, 2012). A cooperação e a formação de alianças estratégicas são essenciais para o desenvolvimento e sobrevivência da MPE,

tornando-se um fator determinante entre o sucesso e o fracasso (ALONSO; KOK, 2020; KAZUNGU, 2020; ALONSO; BRESSAN, 2017). As empresas inseridas em cooperação interorganizacional apresentam troca de conhecimento entre os agentes (fornecedores, produtores, consumidores, associações do ramo, cooperativas, organizadores de eventos, festivais, feiras e turismo), troca de informações comunitárias e particulares, de forma que a aprendizagem é expandida (ALONSO; BRESSAN, 2017; LAGUIR et al., 2017).

A falta de publicidade (quando e como deve ser feita) também é vista como um fator de risco, uma vez que a indisponibilidade de recursos financeiros para essa finalidade afeta a continuidade dos negócios (FIELDEN et al., 2000; ANHOLON et al., 2015). É comum que os empresários não vejam os gastos com propaganda e publicidade como um investimento e, por isso a colocam em baixa prioridade (FIELDEN et al., 2000; ANHOLON et al., 2015). Anholon et al. (2015) complementaram que muitas vezes as empresas costumam ter dificuldade em definir o cliente exato a ser alcançado pela publicidade.

2.3.3.3 Riscos associados à falta de inovação no negócio

Os fatores desta categoria foram relacionados à falta de investimento em inovação para o desenvolvimento de produtos, serviços e processos nas MPEs (Tabela 8).

Tabela 8. Fatores de risco de mortalidade relacionados à inovação

Categoria de risco	Definição	Fatores de risco	Fonte
Riscos vinculados à falta de inovação no desenvolvimento de produtos, serviços e processos	Refere-se à falta de investimento em inovação para o desenvolvimento de produtos, serviços e	Falta de inovação no desenvolvimento de produtos, serviços e processos	CARDOSO et al. (2020); CHEGE et al. (2020); AGYAPONG et al. (2019); BERNE et al. (2019); MARQUES et al. (2019); POZO et al. (2019); SEVERO et al. (2019); WALTER et al. (2019a); RATNANINGTYAS et al. (2018); VASCONCELOS; OLIVEIRA (2018); AGYAPONG et al. (2017); DUDA et al. (2017); VORKAPIĆ et al. (2017); ALVARENGA (2016); RAHBAUER et al. (2016); DE PAULLA; HAMZA (2015); STACHO et al. (2015); FERREIRA et al. (2012); OWOSENI; TWINOMURINZI (2020); MARQUES et al. (2019);

negócio	processos nas empresas.	Falta de tecnologias	QUELHAS (2019); BLANKSON et al. (2018); MALAQUIAS; HWANG (2016); PEREKWA et al. (2016); RAHAYU; DAY (2015); IRJAYANTI; AZIS (2012); VERA (2012); PEZDERKA; SINKOVICS (2011); DONNER; ESCOBARI (2010); ARSHAN; KRIVAK (2008); CORNER et al. (2002)
		Falta de políticas e práticas ambientais sustentáveis	ALSHAMI (2019); BRESSAN; PEDRINI (2019); CASSELLS; LEWIS (2017); LEONETI et al. (2016)
		Ausência de responsabilidade social corporativa	SKÝPALOVÁ et al. (2016)

A falta de investimento em inovação foi considerada um fator relevante para o risco de mortalidade em MPE (CARDOSO et al., 2020; AGYAPONG et al., 2019; MARQUES et al., 2019; RATNANINGTYAS et al., 2018; AGYAPONG et al., 2017; ALVARENGA, 2016; RAHBAUER et al. 2016; STACHO et al., 2015; FERREIRA et al., 2012). Pozo et al. (2019) constataram que um dos requisitos para a obtenção de resultados é otimizar os recursos disponíveis, dessa forma, haverá mais investimentos em inovação para a produção de bens e prestação de serviços. A melhoria da produtividade advém do investimento em tecnologia, incorporada na estrutura produtiva e no processo de treinamento e educação dos colaboradores (POZO et al., 2019).

Organizações inovadoras apresentam maior taxa de sobrevivência quando possuem um portfólio diversificado (CHEGE et al., 2020; SEVERO et al., 2019; WALTER et al., 2019b). De Paulla e Hamza (2015) complementam que toda a organização que busca inovar deve ser proativa, superar as demandas do mercado e gerenciar a qualidade dos produtos e serviços. A capacidade da empresa de incorporar conhecimento externo e interno, tácito ou explícito é importante para uma estratégia obter sucesso (BERNE et al., 2019; WALTER et al., 2019a; VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2018; DUDA et al., 2017). Para Vorkapić et al. (2017) as fontes de ideias para o desenvolvimento de novos produtos e serviços podem vir de concorrentes, clientes, colaboradores e da participação em feiras ou exposições.

Foi identificado que o uso da tecnologia e estratégias de e-commerce é um diferencial para a MPE (RAHAYU; DAY, 2015; IRJAYANTI; AZIS, 2012; VERA, 2012; PEZDERKA; SINKOVICS, 2011). Para Corner et al. (2002) a utilização de um site eletrônico e de seus recursos, tais como informações de produtos, dados da empresa, promoções, pagamentos e compras online, diminuem o risco de mortalidade do negócio, além de agregar valor aos produtos e serviços.

O uso de telefonia, aplicativos móveis e redes sociais influenciam fortemente a capacidade de buscar novas oportunidades de negócios, além de ampliar os processos de comunicação, marketing e de busca por informações existentes (OWOSEN; TWINOMURINZI, 2020; BLANKSON et al., 2018; PEREKWA et al., 2016). Donner e Escobari (2010) mencionaram que as MPEs se tornam competitivas para atender a uma sociedade cada vez mais exigente e operante em diversas mídias virtuais, mas, para que isso aconteça, as barreiras de falta de conhecimento, de confiança e de credibilidade devem ser rompidas pelas organizações.

Outro ponto que teve relação positiva com a sobrevivência de uma organização é o investimento em tecnologia da informação (TI) (MARQUES et al., 2019; MALAQUIAS; HWANG, 2016). Quelhas (2019) complementou que um grande número de micro e pequenos empreendedores não conhece o potencial da TI e, portanto, apresentam dúvidas de quão benéfico os investimentos em TI são para um empreendimento.

Outro fator citado foi a falta de incentivos a políticas e práticas ambientais sustentáveis das MPEs. Devido às demandas da comunidade e do mercado, a adoção dessas práticas, aliadas à inovação e aplicadas em ações estratégicas, resultam em benefícios para a empresa, pois buscam minimizar os impactos socioambientais gerados (BRESSAN; PEDRINI, 2019; CASSELLS; LEWIS, 2017; LEONETI et al. 2016). Alshami et al. (2019)

acrescentaram que a falta de diversidade de produtos e pouca flexibilidade no processo de implementação são causas que afetam a prática da sustentabilidade.

Com a adoção de práticas ambientais, as empresas revelam o seu compromisso e responsabilidade social corporativa (RSC) à sociedade (SKÝPALOVÁ et al., 2016). No estudo de Skýpalová et al. (2016) foi constatado que existe uma correlação entre o tamanho da empresa, a conscientização, o comprometimento e as atividades de RSC. Com isso, foi verificado que as MPEs têm pouco conhecimento, e conseqüentemente menor envolvimento nos três pilares da RSC (social, econômico e ambiental). O pilar social refere-se as atividades realizadas sobre ética e cultura organizacional, na saúde, segurança, treinamento, capacitação e educação dos funcionários, diversidades no local de trabalho e igualdade de oportunidades. O pilar econômico diz respeito a não aceitação da corrupção, fraude e concorrência desleal, boa relação dentro da cadeia de suprimentos, lealdade a empresa e transparência nas atividades e nos resultados da empresa. No pilar ambiental, encontram-se as atividades de reciclagem, redução, aproveitamento e gestão de resíduos e a diminuição no uso de materiais, energia e água (SKÝPALOVÁ et al, 2016).

A prática da RSC revela um compromisso para com a sociedade e os funcionários da empresa, causando um impacto positivo no seu campo de atuação (SKÝPALOVÁ et al, 2016). Porter e Kramer (2011) avaliam a RSC e acrescentam o conceito de ‘Created Share Value’ (CSV). Os autores revelam que o valor compartilhado é fundamental para inovação e crescimento das organizações. Com isso, criam-se benefícios sociais e uma conexão do sucesso da empresa com a comunidade.

2.3.3.4 Riscos associados às dificuldades com clientes

Entre as dificuldades que foram encontradas nesta categoria estão a de conquistar e fidelizar clientes (ANHOLON et al., 2015; SANTINI et al. 2015; FERREIRA et al., 2012; FIELDEN et al., 2000) (Tabela 9).

Os clientes são a chave para o sucesso de qualquer negócio. Todo empreendimento, antes da sua abertura deveria coletar informações para conhecer seu público-alvo, descobrir suas necessidades, preferências e percepções. Além disso, fidelizar os clientes existentes é tão importante quanto conquistar novos clientes. Esta retenção está vinculada em cobrir os valores da concorrência e superar as expectativas dos clientes, no que diz respeito à qualidade de produtos e serviços oferecidos (ANHOLON et al., 2015).

Tabela 9. Fatores de risco de mortalidade relacionados aos clientes

Categoria de risco	Definição	Fatores de risco	Fonte
Riscos associados às dificuldades com clientes	Representam as dificuldades das MPE em conquistar e fidelizar clientes	Dificuldade em conquistar novos clientes	SANTINI et al. (2015); FERREIRA et al. (2012)
		Dificuldades em fidelizar clientes	ANHOLON et al. (2015); FERREIRA et al. (2012); FIELDEN et al. (2000)
		Localização inadequada	GUPTA; TRIPATHI (2020); ANHOLON et al. (2015); SANTINI et al. (2015); AGA; REILLY (2011)
		Falta de adequação e acessibilidade na infraestrutura	GUPTA; TRIPATHI (2020); TAVARES; MARIO (2018); AGA; REILLY (2011)

Outro elemento importante foi a localização da empresa, que deve ser acessível para os clientes (GUPTA; TRIPATHI, 2020; SANTINI et al., 2015; AGA; REILLY, 2011). Anholon et al. (2015) destacaram dois pontos que devem ser observados antes de definir a localização de um estabelecimento, que são: o público-alvo, que se refere aos consumidores potenciais e suas preferências e, a concorrência, para verificar o que pode ser melhorado ou atualizado. Agrega-se a importância da adequação e da acessibilidade da infraestrutura no ponto comercial do estabelecimento (GUPTA; TRIPATHI, 2020; TAVARES; MARIO, 2018; AGA; REILLY, 2011).

2.3.3.5 Riscos decorrentes de fatores externos

Nesta categoria foram apontados os problemas aos quais o empresário não tem controle (Tabela 10) como as crises econômicas e financeiras de um país (BOHN et al., 2018; CONCEIÇÃO et al., 2018; ANHOLON et al., 2015; SANTINI et al., 2015; MAHAMID, 2012; ISHENGOMA; KAPPEL, 2011; ARSLAN; KRIVAK; 2008), a carga tributária elevada (BOHN et al., 2018; ANHOLON et al., 2015; SANTINI et al., 2015; MAHAMID, 2012; ISHENGOMA; KAPPEL, 2011), os desastres ambientais (MAHAMID, 2012), a falta de políticas públicas de apoio ao setor (JAMAK et al., 2014; ZARIDIS; MOUSIOLIS, 2014; ARSLAN; KRIVAK, 2008) e forças disruptivas (AMANKWAH-AMOAHA et al., 2021; GREGUREC et al., 2021; NORDHAGEN et al., 2021; SMART et al., 2021; AKUOKO et al., 2020; BARTIK et al., 2020; NOGUEIRA et al., 2020; PĂUNESCU; MÁTYUS, 2020).

Tabela 10. Fatores de risco de mortalidade relacionados aos fatores externos

Categoria de risco	Definição	Fatores de risco	Fonte
Riscos decorrentes de fatores externos	Referem-se aos problemas aos quais o empreendedor não tem controle.	Crises econômicas e financeiras	BOHN et al (2018); CONCEIÇÃO et al. (2018); ANHOLON et al. (2015); SANTINI et al. (2015); MAHAMID (2012); ISHENGOMA; KAPPEL (2011); ARSLAN; KRIVAK (2008)
		Carga tributária elevada	BOHN et al (2018); ANHOLON et al. (2015); SANTINI et al. (2015); MAHAMID (2012); ISHENGOMA; KAPPEL (2011)
		Falta de políticas públicas	JAMAK et al. (2014); ZARIDIS; MOUSIOLIS (2014); ARSLAN; KRIVAK (2008)
		Forças disruptivas	AMANKWAH-AMOAHA et al. (2021); GREGUREC (et al. 2021); NORDHAGEN (2021); SMART et al. (2021); ALON et al., (2020); AKUOKO et al. (2020); BARTIK et al. (2020); HE; HARRIS (2020); NOGUEIRA et al. (2020); PĂUNESCU; MÁTYUS (2020); MAHAMID (2012)

Os efeitos disruptivos referem-se as recessões, guerras, desastres e epidemias, como por exemplo a primeira guerra mundial (1914-1918), a segunda guerra mundial (1939-1945), a Grande Depressão (1929-1939), a Crise Financeira Global (2007-2009) e a pandemia da

Covid-19 (iniciou em dezembro/2019), que trouxeram grandes impactos nas organizações (SMART et al., 2021). A pandemia Covid-19 foi o fator externo que mais se destacou e trata-se de uma situação nova, com duração de tempo desconhecido (HE; HARRIS, 2020). Surgiu em dezembro de 2019 e como repercussão deste cenário, alguns países tiveram que fechar suas fronteiras e muitas empresas foram obrigadas a suspender suas atividades. Este contexto resultou em uma crise econômica mundial e, conseqüentemente, os indivíduos e as organizações foram afetados, principalmente os micros e pequenos empreendedores.

Segundo Smart et al., (2021) o efeito disruptivo da pandemia ganhou a atenção de pesquisadores, averiguando os tipos de mudanças ocorridas na demanda e as estratégias para enfrentar a crise pandêmica em todos os aspectos. Acrescenta-se que a crise também teve impacto nos mercados financeiros e um dos problemas enfrentados pelas empresas foi a falta de capital para modificar ou adaptar o seu modelo de negócios (GREGUREC et al. 2021). Os pequenos negócios são frágeis financeiramente e muitos destes empreendimentos possuíam pouco dinheiro disponível quando iniciou a pandemia, devido a isto foi necessário cortar gastos, contrair outras dívidas ou encerrar as atividades (BARTIK et al., 2020). Alon et al. (2020) mencionaram que a humanidade está enfrentando, uma crise humanitária, despertando medo e incertezas sobre o futuro e, uma crise financeira e econômica, com problemas tanto na oferta quanto na demanda. A outra crise desafiadora é a falta de liderança mundial para lidar com os problemas invisíveis (ALON et al., 2020).

A World Health Organization - WHO (2020) salientou que com o aparecimento desta crise, tornou-se difícil fazer planejamentos quanto ao futuro devido as incertezas e preocupações que foram originadas tanto na saúde quanto na economia. Mas, dependendo do tipo de setor, esta crise representa uma oportunidade nos negócios (SMART et al., 2021; ALON et al., 2020). Amankwah-Amoah et al. (2021) salientaram que as empresas devem utilizar a Covid-19 como inspiração para as inovações. Com isso, os autores desenvolveram a

‘CoviNovation’, que evidencia as inovações esperadas e inesperadas da organização que foram originadas ou agilizadas pela pandemia.

Com relação às medidas governamentais urgentes de combate à crise pandêmica, são mencionados os fundos emergenciais, que foram criados para atender aos pequenos negócios, com prazos de carência mais longos e taxas de juros reduzidas para ajudar as empresas a preservar empregos, amparando as famílias contra a redução de renda (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT, 2020). Diante disto, verificou-se que as MPEs buscam ações estratégicas para conter o risco de mortalidade por meio de capacitação, inovação, desenvolvimento de novos produtos ou serviços e implantação de novas tecnologias. O posicionamento estratégico é importante neste período para que a empresa continue competindo no mercado e possa beneficiar seus clientes.

2.4 Discussão

O objetivo principal deste artigo foi analisar os determinantes ao risco de mortalidade em MPE a partir do estado da arte sobre o tema. Em síntese, foi verificado que os estudos sobre mortalidade empresarial se expandiram a partir de 2016 (Figura 4). Os artigos publicados exploraram também os temas sobre sobrevivência, fracasso e crescimento de MPE. No ano de 2019 e 2020 cresceu o número de publicações e isto é explicado pelo fato do empreendedorismo ser uma tendência global, um impulsionador do crescimento econômico (JABLONSKA; STAWSKA, 2020; AGYAPONG et al., 2019; CHIKWECHE; BRESSAN, 2017; ABOR; QUARTEY, 2010) e um contribuidor para a criação de emprego e inovações (RUSU; ROMAN, 2017). Dessa forma, a gestão das MPEs ganhou importância nos níveis social, governamental, empresarial e acadêmico (RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019). O aumento em 2020 também é explicado pelo impacto que a pandemia Covid-19 gerou nas MPE e com isso, a maioria dos trabalhos desenvolvidos foi baseada no efeito que esta crise

ocasionou neste segmento. O efeito disruptivo da pandemia passou a ser o foco de muitos pesquisadores, que passaram a examinar os tipos de mudanças ocorridas na demanda e as estratégias para enfrentamento da crise (SMART et al., 2021).

Nas publicações por tipo de pesquisa foi observada uma evolução ao longo dos últimos anos nas pesquisas empíricas estatísticas (Tabela 3). Para o desenvolvimento dessas pesquisas foram aplicados questionários e técnicas estatísticas. As técnicas mais utilizadas foram a regressão linear e análise fatorial. Păunescu e Mátyus (2020) explicaram que o uso da análise fatorial permite identificar os fatores que explicam a correlação dentro de um conjunto de fatores observados de risco de mortalidade e, a regressão linear, determina qual variável tem maior impacto sobre o risco de mortalidade.

A metodologia do estudo de caso foi avaliada em empresas privadas (Tabela 3). Os estudos analisaram barreiras e desafios em diversos ramos de atividade e setores empresariais. Foram desenvolvidos trabalhos investigando também a sobrevivência e o sucesso destas empresas.

Os estudos conceituais analíticos seguem progredindo em publicações (Tabela 3). Foram evidenciadas as discussões sobre a importância das MPE para o desenvolvimento econômico onde está inserida e os estudos trouxeram reflexões sobre o que contribuiu para o não encerramento dessas organizações. Diante disso, Roratto et al. (2017) acrescentaram a necessidade de desenvolver instrumentos que possam reduzir a mortalidade empresarial e criar programas que incorporem o conhecimento teórico e empírico acumulado.

Os artigos analisados nesta revisão totalizaram em 425 palavras-chaves. Com isso foi elaborada uma nuvem de palavras e 8 palavras se destacaram como as mais citadas: 'micro', 'negócio', 'inovação', 'gestão', 'empreendedorismo', 'desempenho', 'MPE' e 'PME'. Foi verificado que as palavras, 'inovação', 'gestão', referem-se a duas dimensões apresentadas neste estudo e que se destacaram por apresentarem os fatores de risco que tiveram a maior

frequência no total (Apêndice B). Também foi ressaltada a palavra ‘empreendedorismo’, confirmando o direcionamento de estudos sobre este tema. O empreendedorismo é uma tendência global e neste cenário surgem as MPEs que representam a maioria das empresas mundiais (RASCÓN; VELAZQUÉZ, 2019). Com isso, foi verificado que os fatores de risco referentes a inovação e gestão empresarial merecem uma maior atenção frente aos riscos vinculados ao empreendedor, a clientes e os fatores externos. Já a palavra performance, tem uma forte tendência a ser alterada e prejudicada quando ocorrem os problemas de inovação e gestão nas MPE.

Nos estudos analisados foram identificados 36 fatores de risco e o fator que mais se destacou foram os problemas na gestão econômica-financeira (Apêndice B). Dentre os problemas financeiros na empresa está falta de capital de giro, que faz com que muitas empresas busquem instituições financeiras para obtenção de crédito. Os problemas financeiros influenciam as atividades de todos os setores, como por exemplo, no desenvolvimento de produtos, serviços e processos inovadores e no investimento em tecnologia. Achados na literatura existente mostraram que ainda há muito a ser explorado sobre mortalidade em MPE e Gupta e Tripathi (2020) acrescentaram que este tema tem potencial para estudos futuros, pois há muitos fatores que devem ser analisados para melhorar o desempenho de MPEs e ajudar a economia local, gerando renda suficiente.

Acrescenta-se que na literatura foi encontrado alguns artigos que analisaram os fatores em duas categorias, os que aumentam o risco de mortalidade e os que auxiliam na redução do risco. No estudo de Jamak et al. (2014), foram investigados os fatores que contribuem para minimizar os riscos, ou seja, para a sobrevivência nos negócios e os fatores que conduzem para as falhas dentro da organização, podendo conduzi-las a mortalidade em MPE. Foi identificado que a educação é um dos fatores que a reduz o risco. A educação para o empreendedorismo maximiza as taxas de crescimento além de aumentar as chances de

desenvolvimento de novos negócios, do autoemprego, de criar produtos e de estar atualizado sobre as tendências de mercado e ferramentas de gestão (JAMAK et al., 2014). Os autores acrescentaram que a formação em gestão de empresas desempenha um papel importante na eficácia empreendedora. Outros pontos importantes que diminuem o risco são: o uso do marketing, que é uma ferramenta que auxilia na investigação das necessidades e desejos do consumidor e avalia a concorrência e, a alfabetização financeira, que fornecerá informações de como negociar linhas de crédito, gerenciar pagamentos e tomar decisões financeiras (JAMAK et al., 2014). A literatura também aponta que a chave para minimizar falhas nos negócios inclui treinamento em assistência técnica, boa comunicação e a formulação de objetivos e metas a serem alcançadas (JAMAK et al., 2014). A implementação da tecnologia da informação é outro fator que diminui o risco pois possibilita o crescimento de MPE. O importante neste investimento é pensar em como as operações serão impactadas, otimizando processos e atividades (MÁRQUEZ et al., 2019).

Por outro lado, os fatores que aumentam as taxas de mortalidade, segundo alguns autores são: a concorrência, que desenvolve produtos inovadores e muitas vezes atacam com os consumidores em termos de preço e promoções; a falta de redes de contato (networking) entre empresas, funcionários, governo, clientes, instituições financeiras, entre outros, para ganhar visibilidade e alcançar competitividade e a falta de habilidades gerenciais para desenvolver planos de negócios, obter e utilizar recursos de forma eficiente, para equilibrar as finanças e manter um acompanhamento e controle das operações diárias (JAMAK et al., 2014). Os fatores externos que impactam e aumentam a mortalidade de MPE desde a década de 1990 são: o acesso limitado a financiamento, a corrupção, a precariedade dos serviços públicos, impostos elevados, a burocracia do governo (KAPPEL; ISSHENGOMA, 2011).

Os resultados referentes a relação entre as dimensões e subdimensões que contribuem para o risco de mortalidade das MPEs foram discutidos em detalhes nas próximas seções.

2.5 Relações entre as dimensões e as subdimensões de riscos de mortalidade em MPEs

A primeira dimensão enfatizou os riscos vinculados ao empreendedor, que foram apresentados na seção 2.3.3.1. Nesta categoria foi verificado que o treinamento e a capacitação devem ser constantes, pois permitem que o empreendedor se mantenha atualizado na sua área de atuação, implementando novas técnicas nas operações da empresa, a fim de solucionar problemas e tornar os processos internos mais eficientes. A capacitação leva ao conhecimento técnico, que auxilia o empreendedor na tomada de decisão baseada no conhecimento e não na intuição. O empreendedorismo envolve muitos desafios, e o conhecimento contribui para que os empreendedores enfrentem as dificuldades diárias, desenvolvendo as tarefas com qualidade e eficiência.

As práticas gerenciais foram vinculadas à experiência em gestão empresarial, que permite que o empreendedor conheça e tenha controle sobre o que acontece na empresa, sendo possível detectar gargalos, falhas e oportunidades de melhoria. Acrescenta-se que as competências e habilidades do empreendedor devem ser aperfeiçoadas e ampliadas. Estas habilidades referem-se às suas características e atitudes, seus pontos fortes e fracos, que irão interferir no desempenho da empresa. O desenvolvimento de habilidades permite que o empreendedor alcance seus objetivos e finalize seus projetos de maneira inteligente.

A segunda dimensão foi associada à gestão de riscos na empresa, apresentada no item 2.3.3.2. Muitos artigos focaram na identificação e análise dos problemas relacionados às atividades do dia a dia da empresa e, por isso, todo empresário antes de abrir uma empresa deveria pesquisar o mercado, o público-alvo e a concorrência para tomar boas decisões. É importante preparar um plano de negócios para que a empresa se desenvolva e tenha sucesso. O plano de negócios identifica os pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças de uma empresa, além de apresentar e alcançar suas atividades, objetivos e metas anteriores. A gestão

abrange todas as áreas da empresa e busca analisar e solucionar problemas, organizar finanças, motivar os colaboradores e controlar o ambiente interno. Muitos empreendedores fecham seus estabelecimentos porque administram suas empresas com base na emoção de ter um negócio, sem conhecer o ambiente em que atuam, e por não ter conhecimentos sobre gestão, marketing, vendas, estratégia, operações, etc.

Outro ponto importante é a dificuldade de obtenção de crédito, que ocorre devido à falta de capital de giro que as MPEs não possuem para o desenvolvimento das operações. A falta deste capital resulta na busca por crédito em instituições financeiras que acabam cobrando juros e taxas elevadas. Já, no momento de obtenção do crédito, aparece a barreira da avaliação para a sua liberação, pois o processo é muito burocrático e resulta muitas vezes na negação de crédito devido as restrições, tais como, renda insuficiente, dívida em atrasos, falta de documentos e de garantias, documentos pessoais e empresariais com restrições, etc. Alguns países possuem linhas de crédito especiais para as MPEs pois entendem a importância das empresas deste segmento para o desenvolvimento econômico. Estas linhas de crédito apresentam tarifas e taxas de juros mais baixas, maiores prazos de carência e análises rápidas, podendo ser utilizada para investimentos ou capital de giro.

A terceira dimensão sugerida foi a inovação, apresentada na seção 2.3.3.3. A inovação, em muitos casos, não é aplicada na organização devido à falta de ferramentas para sua implementação. O uso da tecnologia resulta em benefícios para a empresa e para o cliente. A inovação agrega valor aos produtos/serviços da empresa, tornando-se uma vantagem competitiva. As empresas que não se atualizam com os avanços tecnológicos não conseguirão dar continuidade às suas atividades. As práticas ambientais melhoram a imagem da empresa, além de minimizar o impacto do negócio no meio ambiente.

A quarta dimensão consistiu no cliente, apresentado na seção 2.3.3.4. Achados mostraram que em um mercado globalizado e competitivo, é importante que as empresas

conheçam seus consumidores para criar vínculos, interagindo e satisfazendo suas necessidades. A concorrência se apresenta não só pelas lojas físicas, mas também pelas virtuais e por isso é fundamental conquistar o cliente com produtos e/ou serviços diferenciados e adequados aos seus desejos. O cliente é a base do crescimento de uma empresa porque sem ele a empresa não existiria. Um cliente insatisfeito propaga comentários negativos sobre a empresa, que são rapidamente divulgados nas redes sociais, pela mídia e pelo contato direto, prejudicando a imagem da empresa. Para conquistar e fidelizar clientes é importante superar suas expectativas, anunciar um preço melhor que a concorrência, oferecer produtos e/ou serviços inovadores e de qualidade, prestar um bom atendimento, oferecer treinamento para a equipe de vendas conhecer melhor seus clientes, produtos e/ou serviços que estão sendo comercializados, resolver os problemas dos clientes rapidamente e valorizar os clientes antigos por meio de descontos, programas de fidelidade, bônus, etc.

A quinta dimensão foi relacionada aos fatores externos, evidenciados na seção 2.3.3.5. Os resultados mostraram a influência dos fatores externos nas operações da empresa. Esses fatores exigem mudanças nos processos e tomadas de decisão rápidas e inteligentes para minimizar os efeitos de uma crise. Alguns fatores externos que interferem no funcionamento das MPEs são as altas taxas de juros, que dificultam o pagamento de empréstimos e financiamentos, a inflação, que aumenta o valor dos insumos de produção, e o desemprego, que afeta a demanda dos consumidores por produtos e serviços. Destaca-se a importância de políticas públicas para suporte aos pequenos negócios já existentes e apoio na criação de novos empreendimentos, para o desenvolvimento socioeconômico.

Acrescenta-se a isso, que o efeito disruptivo da pandemia Covid-19 revelou uma situação inesperada e desconhecida, dificultando um planejamento futuro devido às incertezas que foram originadas. No entanto, essas incertezas e ameaças devem ser consideradas pelos gestores das empresas para o aproveitamento de novas oportunidades de

negócios e, para isso, é necessário um posicionamento estratégico, tanto para micro e pequenas como para médias e grandes empresas.

Em suma, a classificação dessas dimensões permitiu a elaboração de um modelo conceitual, direcionado para o risco de mortalidade em MPE. O modelo consolida os resultados obtidos e permite a compreensão da interdependência entre os fatores.

2.5.1 Principais dimensões e subdimensões

As dimensões que mais se destacaram pelo número de subdimensões (fatores de risco) foram: Gestão, Empreendedor e Inovação (Apêndice B).

Na dimensão Empreendedor, a subdimensão que apresentou maior frequência de citação foi 'competências e habilidades gerenciais', na Gestão foram apontados os 'problemas na gestão econômica e financeira', na Inovação, destacou-se 'a falta de inovação no desenvolvimento de produtos, serviços e processos', em Clientes, ressaltou-se a 'localização inadequada' e, por último, em Fatores externos, foi destacada as 'forças disruptivas' (Tabela 11).

Tabela 11. Classificação e frequência de citação dos fatores de risco de mortalidade em MPE

Dimensões	Subdimensões	Frequência
Empreendedor	Competências e habilidades gerenciais	5.4%
Empreendedor	Perfil	5.0%
Gestão	Problemas na gestão econômico-financeira	8.6%
Gestão	Dificuldade na obtenção de crédito	8.2%
Inovação	Falta de inovação no desenvolvimento de produtos, serviços e processos	8.2%
Inovação	Falta de tecnologias	5.9%
Clientes	Localização inadequada	1.8%
Clientes	Dificuldades em fidelizar clientes	1.3%
Clientes	Falta de adequação e acessibilidade na infraestrutura	1.3%
Fatores Externos	Forças disruptivas	5.0%
Fatores Externos	Crises econômicas e financeiras	3.1%

Foi constatado que os gestores das MPEs devem considerar todas as subdimensões identificadas, mas é essencial dar atenção as subdimensões classificadas nas dimensões do empreendedor, da gestão e da inovação (Tabela 11). Na dimensão empreendedor foi

observado a importância do aperfeiçoamento de habilidades e competências, que irá refletir na produtividade da empresa. Na dimensão gestão é fundamental que o empreendedor conheça todas as ferramentas necessárias e disponíveis, para um bom desempenho dos negócios. Na dimensão inovação foi verificado que muitas empresas não inovam em tecnologia, produtos, serviços e processo por falta de conhecimento sobre as ferramentas disponíveis e, também, por não estarem abertos a mudanças.

As subdimensões que apareceram com maior frequência, no geral, foram: ‘problemas na gestão econômico-financeira’, ‘a dificuldade na obtenção de crédito’ e ‘a falta de inovação no desenvolvimento de produtos, serviços e processos’ (Tabela 11). Estes fatores estão inseridos em duas categorias que se destacaram que são: inovação e gestão.

O alto percentual na subdimensão associada a inovação, demonstrou que os empreendedores deveriam investir no seu próprio negócio, em ferramentas que os auxiliem na implantação de tecnologias e na criação de novos produtos, serviços e processos organizacionais que agreguem valor. A inovação é um diferencial frente a concorrência, e como consequência as MPEs aumentam o faturamento, os lucros, conquistam novos mercados e diminuem os custos de produção.

As subdimensões relacionadas a gestão, confirmaram a falta de incentivo e apoio de políticas públicas para a MPE, dificultando o processo de obtenção de crédito para capital de giro. Os empresários deveriam controlar melhor suas operações financeiras, utilizando mecanismos que os auxiliem na tomada de decisão, tais como, um planejamento financeiro, planilhas para acompanhamentos dos gastos diários, monitoramento do fluxo de caixa, controle de custos e despesas, separação dos gastos da pessoa física (empresário) e da pessoa jurídica (empresa), assessoramento de um contador para sanar dúvidas econômico-financeira e contábil, análise de relatórios contábeis, entre outros.

2.6 Modelo Conceitual de risco de mortalidade em MPes

Os achados das áreas temáticas encontradas na revisão da literatura permitiram que os autores elaborassem um modelo conceitual para a análise do risco de mortalidade nas MPes (Figura 6). Os objetivos deste modelo foram: a) contribuir como uma síntese qualitativa dos resultados obtidos nos últimos 20 anos de pesquisa sobre risco de mortalidade em MPE e b) auxiliar empreendedores, governantes e instituições de ensino a desenvolver estratégias de apoio e de desenvolvimento. O modelo foi apresentado em suas dimensões, subdimensões e suas inter-relações.

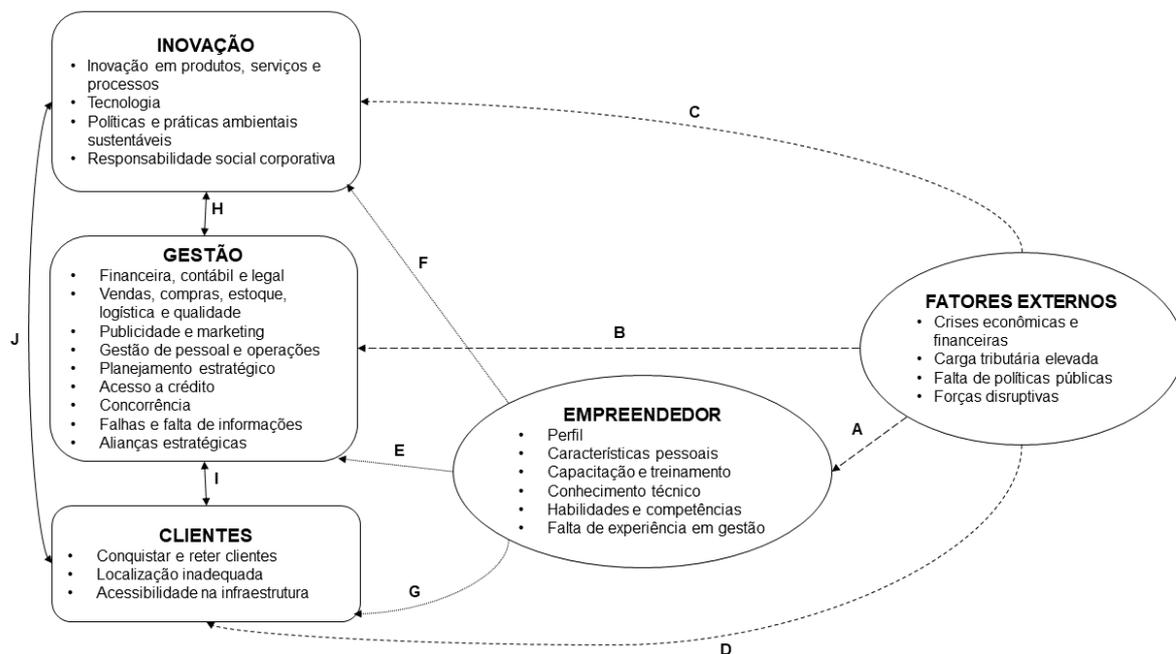


Figura 6. Modelo conceitual de risco de mortalidade em MPE

As relações determinantes foram classificadas em cinco dimensões: Fatores externos, Empreendedor, Gestão, Inovação e Clientes (Figura 6). As linhas tracejadas (A, B, C, D) mostram a relação entre os fatores externos e as demais dimensões. A linha pontilhada (E, F, G) mostra a relação entre o empreendedor e as demais dimensões. E a linha contínua (H, I, J) mostra as relações entre as dimensões Clientes, Gestão e Inovação (Figura 6). A análise

destas relações entre as dimensões e seus determinantes permitiu um conhecimento aprofundado sobre os mecanismos que contribuem para a mortalidade de MPEs. O modelo apontou a direção de influência entre as dimensões. O sentido das setas representa as relações unidirecional (sentido único) ou multidirecional (várias direções). Foi identificado que os fatores externos têm uma relação causal unidirecional com as demais dimensões (A, B, C, D) devido ao impacto nas atividades e setores das MPEs. Os fatores externos representam aqueles riscos sobre os quais o empreendedor não tem controle, que estão relacionados ao ambiente externo e que podem ocorrer inesperadamente, impactando as ações do empreendedor, a gestão da empresa, a demanda e o comportamento dos clientes e os investimentos em inovação. O empreendedor sofre influência dos fatores externos, que conseqüentemente, afetam suas decisões em todas as atividades da empresa. Assim, o empreendedor tem uma relação unidirecional com gestão (E), com ações inovadoras (F) e no comportamento dos clientes (G).

Considerando as perspectivas da gestão, da inovação e dos clientes foi constatada uma relação multidirecional entre essas dimensões. Isso significa que essas dimensões estão conectadas e o impacto na gestão da empresa afetará os processos de inovação e o relacionamento com o cliente e vice-versa. Discussões mais aprofundadas sobre o modelo foram apresentadas na próxima seção.

2.6.1. Relacionamento Multidimensional

O modelo conceitual apresentou as inter-relações entre as cinco dimensões principais. A mudança em uma determinada dimensão poderá impactar nas outras dimensões. Ao apresentar essas relações, espera-se que pesquisadores, estudantes, profissionais do ramo e empreendedores possam ter uma visão ampliada sobre o risco de mortalidade em MPE. Em

primeiro lugar está a dimensão *forças externas* que afetam o empreendedor em suas ações e decisões na MPE (A). A gestão empresarial sofre intervenção dos fatores externos em suas operações diárias e processos organizacionais (B). Neste caso, crises econômicas e financeiras, alterações nas políticas públicas relacionadas ao setor e efeitos disruptivos de guerras, pandemias, e epidemias impactam o empreendedor e, desta forma afetam a tomada de decisão nas operações da empresa.

Na relação dos fatores externos com a inovação foi verificado que para investir em produtos e/ou serviços inovadores é necessário que a empresa tenha recursos disponíveis (POZO et al., 2019), e para isso o apoio governamental é essencial (C). Para isso são necessárias políticas públicas de apoio ao setor, dessa forma as MPE poderão seguir competindo no mercado. Existem outros tipos de investimentos que necessitam de recursos, tais como: tecnologia, aquisição de máquinas e equipamentos e para a modernização da empresa (RAHAYU; DAY, 2015; IRJAYANTI; AZIS, 2012; VERA, 2012; PEZDERKA; SINKOVICS, 2011; CORNER et al., 2002). O governo dá suporte aos empreendimentos por meio de linhas de crédito em instituições financeiras, oferecendo taxas de juros reduzidas e prazo de carência para o pagamento. Portanto, é importante que os micros e pequenos empresários conheçam as fontes de captação de recursos e os projetos de subvenção econômica existentes. As políticas públicas de apoio ao setor e as medidas emergenciais em tempos de crise auxiliam na criação e desenvolvimento de empreendimentos.

A relação dos fatores externos com os clientes ocorre quando o seu poder de compra é afetado, por exemplo, o desemprego e a inflação causam redução da demanda por produtos e serviços (D). Ocorrendo a diminuição da demanda por parte dos clientes, as empresas reduzem as vendas, diminuem o lucro e, conseqüentemente, são afetadas no seu desempenho.

Em segundo lugar vem a dimensão *empreendedor* que está relacionada com as dimensões de gestão, inovação e clientes. O empreendedor é responsável pela empresa e

todas as suas decisões são baseadas nas suas características empreendedoras (RASCÓN; VELÁZQUEZ, 2019), competências e habilidades (E). As MPEs dependem da atuação do empreendedor, sua atuação influencia no desempenho, na sobrevivência ou mortalidade (FERREIRA et al., 2012). Dentre as habilidades destacam-se: a persistência, proatividade (Gupta e Tripathi, 2020), liderança, motivação, comunicação, capacidade crítica, percepção (RATNANINGTYAS et al., 2018; ALVARENGA, 2016), resiliência e a flexibilidade. Desenvolver habilidades e competências é descobrir qualidades e potencialidades que auxiliarão a alcançar os objetivos planejados. O empreendedor precisa ficar atento as mudanças no mercado para identificar oportunidades de negócio (ALON et al., 2020). A elaboração de um planejamento estratégico, o mapeamento de processos, o controle de custos e despesas, a otimização de recursos e de capital do giro podem colaborar para a diminuição de falhas e no melhoramento da gestão (GALVÃO et al., 2020; RATNANINGTYAS et al., 2018; AGYAPONG et al., 2017; ALVARENGA, 2016; FERREIRA et al., 2012; GICÃ; BALINT, 2012). A falta de características empreendedoras, de experiência em gestão e de conhecimento técnico do empreendedor acabam afetando negativamente a gestão das MPEs.

As ações do empreendedor com relação a inovação são fundamentais para que a empresa consiga se posicionar no mercado (F). O investimento em produtos e serviços inovadores e em tecnologia é um diferencial competitivo para a empresa (RAHAYU; DAY, 2015; IRJAYANTI; AZIS, 2012; VERA, 2012; PEZDERKA; SINKOVICS, 2011; DONNER; ESCOBARI, 2010; CORNER et al., 2002). Muitos empreendedores não inovam por não conhecerem as ferramentas existentes e por temerem a mudança. Por isso, torna-se importante o empreendedor estar atualizado no seu ramo de atividade, participando de capacitação e treinamento que resultará em conhecimento técnico.

Já a relação dinâmica existente do empreendedor com os clientes, diz respeito a elaboração de estratégias para atrair e fidelizar consumidores (G) (ANHOLON et al., 2015;

SANTINI et al., 2015; FERREIRA et al., 2012; FIELDEN et al., 2000). É importante que o empreendedor conheça o seu consumidor buscando atender às suas necessidades e a satisfazer seus desejos. As ferramentas que podem ser utilizadas para conquistar este público-alvo são: o treinamento com o pessoal da área de vendas, para que conheçam bem o produto que está sendo negociado, a excelência no atendimento ao cliente, a divulgação de produtos e serviços pela internet, por meio de aplicativos, redes sociais e por campanhas publicitárias, um planejamento adequado para alcançar metas e objetivos, uma boa relação com o fornecedor para que não falte produtos em estoque, e lançamento de produtos com qualidade, preços e condições de pagamento atrativas.

Em terceiro lugar estão as dimensões inter-relacionadas, que são: inovação gestão e clientes. A inovação se inter-relaciona com a gestão pois inovar em produtos, serviços e processos é consequência de um conjunto de ações estratégicas dos gestores para melhorar a competitividade (H). A inovação se inter-relaciona com os clientes pois representa um diferencial para a escolha de um produto (J). Os clientes estão mais exigentes na qualidade de produtos e/ou serviços, em soluções rápidas e na utilização de ferramentas digitais, como por exemplo, sites, aplicativos, vendas pela internet e redes sociais. Na inter-relação da gestão com os clientes, o importante é buscar informações sobre as necessidades dos clientes para fidelizá-los, bem como para conquistar novos clientes (I) (ANHOLON et al., 2015). É fundamental o investimento nos pontos de vendas que são utilizados pelos consumidores e que estão trazendo receita para a empresa. O cliente satisfeito divulga esta informação e isto resulta em de novos consumidores.

2.6.2 Relação entre os fatores e o risco de mortalidade em MPE

Após compreender as relações existentes entre as dimensões de risco de mortalidade (Figura 7), apresenta-se, nesta sessão as relações existentes entre os fatores (subdimensões) e

o risco de mortalidade empresarial. O modelo foi elaborado pelos autores com base nos artigos mencionados nesta revisão. Com isso foi possível verificar como a ocorrência dos fatores vinculados ao Empreendedor, a Gestão, a Inovação, aos Clientes e os Fatores externos, conduzem as MPE ao risco de mortalidade (Figura 7). As setas representam a relação unidirecional (uma direção) ou multidirecional (várias direções), mostrando uma relação de causa e efeito.

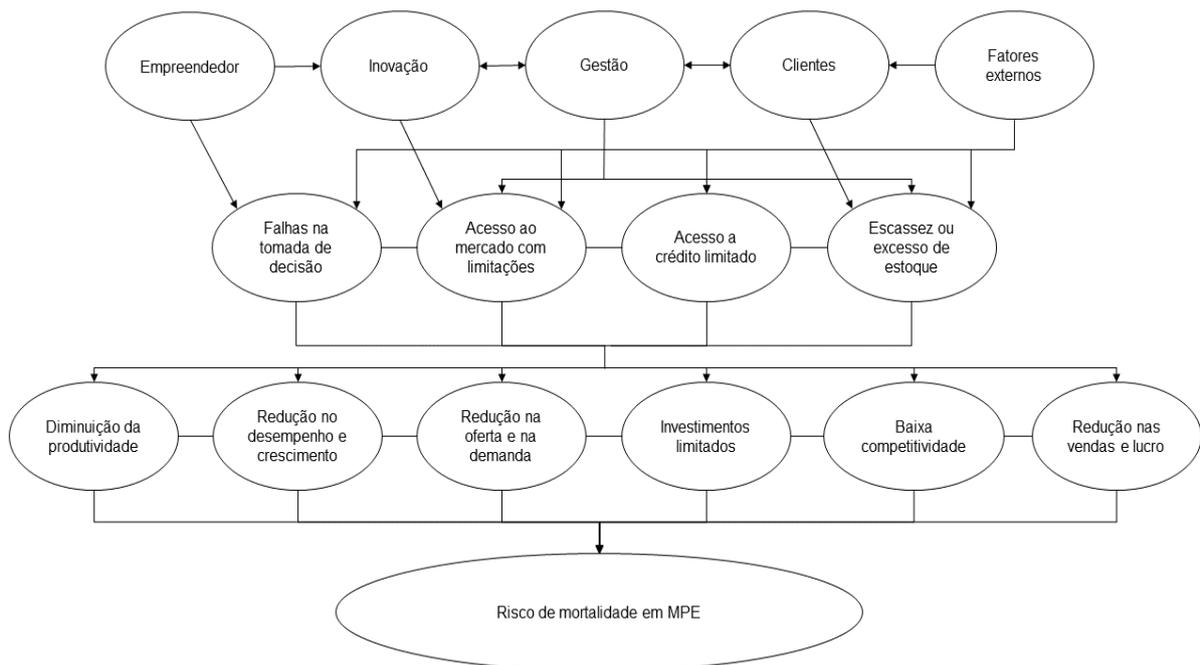


Figura 7. Relação entre fatores e risco de mortalidade em MPE

Os fatores vinculados ao empreendedor influenciam na tomada de decisão que deve ser com base no conhecimento técnico, na experiência e não na intuição. O nível de educação, experiência nos negócios e habilidades e competências, tem uma relação positiva com a rentabilidade do negócio (JAMAK et al., 2014). Por outro lado, a falta destes elementos impacta negativamente na rentabilidade e na produtividade na empresa. As características pessoais, as habilidades e competências e o perfil do empreendedor interferem nas operações diárias da empresa. Se for cometido algum erro na tomada de decisão poderá

ocorrer prejuízos pessoais e organizacionais. Isso levará a empresa a problemas de desempenho e de redução na demanda conduzindo a MPE ao risco de mortalidade.

Na gestão, os fatores de risco geram limitações de acesso ao mercado, de acesso a crédito e de escassez ou excesso de estoque. Problemas de gerenciamento na empresa causam dificuldades de se posicionar no mercado, de obtenção de empréstimos em instituições financeiras e de falta ou excesso de produtos em estoque. Quando as MPE enfrentam obstáculos que limitam seus investimentos e que limitam seu acesso a capital seu desempenho é ruim (KAPPEL; ISHENGOMA, 2011).

Em inovação, o aparecimento dos fatores de risco conduz ao acesso limitado das MPEs no mercado. O empreendedor que não estiver preparado para se adaptar as mudanças, em um mercado competitivo, não sobreviverá. A falta de investimento no desenvolvimento de produtos, serviços e processos inovadores e em tecnologia limitará a MPE. Em um mundo globalizado, a tecnologia e a inovação em produtos são essenciais para que a empresa não corra o risco de mortalidade. A utilização de ferramentas tecnológicas proporciona uma vantagem competitiva no mercado em comparação com as organizações que não as possuem (MÁRQUEZ et al., 2019)

Os fatores associados ao cliente acarretam para a empresa o acesso limitado ao mercado, ou seja, se o foco não for na satisfação das necessidades, desejos e na solução de problemas a empresa terá dificuldades para reter e conquistar novos clientes. Também foi verificado que os problemas com os clientes causam escassez ou excesso de estoque. O estoque deve acompanhar as demandas dos clientes, pois senão já rotatividade significa que as vendas estão reduzidas e com isso o lucro operacional será menor. Outro problema é a falta de produtos no estoque. Quando se tem poucos produtos estocados corre-se o risco de não ter o que o cliente necessita, com isso perde-se clientes e deixa-se de conquistar novos consumidores, aumentando as chances de mortalidade. Com a competitividade no mercado,

os clientes estão exigentes e conscientes, com isso buscam diversidade, rapidez, qualidade, preço justo e produtos e serviços inovadores (WILLERDING et al., 2012).

Nos riscos relacionados aos fatores externos, percebe-se que as MPE que não receberem apoio e incentivo do governo para desenvolvimento e criação de novos empreendimentos, encontrarão limitações de acesso ao mercado, de acesso a crédito e na escassez ou excesso de produtos. O auxílio do governo aparece na elaboração de políticas públicas que venham a reduzir a carga tributária e as taxas de juros para acesso a crédito em instituições financeiras, por exemplo. Os impostos altos limitam o desempenho e o crescimento das MPE, pois reduzem suas fontes de financiamento, desestimulando a expansão do negócio (KAPPEL; ISHENGOMA, 2011). O sistema tributário precisa ser reestruturado para incentivar o crescimento em MPE (KAPPEL; ISHENGOMA, 2011). O ambiente externo também interfere nas decisões do empreendedor pois de acordo com as situação econômico-financeira e com os efeitos disruptivos o empreendedor tomara providências para o enfrentamento de uma crise.

Todos os fatores de risco quando ocorrem resultam em redução na produtividade (JAMAK et al., 2014), de desempenho e crescimento (KAPPEL; ISHENGOMA, 2011), de redução na demanda, nas vendas, no lucro, nos investimentos (MÁRQUEZ et al., 2019) e na competitividade (MÁRQUEZ et al., 2019) conduzindo a MPE ao risco de mortalidade.

2.6.3 Validação do modelo

O modelo conceitual pode ser validado com estudos quantitativos que foram utilizados para testar e validar hipóteses sobre os relacionamentos entre as dimensões e suas respectivas subdimensões (Figura 6). Marques et al. (2019) realizaram uma pesquisa empírica, em MPEs localizadas na região nordeste, no México para verificar os fatores críticos que influenciam na implementação de ferramentas tecnológicas, com foco em TI.

Assim, com a aplicação da técnica de análise fatorial, foi verificado que a adoção de ferramentas tecnológicas auxilia na gestão das MPEs, possibilitando um aumento na produtividade e uma estratégia de enfrentamento de riscos. O estudo quantitativo de Tunes e Monteiro (2017) também utilizou a técnica de análise fatorial exploratória e de correlação com o objetivo de compreender se o conhecimento técnico em gestão, pela visão do empreendedor, gera impacto na performance empresarial. Os conhecimentos em gestão considerados foram finanças e contabilidade, inovação em processos e desing, marketing e vendas, recursos humanos, legislação e tributos, logística. Os resultados mostraram que os conhecimentos em gestão constituem uma vantagem competitiva para as MPEs e foi confirmado o impacto positivo na performance da organização.

Severo et al. (2020) realizaram uma survey com 226 empresas do setor industrial, comércio e serviços para analisar as relações entre o gerenciamento de projetos, a inovação de produtos e processos e a sustentabilidade em empresas do sul do Brasil. As hipóteses foram testadas por meio da modelagem de equações estruturais, análise fatorial confirmatória e testes de hipóteses. O estudo mostrou que as MPEs têm comportamentos proativos, pois apresentam ações inovadoras para permanência e competitividade no mercado. Cassells e Lewis (2017) em sua pesquisa quantitativa, exploraram as atitudes e experiências que comprovam a relação da sustentabilidade com o treinamento associado. O estudo foi realizado com proprietários-gerente de MPEs do setor manufatureiro da Nova Zelândia. Para isso foram utilizadas as técnicas de Regressão logística binária e testes não paramétricos. Os resultados mostraram que há influência na conscientização ambiental das empresas envolvidas em treinamento ambiental.

2.7 Agenda de Pesquisas Futuras

As lacunas de pesquisa, mencionadas nos estudos analisados, foram organizadas em temas e subtemas, com questões de pesquisas que necessitam de futura investigação na área. Dessa forma a agenda é atual e apresenta sugestões para trabalhos futuros (Quadro 4).

Tema	Subtema	Questões de pesquisa futuras relevantes
Perfil do empreendedor	Perfil do empreendedor e continuidade das MPEs	Como o perfil do empreendedor pode afetar a continuidade das MPE? (Rascón; Velázquez, 2019)
Sustentabilidade	Desafios das mulheres microempreendedoras	Quais os fatores críticos que impedem e que consolidam a sustentabilidade das MPEs lideradas por mulheres empreendedoras? (Alshami et al., 2019)
	Modelos de negócios sustentáveis	Quais são os métodos adequados e viáveis para a concepção de modelos de negócios sustentáveis em MPE? (Gregurec et al., 2021)
	Desempenho de MPE	Como se apresenta o desempenho de MPE inseridas em países desenvolvidos e das MPE localizadas em países em desenvolvimento e quais as lacunas existentes para a sobrevivência empresarial? (Gupta; Tripathi, 2020)
Inovação	Implementação de novas tecnologias	Como os setores de atuação das MPEs se comportam na implementação de novas tecnologias? (Gregurec et al., 2021)
	Inovação e localização geográfica	Quais são os fatores que determinam a inovação em MPE tendo como parâmetro a localização geográfica? (Walter et al., 2019)
	Barreiras para inovação nas MPEs	Quais são os impedimentos cruciais para a inovação nas MPE, pertencentes a países em desenvolvimento, no que diz respeito as barreiras burocráticas de Doruk e Söylemezoglu (2014)? (Walter et al., 2019)
	Benefícios da tecnologia de informação para as MPEs	Como se comportam as MPEs antes e depois dos investimentos em TI, sob o ponto de vista da evolução no desempenho organizacional? (Quelhas, 2019)
Força disruptiva: Pandemia Covid 19	Impacto da pandemia nas MPE informais	Qual o impacto da pandemia nas MPE informais e os planos de governo para apoio no período da crise? (Akuoko et al., 2020)
	A RSC no período pós-coronavírus	Quais são as oportunidades e desafios para a responsabilidade social corporativa (RSC) no longo prazo pós-coronavírus? (He; Harris, 2020)
	Perspectivas dos funcionários no enfrentamento da crise	Quais são as perspectivas dos funcionários nas MPEs, no que diz respeito as operações e estratégias para o enfrentamento da crise do Coronavírus? (Smart et al., 2020)

Quadro 4. Agenda e sugestões para trabalhos futuros sobre risco de mortalidade em MPE

O primeiro tema foi relacionado ao empreendedor, onde foi sugerido analisar como o perfil do empreendedor pode afetar a continuidade da empresa. O perfil são as características do empreendedor, como gênero, idade, escolaridade, estado civil, entre outros.

O segundo tema foi vinculado a sustentabilidade, que recomendou estudos futuros com as mulheres empreendedoras para explorar os fatores críticos que impedem a sustentabilidade das MPEs. As atividades de empreendedorismo têm sido reconhecidas como

um canal para unir gênero, mostrando-se uma lacuna para a desigualdade (ALSHAMI et al., 2019). Outra pesquisa mencionada é sobre a redefinição de modelos de negócios sustentáveis. Com o impacto da pandemia é essencial desenvolver novas competências, aprimorar os profissionais, buscar novas oportunidades de negócio e implementar novas tecnologias dentro dos modelos de negócio (GREGUREC et al., 2021). A outra proposta foi verificar o desempenho das MPE inseridas em países desenvolvidos e em desenvolvimento. A ideia é comparar as MPEs nos dois cenários e encontrar lacunas que possam ser utilizadas para evitar a mortalidade empresarial.

O terceiro tema é sobre a inovação. Walter et al. (2019a) visualizaram a necessidade de identificar os fatores que determinam a inovação, levando em consideração a localização geográfica das MPEs. O propósito é verificar se há diferenças nos fatores quando são considerados os Sistemas Locais de Inovação. Outro estudo apontado foi investigar o lado burocrático das políticas inovadoras (custos e procedimentos de inicialização), como principais impedimentos à inovação (WALTER et al., 2019b). As barreiras burocráticas foram propostas por Doruk e Söylemezoglu (2014), em seu estudo sobre as restrições da inovação em países em desenvolvimento. Outra recomendação foi avaliar o desempenho das MPEs antes e depois dos investimentos em TI, verificando os benefícios da TI para evitar o risco de mortalidade empresarial.

O quarto tema foi vinculado a força disruptiva da pandemia para obter um melhor entendimento sobre os efeitos desta crise, nas empresas formais e informais. Os trabalhadores informais referem-se, por exemplo, aos vendedores ambulantes de rua e aos comerciantes em espaços abertos, que foram alguns dos mais afetados do setor informal (AKUOKO et al., 2020). Foi verificada a preocupação em investigar a perspectiva dos funcionários e não somente a visão do empreendedor para o enfrentamento da pandemia. Os funcionários têm muito a contribuir no que abrange operações e estratégias, visto que estão na linha de frente,

em contato com o cliente, nas organizações. A RSC representa a cooperação das empresas para o desenvolvimento sustentável, por isso é importante identificar os desafios e as oportunidades no longo prazo pós-pandemia.

As questões de pesquisa mais urgentes foram relacionadas a pandemia. O tema é atual e contribui para a literatura sobre estratégias de enfrentamento, onde a sobrevivência empresarial é fundamental. O tópico envolvendo as MPEs informais foi proposto por Akuoko et al. (2020) sobre o argumento de que ‘a informalidade é parte integrante da vida urbana e sendo assim, o setor econômico informal precisa ser integrado e administrado para reduzir o impacto socioeconômico da pandemia’. Para os autores a pandemia mostrou o abandono da economia informal por parte do setor público. Se esses trabalhadores estivessem na formalidade teriam segurança social e não resistiriam ao distanciamento e lockdown. Outro estudo futuro destacado foi proposto por Smart et al. (2021) ‘para incluir na discussão de estratégias de enfrentamento da pandemia, não somente a alta administração, mas também os colaboradores e a gestão intermediária oferecendo assim uma visão abrangente das operações.

2.8 Conclusões

O objetivo principal deste estudo foi analisar os fatores que determinam o risco de mortalidade nas MPEs a partir do estado da arte sobre o tema da mortalidade empresarial.

A partir de uma revisão sistemática da literatura, foi elaborada uma lista de determinantes ao risco de mortalidade e elaborado um modelo conceitual mostrando as relações entre as dimensões de risco e seus fatores críticos. Foram analisados 106 artigos publicados e os resultados mostraram 36 fatores que contribuem para o risco de mortalidade. As dimensões de risco identificadas foram: Empreendedor, Gestão, Inovação, Clientes e Fatores Externos. Na dimensão Empreendedor, o fator mais citado foi 'competências e

habilidades gerenciais'; em Gestão, 'problemas de gestão econômica e financeira'; em Inovação, 'a falta de inovação no desenvolvimento de produtos, serviços e processos'; em Clientes, 'localização inadequada' e em Fatores externos, 'forças disruptivas'.

As dimensões que mais se destacaram pela quantidade de determinantes de risco foram: Gestão, Empreendedor e Inovação. Em 'Empreendedor' é importante o desenvolvimento de habilidades e competências que, refletirão na produtividade da organização. Na gestão, o empreendedor deve conhecer todas as ferramentas necessárias e disponíveis para o bom desempenho dos negócios e redução de falhas. Por meio da inovação, produtos e serviços são criados para atender aos consumidores e os processos organizacionais são otimizados para melhorar a produtividade dos negócios.

A força disruptiva da pandemia Covid-19 foi o fator externo mencionado com mais frequência e representa uma situação inesperada com duração desconhecida para as empresas. No entanto, essas incertezas e ameaças devem ser consideradas pelos gestores para aproveitar as novas oportunidades de negócios e, para isso, é necessário um posicionamento estratégico, tanto para micro e pequenas como para médias e grandes empresas.

Esta pesquisa auxilia os empresários a identificar suas fragilidades e buscar mecanismos que auxiliem na elaboração de ações estratégicas e no direcionamento de investimentos para a empresa. Além disso, pode orientar os governantes na elaboração de políticas públicas que apoiem as MPEs em projetos inovadores, na facilitação do acesso ao crédito para capital de giro, na redução da informalidade e no apoio à criação de novos empreendimentos. A nível acadêmico, esta investigação auxilia na formação de empresários, identificando as suas dificuldades, oferecendo assim subsídios para a formação pessoal e empresarial. É também academicamente relevante no desenvolvimento de pesquisas científicas em segmentos específicos, utilizando metodologias que tragam respostas para o setor.

Por fim, destaca-se que empreendedores de sucesso são aqueles que têm suas competências desenvolvidas e que tomam suas decisões com base no conhecimento e não na intuição, que estão sempre atentos ao funcionamento do ambiente interno e às tendências e mudanças do ambiente externo, buscando detectar e transformar problemas em possíveis oportunidades de negócios.

2.8.1 Implicações gerenciais

Este estudo identificou os determinantes ao risco de mortalidade em MPE e, com base na investigação foram formuladas as seguintes implicações gerenciais para minimizar o risco nos negócios.

Para os empreendedores recomenda-se o investimento em educação, por meio de capacitação e treinamento. Este aprendizado conduz a tomada de decisão baseada em conhecimento técnico. Além disso, auxilia o empreendedor a conhecer novas ferramentas tecnológicas, de gestão e de inovação que poderão ser aplicadas no negócio. O conhecimento adquirido reflete na capacidade empreendedora, em como saber fazer, que, por sua vez, reflete nas competências, ao saber como fazer, ao saber agir (WILLERDING et al., 2012). Acrescenta-se que o conhecimento técnico auxilia nas atividades organizacionais, tornando-as, mas efetivas para o sucesso das MPEs. Sugere-se como capacitação aos empreendedores os temas de educação financeira e tecnologias digitais.

Na gestão empresarial, seria apropriado a participação em redes de cooperação (networking), para estabelecer parcerias (formais e informais) em todos os aspectos entre os stakeholders. As redes tornam-se uma alternativa para a sobrevivência das MPEs, podendo ajudá-las a se tornarem competitivas e sustentáveis (JAMAK et al., 2014). Sugere-se a elaboração de um plano de cooperação para ser utilizado frente ao sucesso e no enfrentamento de crise (SMART et al., 2021).

Em inovação, sugere-se o investimento em ferramentas tecnológicas, que proporcionará uma vantagem competitiva em qualquer setor e atividade empresarial. O uso de tecnologias digitais afeta positivamente o desempenho da empresa, além de refletir na satisfação dos funcionários, na realização de tarefas, e dos clientes, percebida na sua experiência. Os gastos de aquisição e muitas vezes de adaptação na estrutura da empresa podem ser elevados, mas o empreendedor deve pensar no custo-benefício e no retorno que terá a médio e longo prazo. A ausência de tecnologia limita o desenvolvimento das MPEs, além de diminuir a sua competitividade no mercado (MARQUÉZ et al., 2019).

Quanto aos clientes, verifica-se que estão cada vez mais exigentes e conscientes em virtude da concorrência no mercado (WILLERDING et al., 2012). Assim sendo, propõe-se que as MPE ofereçam aos clientes produtos e/ou serviços inovadores, de qualidade e a um preço justo. Para isso é necessário que a empresa conheça o seu público-alvo para identificar suas necessidades e desejos de consumo. Estas informações podem ser coletadas por meio de uma pesquisa de mercado, envolvendo consumidores, fornecedores, funcionários e até mesmo concorrentes. É importante que as empresas se adaptem aos seus clientes e para isso é preciso conhecer suas limitações e seus hábitos. Também devem ser consideradas as reclamações, perdas de clientes e os comentários em mídias sociais.

Com relação aos fatores externos, e particularmente no caso de forças disruptivas é fundamental que as empresas desenvolvam um planejamento estratégico de sobrevivência as crises inesperadas, incluindo normas de segurança nas operações, na saúde dos funcionários e alternativas para enfrentamento de crises similares. Para isso é importante que as MPEs aprendam com suas experiências anteriores, analisando pontos fortes, fracos e as ameaças no seu segmento de mercado e avaliando sua resiliência frente a crise (SMART et al., 2021). Acrescenta-se, a importância em identificar as empresas que cresceram durante a crise para

conhecer as práticas gerenciais desenvolvidas, que trouxeram resultados positivos, a fim de adaptar-las as MPES.

2.9 Referências

AAKER, D. A. et al. (2004). *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas.

ABOR, J.; QUARTEY, P. (2010). Issues in SME development in Ghana and South Africa. *International research journal of finance and economics*, 39 (6), 215-228.

ACQUAAH, M.; AGYAPONG, A. (2015). The relationship between competitive strategy and firm performance in micro and small businesses in Ghana: The moderating role of managerial and marketing capabilities. *Africa Journal of Management*, 1 (2), 172-193. DOI: 10.1080/23322373.2015.1025684.

AGA, G. A.; REILLY, B. (2011). Access to credit and informality among micro and small enterprises in Ethiopia. *International review of applied economics*, 25 (3), 313-329. DOI: 10.1080/02692171.2010.498417.

AGYAPONG, A. et al. (2020). Performance implications of strategic planning and marketing capability in micro and small businesses in an emerging African economy: a contingent resource-based view. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 1-18. DOI: 10.1080/08276331.2018.1507415.

AGYAPONG, A. et al. (2019). Strategy and performance: does environmental dynamism matter? *Journal of African Business*, 21 (3), 315-337. DOI: 10.1080/15228916.2019.

AGYAPONG, F. O. et al. (2017). Nexus between social capital and performance of micro and small firms in an emerging economy: The mediating role of innovation. *Cogent Business & Management*, 4 (1). DOI: 10.1080/23311975.2017.1309784.

AKUOKO, P.B. et al. (2020). Ghana's informal economic sector in the face of a pandemic. *Social Sciences & Humanities*, 3 (1).

ALON, I. et al. (2020). Regime type and Covid-19 response. *FIIB Business Review*, 9 (3), 152-160. DOI:10.1177/2319714520928884.

ALONSO, A. D.; BRESSAN, A. (2016). A resource-based view of the firm and micro and small Italian wine firms. *International Journal of Wine Business Research*, 28 (4), 349-368. DOI: <https://doi.org/10.1108/IJWBR-12-2015-0051>.

ALONSO, A. D.; BRESSAN, A. (2017). Collaboration among micro and small firms in a traditional industry. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 29 (1), 57-75. DOI: 10.1080/08276331.2016.1248057.

ALONSO, A. D.; KOK, S.K. (2020). Understanding critical success factors and perceived future among micro and small firms through entrepreneurial action theory. *European Business Review*, 33 (2), 383-406. DOI: 10.1108/EBR-10-2019-0243.

ALSHAMI, S.A. et al. (2019). Women micro and small business sustainability in Malaysia through microcredit. *International Journal of Recent Technology and Engineering*, 8 (1), 70-74.

ALVARENGA, R. A. (2016). Study of Factors Contributors to Death of Micro and Small Companies in the State of Maranhão. *International Journal of Innovation*, 4 (2), 106-118.

AMANKWAH-AMOA, J. et al. (2021). Covid-19 and business renewal: Lessons and insights from the global airline industry. *International Business Review*, 30 (3). DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2021.101802>.

ANHOLON, R. et al. (2015). Micro and Small Enterprises management: main administrative difficulties observed in construction sector enterprises. *Brazilian Journal of Operations & Production Management*, 12 (1), 88-99. DOI: 10.14488/BJOPM.2015.v12.n1.a9.

ARSLAN, G.; KIVRAK, S. (2008). Critical factors to company success in the construction industry. *World Academy of Science, Engineering and Technology*, 45 (1), 43-46. DOI: 10.5281/zenodo.1332606.

ATIASE, V.Y. ET AL. (2019). Does institutional logic matter in microfinance delivery? An empirical study of microfinance clientes. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 26 (2), 177-202. DOI: 10.1108/IJEER-10-2018-0713.

ATNAFU, D.; BALDA, (2018). A. The impact of inventory management practice on firms' competitiveness and organizational performance: Empirical evidence from micro and small enterprises in Ethiopia. *Cogent Business & Management*, 5 (1). DOI: 10.1080/23311975.2018.1503219.

BAIG, S. et al. (2020). Is the China-Pakistan economic corridor an opportunity or a threat for small and micro-entrepreneurs? Empirical evidence from Northern Pakistan. *Sustainability*, 12 (5). DOI: 10.3390/su12051727.

BARTIK, A.W. et al. (2020). The impact of COVID-19 on small business outcomes and expectations. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 117 (30), 17656-17666. DOI: 10.1073/pnas.2006991117.

BERNE, D. F. et al. (2019). The innovation challenge in micro and small enterprises (MSE) An exploratory study at São Paulo metropolitan region. *Innovation & Management Review*, 16 (3), 235-252. DOI: 10.1108/INMR-03-2019-0031.

BHATTACHARYA, S.; LONDHE, B. R. (2014). Micro entrepreneurship: Sources of finance & related constraints. *Procedia Economics and Finance*, 11 (3), 775-783. DOI: 10.1016/S2212-5671(14)00241-X.

BLANKSON, C. et al. (2018). Marketing practices of rural micro and small businesses in Ghana: The role of public policy. *Journal of Macromarketing*, 38 (1), 29-56. DOI: 10.1177/0276146717741067.

BOHN, A. C. et al. (2018). Factors that impact on the premature closure of small business enterprises: a study in the coastal area of Santa Catarina. *Revista de Gestão e Tecnologia*, 8 (2), 43-56. DOI: 10.22279/navus.2018.v8n2.p43-56.607.

BRAGA, F. J. A. et al. (2018). Analysis of individual micro-entrepreneur vision from the perspective of financial management. *Brazilian Journal of Operations & Production Management*, 15 (2), 182-192. DOI: 10.14488/BJOPM.2018.v15.n2.a2.

BRESSAN, A.; PEDRINI, M. (2019). Exploring sustainable-oriented innovation within micro and small tourism firms. *Tourism Planning & Development*, 17 (5), 497-514. DOI: 10.1080/21568316.2019.1673810.

CARDOSO, H. H. R. et al. (2020). Evaluating innovation development among Brazilian micro and small businesses in view of management level: Insights from the local innovation agents program. *Evaluation and Program Planning*, 80. DOI: 10.1016/j.evalprogplan.2020.101797.

CASSELLS, S.; LEWIS, K.V. (2017). Environmental management training for micro and small enterprises: the missing link? *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 24 (2), 297-312. DOI: 10.1108/JSBED-09-2016-0145.

CHEGE, S. M. et al. (2020). Influence of technology innovation intensity on firm performance: technology innovation on firm performance-case of Kenya. *International Journal of Technology and Human Interaction*, 16 (2), 34-52. DOI: 10.4018/IJTHI.2020040104.

CHIKWECHE, T.; BRESSAN, A. (2017). A systematic review of future research challenges and prospects of organizational learning research in small medium size enterprises. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 30 (2), 175-191. DOI: 10.1080/08276331.2017.1362523.

CHIRWA, E. W. (2008). Effects of gender on the performance of micro and small enterprises in Malawi. *Development Southern Africa*, 25 (3), 347-362. DOI: 10.1080/03768350802212139.

CONCEIÇÃO, O. C. et al. (2018). Brazil's Simplified Tax Regime and the longevity of Brazilian manufacturing companies: a survival analysis based on RAIS microdata. *Economia*, 19 (2), 164-186. DOI: 10.1016/j.econ.2017.10.003.

CONFORTO, E. C. et al. (2011). Roadmap for Systematic Literature Review: Application in Product Development and Project Management. 8th *Brazilian Congress of Management and Product Development*, Porto Alegre, Brazil.

CORNER, P. et al. (2002). E-Business adoption and strategies in New Zealand SMEs: a descriptive study. *Small Enterprise Research*, 10 (2), 43-61. DOI: 10.5172/ser.10.2.43.

- CRUZ, C. et al. (2012). Does family employment enhance MSEs performance? Integrating socioemotional wealth and family embeddedness perspectives. *Journal of Business Venturing*, 27 (1), 62-76. DOI: 10.1016/j.jbusvent.2010.07.002.
- DE PAULLA, C.R.; HAMZA, K.M. (2015). Quality Management and Innovation: evidence from companies in the food sector in west region of Goiás. *Revista Gestão e Desenvolvimento*, 12 (2). DOI: 10.25112/rgd.v12i2.332.
- DONNER, J.; ESCOBARI, M.X. (2010). A review of evidence on mobile use by micro and small enterprises in developing countries. *Journal of International Development*, 22 (5), 641-658. DOI: 10.1002/jid.1717.
- DRESCH, A. et al. (2015). *Design Science Research: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia*. Porto Alegre: Bookman.
- DUDA, J. et al. (2017). Innovation of polish micro and small enterprises and trade credit. *Transformations in Business & Economics*, 16 (3), 89-108.
- FATOKI O.; GARWE, D. (2010). Obstacles to the growth of new SMEs in South Africa: a principal component analysis approach. *African Journal of Business Management*, 4 (5), 729-738. DOI: 10.5897/AJBM.9000434.
- FERREIRA, L. F. F. et al. (2012). A quantitative analysis of the premature mortality of small companies in the city of São Paulo. *Gestão & Produção*, 19 (4), 811-823. DOI: 10.1590/S0104-530X2012000400011.
- FIELDEN, S. L. et al. (2000). Barriers encountered during micro and small business start-up in North-West England. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 7 (4), 295-304. DOI: 10.1108/EUM0000000006852.
- GALVÃO, E. et al. (2020). A hybrid model for planning programming and control of production for micro and small enterprises. *Independent Journal of Management & Production*, 11 (4), 1163-1183. DOI: 10.14807/ijmp.v11i4.1111.
- GAVUROVA, B. et al. (2021). Strategic management in SMEs and its significance for enhancing the competitiveness in the V4 countries - a comparative analysis. *Management and Marketing*, 15 (4), 557-569. DOI: 10.2478/mmcks-2020-0032.
- GICĂ, O. A.; BALINT, C. I. (2012). Planning practices of SMEs in north-western region of Romania – an empirical investigation. *Procedia Economics and Finance*, 3, p. 896-901. DOI: 10.1016/S2212-5671(12)00247-X.
- GREGUREC, I. et al. (2021). The impact of covid-19 on sustainable business models in SMES. *Sustainability*, 13 (3), 1-24. DOI: 10.3390/su13031098.
- GUNASEKARAN, A. et al. (2011). Resilience and competitiveness of small and medium size enterprises: an empirical research. *International Journal of Production Research*, 49 (18), 5489-5509. DOI: 10.1080/00207543.2011.563831.

GUPTA, S.; TRIPATHI, A. (2020). Performance measurement of micro & small scale enterprises in developing countries – a study in Ethiopia. *Journal of Business Management Studies*, 16 (1), 55-63. DOI: 10.5958/2321-2012.2020.00006.8.

HADIYATI, E.; LUKIYANTO, K. (2019). The effect of entrepreneurial marketing dimensions on micro, small and medium enterprise performance in Indonesia. *International Journal of Scientific & Technology Research*, 8 (10).

HE, H.; HARRIS, L. (2020). The impact of Covid-19 pandemic on corporate social responsibility and marketing philosophy. *Journal of Business Research*, 116, 176-182. DOI: 10.1016 / j.jbusres.2020.05.030.

IGARASHI, M. et al. (2013). What is required for greener supplier selection? A literature review and conceptual model development. *Journal of Purchasing & Supply Management*, 19, 247–263. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pursup.2013.06.001>.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION [ILO] (2020). *Covid-19 and Enterprises*.

IRJAYANTI, M.; AZIS, A. M. (2012). Barrier factors and potential solutions for Indonesian SMEs. *Procedia economics and finance*, 4, 3-12. DOI: 10.1016/S2212-5671(12)00315-2.

ISHENGOMA, E. K.; KAPPEL, R. (2011). Business environment and growth potential of micro and small manufacturing enterprises in Uganda. *African Development Review*, 23 (3), 352-365. DOI: 10.1111/j.1467-8268.2011.00291.x.

JABAREEN, Y. (2009). Building a Conceptual Framework: Philosophy, Definitions, and Procedure. *International Journal of Qualitative Methods*, 8(4). DOI: 10.1177/160940690900800406.

JABŁOŃSKA, M.; STAWSKA, J. (2020). The key factors affecting entrepreneurship: a comparative analysis. *Zbornik Radova Ekonomskog Fakultet au Rijeci*, 38 (1), 139-160. DOI: 10.18045/zbefri.2020.1.125.

JAMAK, A. B. S. A. et al. (2014). A breakout strategy model of Malay (Malaysian indigenous) micro-entrepreneurs. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 109, 572-583. DOI: 10.1016/j.sbspro.2013.12.509.

KAZUNGU, I. (2020). Network linkages and performance of exporting micro and small enterprises in Dar Es Salaam, Tanzania: Perspectives in the handicraft industry. *Global Business Review*, 21 (5), 1-18. DOI: 10.1177/0972150920934433.

KHAN, F. A.; SHAH, G. B. (2016). Efficiency measurement of EDP's: a comparative study of trained and untrained entrepreneurs of Anantnag District. *Pacific Business Review International*, 8 (9), 23-30.

KUROSAKI, T. (2019). Informality, micro and small enterprises, and the 2016 demonetisation policy in India. *Asian Economic Policy Review*, 14 (1), 97-118. DOI: 10.1111/aepr.12245.

- LAGUIR, I. et al. (2017). Sowing the seeds: The impact of initial ties on growth and innovation among micro and small firms. *Economics Bulletin*, 37 (2), 1021-1032.
- LAGUIR, I.; DEN BESTEN, M. (2016). The influence of entrepreneur's personal characteristics on MSEs growth through innovation. *Applied Economics*, 48 (44), 4183-4200. DOI: 10.1080/00036846.2016.1153792.
- LEONETI, A. et al. (2016). Proposal of sustainability index as a self-assessment tool for micro and small enterprises (MSEs). *Revista de Gestão [REGE]*, 23 (4), 349-362. DOI: 10.1016/j.rege.2016.09.003.
- LIBERMAN-YACONI, L. et al. (2010). Toward a model of understanding strategic decision-making in micro-firms: exploring the Australian information technology sector. *Journal of Small Business Management*, 48 (1), 70-95. DOI: 10.1111/j.1540-627x.2009.00287.x.
- LINDGREEN, A. et al., (2021). How to develop great conceptual frameworks for business-to-business marketing. *Industrial Marketing Management*, 94, A2–A10. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.indmarman.2020.04.005>
- LUKIYANTO, K.; WIJAYANINGTYAS, M. (2020). Gotong Royong as social capital to overcome micro and small enterprises' capital difficulties. *Heliyon*, 6 (9).
- MACHADO, H. V.; ESPINHA, P. G. (2005). Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas. *Revista Capital Científico-Eletrônica*, 3 (1), 51-64.
- MCGRATH, S. (2005). Skills for productive citizenship for all': the place of skills development for micro and small enterprises in South Africa. *Journal of Education and Work*, 18 (1), 111-125. DOI: 10.1080/1363908052000332339.
- MAHAMID, I. (2012). Factors affecting contractor's business failure: contractors' perspective. *Engineering, Construction and Architectural Management*, 19 (3), 269-285. DOI: 10.1108/09699981211219607.
- MAHZAN, N.; YAN, C. M. (2014). Harnessing the benefits of corporate governance and internal audit: advice to SME. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 115, (1), 156-165. DOI: 10.1016/j.sbspro.2014.02.424.
- MALAQUIAS, R. F.; HWANG, Y. (2016). Firms' size and use of information and communication technologies: Empirical evidence on small businesses in Brazil. *Information Development*, 32 (5), 1613-1620. DOI: 10.1177/0266666915616165.
- MANO, Y. et al. (2012). How can micro and small enterprises in Sub-Saharan Africa become more productive? The impacts of experimental basic managerial training. *World Development*, 40 (3), 458-468. DOI: 10.1016/j.worlddev.2011.09.013.
- MANOR, U.; DESIANA, P. M. (2018). Work-life balance, motivation and personality of MSE owners on firm performance in Greater Jakarta. *Pertanika Journal of Social Science and Humanities*, 26 (s), 127-138.

- MARQUES, N.A.Z. et al. (2019). Critical Success Factors in Implementing IT in MSMEs. *Cuadernos de Administración*, 35 (63), 3-14. DOI: 10.25100/cdea.v35i63.6874.
- MOHER, D. et al. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS med*, 6 (7). DOI: 10.1371/journal.pmed.1000097.
- MOYI, E.D. (2003). Networks, information and small enterprises: new technologies and the ambiguity of empowerment. *Information Technology for Development*, 10 (4), 221-232. DOI: 10.1002/itdj.1590100402.
- NOGUEIRA, M. O. et al. (2020). From biological viruses to economic viruses: a vaccine for microenterprises in Brazil. *Revista Brasileira de Administração Pública*, 54 (4), 1010-1021. DOI: 10.1590/0034-761220200312.
- NORDHAGEN, S. et al. (2021). Covid-19 and small enterprises in the food supply chain: early impacts and implications for longer-term food system resilience in low- and middle-income countries. *World Development* 141 (2).
- NOSRATABADI, J. (2020). The impact of small loan programmes on employment for micro and small enterprises: evidence from a province in Iran. *Small Enterprise Research*, 27 (1), 64-84. DOI: 10.1080/13215906.2020.1724820.
- ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT STAFF [OECD] (2002). *Small and Medium Enterprise*. Organization for Economic Co-operation and Development. DOI: 10.1787/sme_outlook-2002-en.
- OWOSENI, A.; TWINOMURINZI, H. (2020). Evaluating mobile app usage by service sector micro and small enterprises in Nigeria: an abductive approach. *Information Technology for Development*, 1-11. DOI: 10.1080/02681102.2020.1727825.
- PĂUNESCU, C; MÁTYUS, E. (2020). Resilience measures to dealing with the Covid-19 pandemic. Evidence from Romanian micro and small enterprises. *Management & Marketing*, 15, 439-457. DOI: 10.2478/mmcks-2020-0026.
- PEREKWA, G. B. et al. (2016). Impact of mobile technology on micro and small enterprises in Zimbabwe in the post-hyperinflation economic era. *The African Journal of Information Systems*, 8 (3).
- PEZDERKA, N.; SINKOVICS, R. R. (2011). A conceptualization of e-risk perceptions and implications for small firm active online internationalization. *International Business Review*, 20 (4), 409-422. DOI: 10.1016/j.ibusrev.2010.06.004.
- PORTER, M. E., KRAMER, M. R. (2011) Creating Shared Value. *Harvard Business Review*, 89, 62–77.
- POZO, H. et al. (2019). Innovation and technology processes in micro and small business. *Cogent Business & Management*, 6 (1). DOI: 10.1080/23311975.2019.1588088.
- QUELHAS, F.C. (2019). Impact of information technology investments in organizational strategic variables and in performance of micro and small enterprises (MSBE). *Journal of Management and Technology*, 19 (4), 138-164. DOI: 10.20397/2177-6652/2019.v19i4.1660.

- QUIROZ-ROJAS, P.; TERUEL, M. (2020). Does gender matter for innovative and non-innovative firms' growth? An empirical analysis of Chilean managers. *Innovation and Development*, 10 (3), 1-19. DOI: 10.1080/2157930X.2020.1748329.
- RAHAYU, R.; DAY, J. (2015). Determinant factors of e-commerce adoption by SMEs in developing country: evidence from Indonesia. *Procedia-social and Behavioral Sciences*, 195, 142-150. DOI: 10.1016/j.sbspro.2015.06.423.
- RAHBAUER, S. et al. (2016). Adoption of green electricity by German small and medium-sized enterprises (SMEs)—a qualitative analysis. *Journal of Cleaner Production*, 129, 102-112. DOI: 10.1016/j.jclepro.2016.04.113.
- RAMGIR, M. (2019). An advanced framework to design a smart store system using IoT, AI, and data analytics that improves business processes for micro and small businesses. *International Journal of Innovative Technology and Exploring Engineering*, 8 (12), 150-153. DOI: 10.35940/ijitee.L3501.1081219.
- RASCÓN, O. C. A.; VELÁZQUEZ, R. P. (2019). Factors That Determine The Closure Or Jeopardize The Continuity Of A Micro And Small Enterprise. *Organizations and Markets in Emerging Economies*, 10 (1), 78-91. DOI: 10.15388/omee.2019.10.00004.
- RATNANINGTYAS, S. et al. (2018). The influence of entrepreneurship capability to micro and small business growth in Indonesian fish processing industry. *International Journal of Engineering & Technology*, 7 (3), 100-105. DOI: 10.14419/ijet.v7i3.25.17476.
- RORATTO, R. et al. (2017). Mortalidade em micro e pequenas empresas: um estudo de caso na região central do Rio Grande do Sul. *Revista Espacios*, 38 (28).
- RUPEIKA-APOGA, R. (2014). Access to finance: Baltic financial markets. *Procedia Economics and Finance*, 9 (4), 181-192. DOI: 10.1016/S2212-5671(14)00019-7.
- RUSU, V. D.; ROMAN, A. (2017). Entrepreneurial activity in the EU: an empirical evaluation of its determinants. *Sustainability*, 9 (10).
- SANTINI, S. et al. (2015). Factors of mortality in micro and small enterprises: a study in the central region of Rio Grande do Sul. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 8 (1), 145-170. DOI: 10.19177/reen.v8e12015145-169.
- SEVERO, E. A. et al. (2020). Project management and innovation practices: backgrounds of the sustainable competitive advantage in Southern Brazil enterprises. *Production Planning & Control*, 31 (15), 1276-1290. DOI: 10.1080/09537287.2019.1702734.
- SHIBIA, A. G.; BARAKO, D. G. (2017). Determinants of micro and small enterprises growth in Kenya. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 24 (1), 105-118. DOI: 10.1108/JSBED-07-2016-0118.
- SHIFERAW, A. (2009). Survival of private sector manufacturing establishments in Africa: The role of productivity and ownership. *World Development*, 37 (3), 572-584. DOI: 10.1016/j.worlddev.2008.08.004.

SIMEYO, O. et al. (2011). Effect of provision of micro finance on the performance of micro enterprises: a study of youth micro enterprises under Kenya Rural Enterprise Program (K-REP), Kisii County, Kenya. *African Journal of Business Management*, 5 (20), 8290-8300. DOI: 10.5897/AJBM11.1419.

SKÝPALOVÁ, R. et al. (2016). Development of the Corporate Social Responsibility Concept in Small and Medium-Sized Enterprises. *Prague Economic Papers*, 25 (3), 287-303. DOI: 10.18267 / j.pep.558.

SMART, K. et al. (2021). Covid-19 impacts, coping strategies, and management reflection: a lodging industry case. *International Journal of Hospitality Management*, 94. DOI: 10.1016/j.ijhm.2021.102859.

SABOUR, M.R. et al. (2021). Global trends and status in waste foundry sand management research during the years 1971-2020: a systematic analysis. *Environmental Science and Pollution Research*.

STACHO, Z. et al. (2015). Approach of companies to customers as suitable source of incentive to innovate. *Procedia Economics and Finance*, 34, 11-18. DOI: 10.1016/S2212-5671(15)01595-6.

SULISTYA, G. A.; DARWANTO, D. (2016). Transaction cost of micro and small enterprises financing. *Economic Journal of Emerging Markets*, 8 (1), 171-186. DOI: 10.20885/ejem.vol8.iss2.art9.

TAVARES, A.C.; MARIO, P.C. (2018). Factors conditioning to the continuity of MPE of the city of Bom Despacho/MG. *Revista Eletrônica de Estratégia e Negócios*, 11 (3), 54-86. DOI: 10.19177/reen.v11e3201854-85.

TRANFIELD, D. et al. (2003). Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. *British Journal of Management*, 14 (3), 207-222. DOI: [10.1111/1467-8551.00375](https://doi.org/10.1111/1467-8551.00375)

TUNES, R.; MONTEIRO, P. R. R. (2017). Conhecimento em gestão, vantagem competitiva e performance empresarial: proposição e teste de um modelo fundamentado na “Resource Advantage Theory” em MPEs. *Revista Brasileira de Marketing*, 16 (3), 298-316. DOI: 10.5585/remark.v16i3.3514.

VASCONCELOS, R. B. B.; OLIVEIRA, M. R. G. (2018). A inovação faz a diferença? Uma análise do desempenho das micro e pequenas empresas na indústria de serviços de alimentação. *Innovation & Management Review*, 15 (2), 137-154. DOI: 10.1108/INMR-04-2018-011.

VERA, I. J. M. (2012). An assessment of micro, small and medium enterprises that underwent UP ISSI's integrated plant surveys for the periode 2006 to 2011. *Procedia Economics and Finance*, 4, 350-364. DOI: 10.1016/S2212-5671(12)00349-8.

VORKAPIĆ, M. et al. (2017). Npd in small manufacturing enterprises in Serbia. *Tehnicki Vjesnik-Technical Gazette*, 24 (1), 327-332. DOI: 10.17559 / TV-20150807185156.

WACKER, J. G. (1998). A definition of theory: research guidelines for different theory-building research methods in operations management. *Journal of Operations Management*, 20 (4), 361-385. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0272-6963\(98\)00019-9](https://doi.org/10.1016/S0272-6963(98)00019-9).

WALTER, C. E. et al. (2019a). The determinants of innovation in micro and small enterprises in the northeast of Brazil. *Quality*, 20 (172), 84-88.

WALTER, C. E. et al. (2019b). Measuring the degree of innovation in micro and small enterprises in the Northeast Of Brazil. *Holos*, 35 (7), 1-13. DOI: 10.15628/holos.2019.7080.

WILLERDING, I. A. V. et al. (2012). A trilogy of entrepreneurship: performance, capacity and competence as a factor of success for micro and small enterprises. *IEEE Latin America Transactions*, 10 (5), 2017-2024. DOI: 10.1109 / TLA.2012.6362343.

WOIDA, L. M. (2019). Seeking, accessing, sharing and using information in Brazilian micro and small enterprises. *Revista de sistemas de informacion y documentacion*, 13 (1), 51-56.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO](2020). *A year without precedent: Who's covid-19 response*.

XU, B. et al. (2020). Financial support for micro and small enterprises: economic benefit or social responsibility? *Journal of Business Research*, 115, 266-271. DOI: 10.1016/j.jbusres.2020.01.071.

YA'KOB, S. A.; JUSOH, W. J. W. (2016). The effect of supply chain linkage on micro and small enterprises' performance. *International Journal of Business and Society*, 17 (1), 99-112. DOI: 10.33736/ijbs.515.2016.

ZAGER, K. et al. (2016). Analysis related to number of small and medium-sized companies respecting accounting legislation changes. *Procedia Economics and Finance*, 39, 433-440. DOI: 10.1016/S2212-5671(16)30345-8.

ZARIDIS, A. D.; MOUSIOLIS, D.T. (2014). Entrepreneurship and SME's organizational structure. Elements of a successful business. *Procedia-social and Behavioral Sciences*, 148, 463-467. DOI: 10.1016/j.sbspro.2014.07.066.

APÊNDICE A. Artigos selecionados para a revisão sistemática

ID	Periódico	Fonte	País
1	Africa Journal of Management	Acquaah e Agyapong (2015)	Reino Unido
2	African Development Review	Ishengoma e Kappel. (2011)	Reino Unido
3	African Journal of Business Management	Fatoki e Garwe (2010)	África do Sul
4	African Journal of Business Management	Simeyo et al. (2011)	África do Sul
5	African Journal of Information Systems	Perekwa et al. (2016)	Estados Unidos
6	Applied Economics	Laguir e Den Besten (2016)	Reino Unido
7	Asian Economic Policy Review	Kurosaki (2019)	Austrália
8	Brazilian Journal of Operations and Production Management	Anholon et al. (2015)	Brasil
9	Brazilian Journal of Operations and	Braga (2018)	Brasil

	Production Management		
10	Brazilian Journal of Public Administration	Nogueira et al. (2020)	Brasil
11	Cogent Business and Management	Agyapong et al. (2017)	Reino Unido
12	Cogent Business and Management	Atnafu e Balda (2018)	Reino Unido
13	Cogent Business and Management	Pozo et al. (2019)	Reino Unido
14	Cuadernos de Administración	Marques et al. (2019)	Colômbia
15	Development Southern Africa	Chirwa (2008)	Reino Unido
16	Economia	Conceição et al. (2018)	Brasil
17	Economic Journal of Emerging Markets	Sulistya e Darwanto (2016)	Brasil
18	Economics Bulletin	Laguir et al. (2017)	Estados Unidos
19	Engineering, Construction and Architectural Management	Mahamid (2012)	Reino Unido
20	European Business Review	Alonso e Kok. (2020)	Reino Unido
21	Evaluation and Program Planning	Cardoso et al. (2020)	Reino Unido
22	FIIB Business Review	Alon et al. (2020)	India
23	Gestão e Desenvolvimento	De Paulla e Hamza (2015)	Brasil
24	Gestão e Produção	Ferreira et al. (2012).	Brasil
25	Global Business Review	Kazungu (2020)	India
26	Heliyon	Lukiyanto e Wijayaningtyas (2020)	Holanda
27	Holos	Walter et al. (2019)	Brasil
28	Ieee Latin America Transactions	Willerding et al. (2012)	Estados Unidos
29	Independent Journal of Management and Production - IJM&P	Galvão et al. (2020)	Brasil
30	Information Development	Malaquias e Hwang (2016)	Estados Unidos
31	Information Technology for Development	Moyi (2003)	Reino Unido
32	Information Technology for Development	Owoseni e Twinomurinzi (2020)	Reino Unido
35	Innovation and Development	Quiroz-Rojas e Teruel (2020)	Reino Unido
33	Innovation and Management Review	Berne et al. (2019)	Brasil
34	Innovation and Management Review	Vasconcelo e Oliveira (2018)	Brasil
36	International Business Review	Pezderka e Sinkovic (2011)	Reino Unido
37	International Business Review	Amankwah-Amoah et al.(2021)	Reino Unido
38	International Journal of Business and Society	Ya'kob e Jusoh (2016)	Malásia
39	International Journal of Engineering and Technology	Ratnaningtyas et al. (2018)	Emirados Árabes Unidos
40	International Journal of Entrepreneurial Behavior and Research	Atiase et al. (2019)	Reino Unido
41	International Journal of Hospitality Management	Smart et al. (2021)	Reino Unido
42	International Journal of Innovation	Alvarenga (2016)	Brasil
43	International Journal of Innovative Technology and Exploring Engineering	Ramgir (2019)	Índia
44	International Journal of Production Research	Gunasekaran et al. (2011)	Reino Unido
45	International Journal of Recent Technology and Engineering	Alshami et al. (2019)	Índia
46	International Journal of Scientific and Technology Research	Hadiyati. e Lukiyanto (2019)	Índia
47	International Journal of Technology and Human Interaction	Chege et al. (2020)	Estados Unidos
48	International Journal of Wine Business Research	Alonso e Bressan (2016)	Reino Unido
49	International Research Journal of Finance and Economics	Abor e Quartey (2010)	Reino Unido
50	International Review of Applied Economics	Aga e Reilly (2011)	Reino Unido

51	Journal of African Business	Agyapong et al. (2019)	Estados Unidos
52	Journal of Business Management Studies	Gupta e Tripathi (2020)	Índia
53	Journal of Business Research	He e Harris (2020)	Holanda
54	Journal of Business Research	Xu et al. (2020)	Holanda
55	Journal of Business Venturing	Cruz et al. (2012)	Holanda
56	Journal of Cleaner Production	Rahbauer et al. (2016)	Holanda
57	Journal of Education and Work	McGrath (2005)	Reino Unido
58	Journal of International Development	Donner e Escobari (2010)	Reino Unido
59	Journal of Macromarketing	Blankson et al. (2018)	Estados Unidos
60	Journal of Management and Technology.	Quelhas (2019)	Brasil
61	Journal of Small Business and Enterprise Development	Cassells e Lewis (2017)	Reino Unido
62	Journal of Small Business and Enterprise Development	Fielden et al. (2000)	Reino Unido
63	Journal of Small Business and Enterprise Development	Shibia e Barako (2017)	Reino Unido
64	Journal of Small Business and Entrepreneurship	Agyapong et al. (2020)	Reino Unido
65	Journal of Small Business and Entrepreneurship	Alonso e Bressan (2017)	Reino Unido
66	Journal of Small Business and Entrepreneurship	Chikweche e Bressan (2017)	Reino Unido
67	Journal of Small Business Management	Liberman-Yaconi et al. (2010)	Reino Unido
68	Management and Marketing	Gavurova et al (2021)	Romênia
69	Management and Marketing	Păunescu e Mátyus (2020)	Romênia
70	Organizations and Markets in Emerging Economies	Rascón e Velazquez (2019)	Lituânia
71	Pacific Business Review International	Khan e Shah (2016)	Índia
72	Pertanika Journal of Social Science and Humanities	Manor e Desiana (2018)	Malásia
73	Prague Economic Papers	Skýpalová et al. (2016)	República Checa
74	Procedia - Social and Behavioral Sciences	Jamak et al. (2014)	Reino Unido
75	Procedia - Social and Behavioral Sciences	Mahzan e Yan (2014)	Reino Unido
76	Procedia - Social and Behavioral Sciences	Rahayu e Day (2015)	Reino Unido
77	Procedia - Social and Behavioral Sciences	Zaridis e Mousiolis (2014)	Reino Unido
78	Procedia Economics and Finance	Bhattacharya e Londheb (2014)	Holanda
79	Procedia Economics and Finance	Gicã e Balinta (2012)	Holanda
80	Procedia Economics and Finance	Irjayanti e Azis (2012)	Holanda
81	Procedia Economics and Finance	Rupeika-Apoga (2014)	Holanda
82	Procedia Economics and Finance	Stacho et al. (2015)	Holanda
83	Procedia Economics and Finance	Vera (2012)	Holanda
84	Procedia Economics and Finance	Zager et al. (2016)	Holanda
85	Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America	Bartik et al. (2020)	Estados Unidos
86	Production Planning and Control	Severo et al. (2019)	Reino Unido
87	Quality	Walter et al. (2019)	Romênia
88	Revista Brasileira de Marketing	Tunes e Monteiro (2017)	Brasil
89	Revista Capital Científico	Machado e Espinha (2005)	Brasil
90	Revista de Gestão	Leoneti et al. (2016)	Brasil
91	Revista de Gestão e Tecnologia	Bohn et al. (2018)	Brasil
92	Revista de Sistemas de Información Y Documentación	Woida (2019)	Espanha
93	Revista Eletrônica de Estratégia e Negócios	Santini et al. (2015)	Brasil
94	Revista Eletrônica de Estratégia e Negócios	Tavares e Mario (2018)	Brasil
95	Small Enterprise Research	Corner et al. (2002)	Nova Zelândia

96	Small Enterprise Research	Nosratabadi (2020)	Nova Zelândia
97	Social Sciences and Humanities Open	Akuoko et al. (2021)	Estados Unidos
98	Sustainability	Baig et al. (2020)	Suíça
99	Sustainability	Gregurec et al. (2021)	Suíça
100	Technical Gazette	Vorkapić et al. (2017)	Croácia
101	Tourism Planning and Development	Bressan e Pedrini (2019)	Reino Unido
102	Transformations in Business and Economics	Duda et al. (2017)	Lituânia
103	World Academy of Science, Engineering and Technology	Arslan e Kivrak (2008)	França
104	World Development	Mano et al. (2012)	Reino Unido
105	World Development	Shiferaw (2009)	Reino Unido
106	World Development	Nordhagen et al. (2021)	Reino Unido

APÊNDICE B. Frequência das dimensões e subdimensões de risco de mortalidade nos artigos analisados

Dimensões	Subdimensões	Frequência absoluta	Frequência relativa na dimensão (%)	Frequência relativa no total (%)
Empreendedor	Habilidades e competências	12	25	5.4
	Perfil	11	22.9	5.0
	Falta de capacitação e treinamento	07	14.6	3.1
	Falta de experiência em gestão empresarial	06	12.5	2.7
	Características pessoais	06	12.5	2.7
	Falta de conhecimento técnico	06	12.5	2.7
	Subtotal	48	100	21.9
Gestão	Problemas na gestão econômica e financeira	19	19.5	8.6
	Dificuldades de acesso a crédito	18	18.5	8.2
	Falta de planejamento estratégico	07	7.2	3.1
	Falhas, subutilização e falta de informação	07	7.2	3.1
	Falta de alianças estratégicas e redes de cooperação	06	6.1	2.7
	Problemas na gestão contábil	05	5.1	2.2
	Problemas na gestão da qualidade	05	5.1	2.2
	Problemas em gestão estratégica	05	5.1	2.2
	Problemas na gestão de vendas	05	5.1	2.2
	Problemas na gestão de marketing	05	5.1	2.2
	Problemas na gestão de pessoal	04	4.1	1.8
	Problemas na gestão de operações	02	2	0.9
	Problemas na gestão de estoque	02	2	0.9
	Concorrência elevada	02	2	0.9
	Falta de publicidade	02	2	0.9
	Falta de orientação jurídica	01	1	0.4
	Problemas na gestão de logística	01	1	0.4
Problemas na gestão de compras	01	1	0.4	
Subtotal	97	100	44.2	
Inovação	Falta de inovação no desenvolvimento de produtos, serviços e processos	18	51	8.2

	Falta de tecnologias	13	29.7	5.9
	Falta de políticas e práticas ambientais sustentáveis	04	10.6	1,8
	Ausência de responsabilidade social corporativa	01	8.5	0.4
	Subtotal	36	100	18.3
Clientes	Localização inadequada	04	33.3	1.8
	Dificuldades em reter clientes	03	25	1.3
	Falta de adequação e acessibilidade na infraestrutura	03	25	1.3
	Dificuldades em conquistar novos clientes	02	16.6	0.8
	Subtotal	12	100	5.4
Fatores Externos	Forças disruptivas	11	42.3	5.0
	Crises econômicas e financeiras	07	26.9	3.1
	Carga tributária elevada	05	19.2	2.1
	Falta de políticas públicas	03	11.5	1.3
	Subtotal	26	100	11.8
	Total	219		100

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresenta resumidamente as descobertas deste estudo e como eles estão relacionados para atender aos objetivos desta tese. Além disso, são apontadas sugestões para investigações futuras e limitações da pesquisa.

5.1 Conclusões

Esta tese se concentrou em compreender os principais fatores que contribuem para a risco de mortalidade das MPEs. Em síntese, foi verificado que os estudos sobre mortalidade empresarial se expandiram a partir de 2016. Os artigos publicados exploraram também os temas sobre sobrevivência, fracasso e crescimento de MPE. No ano de 2019 e 2020 cresceu o número de publicações e isto é explicado pelo fato do empreendedorismo ser uma tendência global, um impulsionador do crescimento econômico. Dessa forma, a gestão das MPEs ganhou importância nos níveis social, governamental, empresarial e acadêmico. O aumento em 2020 também é explicado pelo impacto que a pandemia Covid-19 gerou nas MPE e com isso, a maioria dos trabalhos desenvolvidos foi baseada no efeito que esta crise ocasionou neste segmento.

No **Artigo 1**, a partir de uma revisão sistemática da literatura, foi elaborada uma lista de determinantes ao risco de mortalidade e elaborado um modelo conceitual mostrando as relações entre as dimensões de risco e seus fatores críticos. Foram analisados 106 artigos publicados e os resultados mostraram 36 fatores que contribuem para o risco de mortalidade. As dimensões de risco identificadas foram: Empreendedor, Gestão, Inovação, Clientes e Fatores Externos. E, as que mais se destacaram pela quantidade de determinantes de risco foram: Gestão, Empreendedor e Inovação. Em 'Empreendedor' é importante o desenvolvimento de habilidades e competências que, refletirão na produtividade da organização. Na gestão, o empreendedor deve conhecer todas as ferramentas necessárias e disponíveis para o bom desempenho dos negócios e redução de falhas. Por meio da inovação, produtos e serviços são criados para atender aos consumidores e os processos organizacionais são otimizados para melhorar a produtividade dos negócios.

O **Artigo 2** se concentrou em propor um modelo para prever o risco de mortalidade em MPEs, durante a pandemia, a partir da aplicação da técnica multivariada de regressão logística. Para a construção do modelo foram utilizados dados secundários de uma pesquisa realizada pelo Sebrae Nacional, no período de 20 a 24 de novembro/2020. Foram testadas para a compor o modelo 19 variáveis explicativas referentes a gestão, a inovação e ao perfil

do empreendedor e da empresa. Desse total 8 variáveis apresentaram significância estatística para explicar o risco de mortalidade. As variáveis/fatores significativos ao risco foram: o 'faturamento', 'demissão de funcionário', 'dívidas/empréstimos', 'redes sociais', 'faixa etária', 'escolaridade', 'tempo em atividade da empresa' e 'ramo de atuação'. Verificou-se que três fatores foram gerenciais, um fator foi de inovação, dois fatores foram de características do perfil do empreendedor e dois fatores foram vinculados ao perfil da empresa.

Com base no estudo do Artigo 2 que foi desenvolvido em MPEs brasileiras, buscou-se centralizar a análise na região sudeste. Assim, o **Artigo 3** se concentrou em verificar as diferenças existentes entre os determinantes de risco das empresas inativas, comparados em dois cenários distintos da pandemia: início (abril/2020) e durante (setembro/2021). Foi realizada uma pesquisa exploratória e o objeto desta pesquisa foram as micro e pequenas empresas brasileiras situadas na região sudeste. Os resultados mostraram diferenças significativas existentes entre os determinantes de risco e os anos (2020 e 2021). Com isso foi possível determinar os fatores que estão relacionados no risco de mortalidade em MPEs, comparados em dois cenários distintos da pandemia. Foi constatado que as variáveis 'Necessidade de empréstimo. Aprovação/reprovação de empréstimo, setor de atividade, faixa etária, gênero, porte da empresa e escolaridade apresentaram relação de dependência com o risco. Com isso, é possível concluir que estas variáveis foram importantes para determinar o risco de mortalidade nos dois cenários da pandemia.

Acrescenta-se que os resultados da análise dos determinantes que contribuem para o risco de mortalidade estão todos relacionados pois os fatores identificados no artigo 1, também aparecem no estudo empírico do artigo 2 e 3. Os achados apresentaram um conjunto de fatores críticos que conduzem ao risco de mortalidade sendo destacado os riscos associados a processos inovadores, ao gerenciamento empresarial e as características do empreendedor.

Conclui-se que este estudo buscou ampliar a discussão sobre os determinantes que contribuem para o risco de mortalidade em MPEs, confirmando a relevância dos fatores que merecem ser observados e priorizados, pelos empreendedores, com ações estratégicas para evitar o risco.

5.2 Sugestões para futuras pesquisas

Recomenda-se que pesquisas futuras incluam as sugestões que foram propostas em cada um dos artigos. Acrescenta-se, a importância em identificar as empresas que cresceram

durante a crise para conhecer as práticas gerenciais desenvolvidas, que trouxeram resultados positivos, a fim de adaptá-las as MPEs.